

Magia das Runas – V. M. Samael Aun Weor

Magia das Runas

<u>MAGIA DAS RUNAS</u>	1/128
<u>BREVE APRESENTAÇÃO</u>	2/128
<u>1 – A MÃE DIVINA E OS DEUSES SANTOS</u>	4/128
<u>2 – UNIVERSOS PARALELOS</u>	6/128
<u>3 – RUNA FA</u>	8/128
<u>4 – DEUSES PENATES</u>	11/128
<u>5 – OS PUNCTA</u>	13/128
<u>6 – RETORNO E TRANSMIGRAÇÃO</u>	15/128
<u>7 – RUNA IS</u>	17/128
<u>PRÁTICA</u>	18/128
<u>8 – O OVO CÓSMICO</u>	20/128
<u>9 – O ORÁCULO DE APOLO</u>	22/128
<u>10 – A RUNA AR</u>	24/128
<u>PRÁTICA</u>	25/128
<u>11 – PRÓTON E ANTIPRÓTON</u>	26/128
<u>12 – AS HARPIAS</u>	29/128
<u>13 – RUNA SIG</u>	31/128
<u>PRÁTICA</u>	33/128
<u>14 – O AIN SOPH</u>	34/128
<u>15 – O REI HELENO</u>	36/128
<u>16 – A RUNA TYR</u>	38/128
<u>PRÁTICA</u>	39/128
<u>17 – A MEDITAÇÃO</u>	41/128
<u>18 – O DISFORME GIGANTE POLIFEMO</u>	43/128
<u>19 – RUNA BAR</u>	45/128
<u>PRÁTICA</u>	46/128
<u>20 – AS DEZ REGRAS DA MEDITAÇÃO</u>	48/128
<u>RESULTADOS</u>	49/128
<u>21 – A TRAGÉDIA DA RAINHA DIDO</u>	51/128

Magia das Runas

<u>22 – A RUNA UR</u>	53/128
<u>PRÁTICA</u>	54/128
<u>23 – HISTÓRIA DO MESTRE MENG SHAN</u>	56/128
<u>24 – O PAÍS DOS MORTOS</u>	58/128
<u>25 – RUNAS DORN E TORN</u>	60/128
<u>PRÁTICA</u>	61/128
<u>26 – O EGO</u>	63/128
<u>27 – A CRUEL MAGA CIRCE</u>	65/128
<u>28 – RUNA OS</u>	67/128
<u>PRÁTICA</u>	68/128
<u>29 – ORIGEM DO EU PLURALIZADO</u>	70/128
<u>30 – AS TRÊS FÚRIAS</u>	73/128
<u>31 – RUNA RITA</u>	75/128
<u>PRÁTICA</u>	77/128
<u>32 – A DIVINA MÃE KUNDALINI</u>	79/128
<u>33 – A FORJA DOS CICLOPES (O SEXO)</u>	82/128
<u>34 – RUNA KAUM</u>	84/128
<u>35 – A REGIÃO DO PURGATÓRIO</u>	87/128
<u>36 – O TEMPLO DE HÉRCULES</u>	90/128
<u>37 – RUNA HAGAL</u>	93/128
<u>PRÁTICA</u>	95/128
<u>COMENTÁRIO FINAL</u>	95/128
<u>38 – O RIO LETES</u>	97/128
<u>39 – OS PINHEIROS – AS NINFAS</u>	100/128
<u>40 – RUNA NOT</u>	102/128
<u>PRÁTICA</u>	105/128
<u>PRÁTICA ESPECIAL</u>	106/128
<u>41 – PARSIFAL</u>	107/128
<u>HINO DO GRAAL</u>	107/128
<u>42 – O FOGO SEXUAL</u>	111/128
<u>43 – RUNA LAE</u>	114/128
<u>PRÁTICA</u>	116/128

Magia das Runas

<u>44 – A LIBERAÇÃO FINAL.....</u>	<u>117/128</u>
<u>45 – O SONHO DA CONSCIÊNCIA.....</u>	<u>120/128</u>
<u>46 – RUNA GIBUR.....</u>	<u>123/128</u>
<u>SAUDAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>127/128</u>

MAGIA DAS RUNAS

-

(Mensagem de Natal 1968/69)

Autor: Samael Aun Weor, Grande Mestre Gnóstico, Avatar de Aquário e Patriarca Único das Instituições Gnósticas.

BREVE APRESENTAÇÃO

Caro Buscador gnóstico esoterista, esta obra que você lerá a partir de agora não é mais um manual de esoterismo ou um livro cheio de termos e idéias vagas e subjetivas. A cada página lida, relida e meditada profundamente e, acima de tudo, vivenciada, encontramos um hálito de Eternidade. Ali encontramos as experiências de um Mestre verdadeiro, de um Alto Iniciado autêntico. De um ser que viveu na face desta terra desde há muitos milhões de anos e que, por amor a nós, seres humanos que sobrevivemos às vezes unicamente por sorte ou por piedade da Divindade. Aqui encontram-se mesclados harmoniosamente ensinamentos sobre as tradições míticas greco-romanas, experiências internas de Samael Aun Weor nos Mundos Internos, e também, profundas explicações acerca do alfabeto mágico mais antigo do mundo, o Alfabeto Rúnico.

Este alfabeto, ou Dança Mágica, é um compêndio de letras, de Magia, Teurgia, Ciência Cósmica e Psicologia Profunda. Esta arma gnóstica será o alfabeto do futuro, será praticado na futura Idade de Ouro da Era de Aquário, onde as Forças Superiores, as luminosas Energias das estrelas, descerão copiosamente sobre toda a humanidade desta época. Cada habitante da futura Terra aquariana sentirá em seu corpo e em sua alma as poderosas irradiações cósmicas passarem por seu corpo, assim como uma gigantesca corrente elétrica passa por um cabo,

Essa divina energia cósmica das estrelas é um presente dos Deuses Misteriosos que guardam a vida em todas as esferas de vida. Se é um presente para toda a humanidade, então, por que não a sentimos em nosso diário viver? Por que nossos hábitos, nossos sentidos, nossos sistema nervoso, não manifestam essa força da Consciência Cósmica???

A resposta é simples. Não estamos preparados para ser feliz, não estamos preparados para deixar de ser infelizes, não sabemos como encarnar a energia divina que está à nossa espera para transformar e transmutar radicalmente nossa vida. Todos os nossos hábitos, atitudes, pensamentos, sentimentos etc., são inconscientes, são mecânicos, negativos até... É com muita razão que o Venerável Mestre Samael Aun Weor afirma que nós estamos hipnotizados, adormecidos e egoístizados (negativos).

Os fundamentos e a finalidade dos ensinamentos gnósticos é fazer o indivíduo “desaprender”, no sentido de limpar-nos e reequilibrar-nos psicológica e energeticamente.

Com esta Mensagem de Natal, com estes ensinamentos crísticos entregues por Samael, aprendemos mais uma poderosa arma que nos auxiliará a atrair as poderosas forças de nosso Ser Interior, que despertarão nossa Consciência Interior que, como uma Bela Adormecida, espera ansiosamente o divino beijo que virá de nosso Amado Eterno (Deus). Esse beijo, o que é, senão o auxílio direto das forças superiores que nos auxiliarão nesse despertar rumo à Divindade Interna???

Estamos entregando ao público de língua portuguesa mais um título desta série de Mensagens que o Mestre Samael dava em divulgação no final de cada ano durante a celebração do Natal junto aos seus discípulos.

As primeiras Mensagens de Natal eram muito pequenas em tamanho; elas possuíam somente algumas páginas. E, com o tempo e com o crescimento do Ser Interno de Samael, inúmeras obras de maior porte iam surgindo paralelamente a esse crescimento interior de Samael. Tanto impacto causavam que a cada ano as páginas dessas obras iam aumentando, até se tornarem livros de grandes quantidades de páginas. Até que em fins de 1972 que se editaria um livro sem precedentes, intitulado As Três Montanhas, também ele uma Mensagem de Natal, mas já longe do formato dos antigos livretos. Porém, todos os temas colocados nesta série de Mensagens de Natal, como sublimes e belas pérolas de sabedoria, vieram a constituir um extraordinário colar do Conhecimento Divino.

O assunto em foco nesta Mensagem, escrita em fins de 1969 – a magia das runas – é mais uma pérola desse magnífico colar. Só o fato de penetrarmos na profunda compreensão de semelhante conhecimento já nos torna conhecedores do Segredo dos Sábios.

Cabe a nós, agora, apreciar e aproveitar, a cada dia de nossas curtas vidas, estes ensinamentos entregues pelo poderoso Avatar Aquariano e Patriarca Único das Instituições Gnósticas, e agradecer a Deus por Sua misericórdia em no-la ofertar!!!

1 – A MÃE DIVINA E OS DEUSES SANTOS

Virgem Mãe, Filha de teu Filho, a mais humilde e ao mesmo tempo a mais alta de todas as criaturas, marco fixo da vontade eterna, tu és quem enobreceu de tal forma a natureza humana que teu Criador não desdenhou em se converter em sua própria obra. Em teu seio inflamou-se o amor, cujo calor fez germinar esta flor na paz eterna. És aqui, para nós, um meridiano sol de caridade e em baixo, para os mortais, vivo manancial de esperança. És tão grande senhora e tanto vales que todo aquele que deseja alcançar uma graça e a ti não recorra, quer que seu desejo voe sem alma. Tua bondade não só socorre ao que te implora, como muitas vezes se antecipa espontaneamente à súplica. Em ti se reúnem a misericórdia, a piedade, a magnificência e tudo quanto de bom existe nas criaturas. Este, que da mais profunda laguna do universo até aqui viu uma a uma todas as existências espirituais, te suplica lhe concedas a graça de adquirir tal virtude, que possa elevar-se com os olhos até a saúde suprema. E eu, que nunca desejei ver mais do que desejo que ele veja, te dirijo todos os meus rogos, e te suplico para que não sejam vãos, a fim de que dissipes com os teus dedos todas as névoas procedentes de sua condição mortal, de sorte que possa contemplar o sumo prazer abertamente. Ademais, rogo-te ó Rainha, que podes tanto quanto queres, que conserves puros os seus efeitos depois de tanto ver. Que a tua custódia triunfe dos impulsos da paixão humana: olha a Beatriz como junta suas mãos com todos os bem-aventurados para unir suas orações às minhas. (DANTE ALIGHIERI)

Ó Isis, Mãe do cosmos, raiz do amor, tronco, botão, folha, flor e semente de tudo quanto existe. A ti, força neutralizante, te conjuramos; chamamos a Rainha do espaço e da noite. Beijando teus olhos amorosos, bebendo o orvalho de teus lábios, respirando o doce aroma do teu corpo, exclamamos: Ó NUIT! Tu, ETERNA DEIDADE DO CÉU, que és a ALMA PRIMORDIAL, que és o que foi e o que será, a quem nenhum mortal levantou o véu, quando tu estejas sob as estrelas irradiantes do noturno e profundo céu do deserto, com pureza de coração e na flama da serpente te chamamos. (RITUAL GNÓSTICO)

Glória, glória à Mãe Kundalini que, mediante a sua infinita graça e poder, conduz o Sadhaka de chacra em chacra e ilumina seu intelecto identificando-o com o supremo Brahman. Possam as suas bênçãos nos alcançar! (SIVANANDA)

Porventura, o troiano Enéas não foi filho do herói Anquises e da deusa Vênus?

Quantas vezes a Mãe Divina se mostrou favorável aos troianos, inclinando também em favor deles a vontade de Júpiter (o Logos Solar), pai dos deuses e dos homens?

Ó Eolo, Senhor do Vento, tu que tens o poder de apaziguar e de encrespar as ondas do imenso mar, tu que submergiste parte da frota troiana nas embravecidas ondas, responde-me: Que seria de ti sem tua Divina Mãe Kundalini? De onde tirarias tão grande potestade?

Ó Netuno, Senhor das sublimes profundidades marítimas, tu, grande Deus, diante de cujo divino olhar fogem os ventos e se apaziguam os furiosos elementos. podes porventura negar que tens uma Mãe? Ó Senhor das profundezas, tu bem sabes que sem ela não empunharias em tua direita esse admirado tridente, que te confere o poder de reinar sobre os espantosos recônditos do abismo.

Ó Netuno! Venerável Mestre da humanidade. Tu que deste aos povos da submersa Atlântida preceitos tão sábios, recorda-nos, grande senhor, a todos que te amam, aqueles momentos.

Quando o Aquilão levanta as ondas até o céu e alguns naufragos se vêm lançados aos astros, enquanto que outros submergem nos profundos abismos, nenhuma esperança mais lhes resta que a tua misericórdia.

O Noto estraçalha os navios contra os escolhos ocultos no fundo e o Euro precipita-os contra as costas, encalhando-os na areia ou quebrando-os contra escarpadas rochas, porém tu, Senhor Netuno, salva a muitos dos que nadam e depois tudo fica em silêncio.

As grutas das paragens misteriosas, onde moram as ninfas marinhas, conservam a lembrança de tuas obras, ó grande Deus.

Todos que conheceram os perigos do tempestuoso oceano da vida, a terrível raiva de Cila, a dos recifes mugentes, as rochas dos vigilantes ciclopes, o caminho áspero que conduz ao Nirvana e os duros combates de Mara, o tentador, com sua três Fúrias, nunca cometam o delito da ingratidão, jamais se esqueçam de sua Mãe Divina.

Bem-aventurados daqueles que compreendem o mistério de sua própria Mãe Divina. Ela é a raiz da própria Mônada. Em seu seio imaculado, gera-se o menino que leva em seus braços, nosso Buda Intimo.

Vênus, descendo dos altos cumes, disfarçou-se de caçadora para visitar o seu filho Enéas, o herói de Tróia, com o propósito de orientá-lo até Cartago, onde reinava florescente a rainha Dido, aquela que depois de ter jurado fidelidade perante as cinzas de Siqueu se matou por paixão.

A adorável tem o poder de fazer-se visível e tangível no mundo físico quando assim o queira.

Ó mortais ignorantes! Quantas vezes, meu Deus, vocês não foram visitados pela Mãe Divina e, sem dúvida, não a reconheceram?

Que ditoso foste, ilustre cidadão da soberba Ílion, quando tua Adorável Mãe te cobriu com uma nuvem para te fazer invisível!

Vós que cobiçais poderes mágicos, porventura, ignorais que vossa Sagrada Mãe é onipotente?

Ó Senhora Minha! Somente o cantor Iopas com a sua longa cabeleira e sua cítara de ouro poderia cantar tuas bondades.

2 – UNIVERSOS PARALELOS

Uma hipótese audaz sugere a existência de um universo fantasma semelhante ao nosso, havendo entre esses dois universos apenas uma interação muito débil, de modo que não vemos o outro mundo que se mistura com o nosso.

O gnosticismo científico e revolucionário vai muito mais longe nessa questão. Afirma enfaticamente a coexistência harmoniosa de uma infinidade de universos paralelos.

A exclusão radical desse conceito científico e transcendental deixaria sem explicação lógica uma série considerável de fatos inclassificáveis, como desaparecimentos misteriosos, etc.

Nas perfumadas e deliciosas margens do rio que alegre e feliz desliza cantando pelas selvas profundas de uma região tropical da América do Sul, certa vez um grupo de inocentes meninos viu, com horror, desaparecer a sua própria mãezinha. Viram-na flutuar no espaço por alguns instantes e depois pareceu submergir em outra dimensão.

Num dia de verão de 1809, Benjamin Bathurst, embaixador da Inglaterra na corte da Áustria, achava-se em uma pequena cidade da Alemanha. Sua carruagem deteve-se diante de uma estalagem. O embaixador desceu e caminhou alguns passos. Os cavalos ocultaram sua imagem por uns momentos e diante do estalajadeiro, seus próprios criados e alguns viajantes que por ali se encontravam, sumiu para nunca mais reaparecer.

Nestes aziagos dias de nossa vida, os desaparecimentos misteriosos de homens, mulheres, crianças, navios, aviões... multiplicam-se escandalosamente, apesar dos serviços de inteligência e dos magníficos equipamentos de radar e rádio que teoricamente não deveriam permitir tais mistérios.

O conceito de Universos Paralelos resulta bem mais exato e mais científico que os famosos planos subjetivos do pseudo-ocultismo reacionário.

Uma análise profunda nos levaria à conclusão lógica de que esses universos não somente existem nas dimensões superiores do espaço, como também nas submersas infradimensões.

De nenhuma maneira seria absurdo afirmar que, dentro de cada Universo Paralelo, existe uma seqüência de universos. Chamemo-los de átomos, moléculas, células, partículas, organismos, etc.

Por favor, querido leitor, tenha a bondade de refletir e compreender. Não estamos falando de universos de anti-matéria que é algo totalmente diferente. A antimatéria obedece exatamente às mesmas leis que regem a matéria, apenas que cada uma das partículas que a compõem tem uma carga elétrica inversa à da matéria que conhecemos.

No seio profundo da Mãe-Espaço, há milhões de galáxias constituídas de antimatéria, porém elas também têm seus UNIVERSOS PARALELOS.

Nenhum físico ignora que este universo em que vivemos, nos movemos e morreremos, existe graças a certas constantes: velocidade da luz, constante de Planck, número de Avogadro, carga elementar, elétron-volt, energia em repouso de um corpo de massa igual a 1 kg, etc.

Um universo que possua constantes radicalmente diferentes resulta completamente estranho e inimaginável para nós, porém se as diferenças não são muito grandes, as interferências com nosso mundo se tornam possíveis.

Os sábios modernos inventaram um espelho mágico assombroso: o acelerador de prótons.

Realmente, são assombrosas as cenas de nosso vizinho Universo Paralelo, situado na quarta dimensão. Causa perplexidade, indecisão e incerteza o comportamento extraordinário de certa misteriosa partícula denominada méson K.

Três cientistas chineses que residem e trabalham nos Estados Unidos, Lee, Yang e a senhora Wu, descobriram com assombro e surpresa que os mésons K não cumpriam a lei de conservação da paridade.

A admirável, estupenda e insólita descoberta veio a demonstrar que o méson K se conduz de uma maneira estranha porque é perturbado pelas maravilhosas forças do Universo Paralelo.

Os modernos cientistas acercam-se perigosamente da quarta dimensão e até tentam perfurá-la com a ajuda do neutrino.

O neutrino é prodigioso, de causar pasmo, pois possui a capacidade de atravessar uma espessura infinita de matéria sem reação apreciável.

Os fótons, grãos de luz, podem vir do infinito inalterável, mas basta uma delicada folha de papel para detê-los. Em troca, o neutrino pode atravessar o planeta Terra em sua totalidade como se fosse vazio. É pois, a todas as luzes, o agente indicado para penetrar no Universo Paralelo vizinho.

Tempos atrás, o famoso cientista italiano de nome Bruno Pontecorvo propôs a construção de um telescópio de neutrinos. Sua idéia foi surpreendente porque com tal instrumento ótico revolucionário poder-se-ia penetrar no Universo Paralelo vizinho.

De fato, surpreendente saber que os mésons, cujo comportamento permitiu aos cientistas chineses proporem a hipótese dos Universos Paralelos, sejam obtidos nas desintegrações com emissão de neutrinos.

Os Universos Paralelos interpenetram-se mutuamente sem se confundirem. Cada um possui o seu espaço que não é do nosso campo de ação.

O gnosticismo científico e revolucionário vai muito além das simples hipóteses e suposições e afirma solenemente a existência dos Universos Paralelos.

Os estudantes de esoterismo necessitam de uma revolução cultural e espiritual. Essa questão de planos e subplanos constitui um tema que além de jamais ter sido claro e objetivo, conduziu a muita confusão. Precisa-se mudar o léxico esoterista com urgência. Necessita-se de um novo vocabulário ocultista, uma linguagem especial e revolucionária que sirva exatamente para a ideologia da Era de Aquário.

Ao invés dos citados planos metafísicos das teorias empoladas, falemos de Universos Paralelos.

3 – RUNA FA

Dissemos de forma solene nas Mensagens de Natal precedentes que o pobre animal intelectual é tão somente uma crisálida, na qual deve se formar e se desenvolver isso que se chama homem.

Realmente, o que se precisa para desenvolver e criar dentro de nós essa possibilidade de homem é de Fogo Solar.

Fohat é a força geradora, o fogo central vivo e filosofal que pode originar, dentro da cosmobiologia do animal racional, o autêntico e legítimo mutante, o homem real e verdadeiro.

Há muitos tipos de fogo. Recordemos os fogos de Santelmo durante as tempestades.

Lembre-mos daquela misteriosa coluna de fogo que, de noite, guiava os israelitas no deserto.

Será útil lembrarmos a essas luminescências estranhas dos cemitérios que a Física catalogou, a seu modo, sob o nome de fogos-fátuos.

Existem ainda muitas reminiscências sobre raios em forma de bolas, meteoros-gato, etc.

H. P. Blavatsky alude em sua monumental obra intitulada A Doutrina Secreta, naquele parágrafo em que comenta o Caos dos Antigos, ao fogo sagrado de Zoroastro, o famoso Atash-Behran dos parses.

Que inefáveis são as palavras de H. P. Blavatsky, quando fala do fogo de Hermes!

São notáveis as explicações dessa grande mártir do século passado, quando nos relembra o fogo de Hermes dos antigos germanos; o relâmpago fulgurante de Cibeles; a tocha de Apolo, a chama do altar de Pan, as brilhantes chispas nos chapéus dos Dióscuros, na cabeça das Górgones, no elmo de Palas e no Caduceu de Mercúrio.

Que sublimes foram os inextinguíveis fogos nos templos de Apolo e de Vesta!

Que excelso foi o Ptah-Ra egípcio! Quão magno resplandeceu na noite dos séculos do Zeus Cataibates, o qual desce do céu para a terra, segundo Pausânias.

A sarça ardente de Moisés e as línguas de fogo de Pentecostes são certamente muito similares ao nopal flamejante da fundação do México.

A inextinguível lâmpada de Abraão ainda brilha refulgente e terrivelmente divina.

O fogo eterno do abismo sem fundo ou o Pleroma dos gnósticos é algo que jamais se poderá esquecer.

Falando do fogo sagrado, convém mencionar ainda os fúlgidos vapores do oráculo de Delfos, a luz sideral dos gnósticos-rosacruz, o Akasha dos adeptos hindustânicos, a luz astral de Eliphas Levi, etc.

Todos os livros iniciáticos estão escritos com caracteres de fogo. Precisamos fecundar nossa natureza íntima se, de verdade, queremos que o Homem Solar nasça dentro de nós.

INRI: Ignis Natura Renovatur Integram. O fogo renova a toda a Natureza.

Entre os múltiplos fogos que crepitam na Águia Divina, aquele que resplandece, luz e brilha na glândula pineal, parte superior do cérebro, é sempre o pássaro do Espírito Santo, o qual transporta a Arca de cidade em cidade, isto é, de chacra em chacra, ao longo da espinha dorsal.

Precisamos despertar a consciência com a máxima urgência, se realmente queremos nos auto-conhecer. Só o homem auto-consciente consegue penetrar à vontade nos Universos Paralelos.

Os adeptos da Hatha-Yoga falam muito de Devi-Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, e até supõem que conseguem despertá-la à base de exercícios respiratórios e outras práticas físicas complicadas e difíceis.

Nós os gnósticos sabemos que a Serpente de Bronze que curava os israelitas no deserto, a Divina Princesa do Amor, somente desperta e sobe pela espinha dorsal com a prática da maithuna.

No entanto, convém não subestimar o Pranayama. Saibam que a ciência mágica do alento sabiamente combinada com a meditação científica permite a utilização de certas chispas, centelhas ou raios do Kundalini, as quais produzem o despertar.

Trabalhar conscientemente nos vários Universos Paralelos, viajar à vontade com plena lucidez por todas essas regiões supra-sensíveis, só é possível transformando o subconsciente em consciente.

Existe o Judô do espírito. Estamos nos referindo aos exercícios rúnicos, os quais são formidáveis para se conseguir o despertar da consciência.

Quem quiser trabalhar com esse Judô deve começar com a runa de Mercúrio, cuja cor **violeta** produz forças cósmicas extraordinárias.

Saibam que a citada runa nórdica encerra em si mesma toda a potência e todo o impulso da fecundação.

Precisamos do alento do Fohat para fecundar a nossa própria psique, precisamos de chispas pentecostais para nos tornar auto-conscientes. Se analisamos as práticas da runa FA, podemos evidenciar que nelas há pranayama, oração, meditação e certa postura sagrada.

PRÁTICA

Devemos saudar cada novo dia com imensa alegria. Quando nos levantamos da cama, devemos elevar os braços para o Cristo-Sol, Nosso Senhor, de tal forma que o braço esquerdo fique um pouco mais levantado que o direito. A palma das mãos permanece diante da luz nessa inefável atitude de quem realmente aspira receber os raios solares.

Esta é a sagrada posição da **runa FA**.

Uma vez assim postados, trabalharemos agora com o pranayama, respirando pelo nariz e exalando o ar pela boca de maneira rítmica e com muita fé.

Imaginemos que a luz do Cristo-Sol entra em nós pelos dedos das mãos, circula pelos braços, inunda todo o nosso organismo e chega até a consciência, estimulando-a, despertando-a e chamando-a à atividade.

Nas noites misteriosas e divinas, pratiquem com esse Judô rúnico diante do céu estrelado de Urânia. A posição é a mesma, porém devemos acrescentar a seguinte oração:

FORÇA MARAVILHOSA DO AMOR, AVIVA MEUS FOGOS SAGRADOS PARA QUE A MINHA CONSCIÊNCIA DESPERTE.

A seguir, canta-se os mantras: FA... FE... FI... FO... FU..., alongando-se o som das vogais.

Esta pequena e forte oração pode e deve ser rezada com todo o coração tantas e quantas vezes se quiser.

4 – DEUSES PENATES

Por quatro vezes chocou-se o Cavalo de Tróia violentamente contra os invictos muros, deixando escapar de seu monstruoso ventre metálico o rumor de muitas armas, porém os troianos não se detiveram, cegados que estavam por um Deus que assim o quis.

Então, Cassandra profetizou, vaticinando uma tremenda ruína. Possuída por espírito divino agitava-se convulsa, tendo o cabelo em desordem, porém como Apolo a havia castigado, ninguém quis escutá-la.

Ó Cassandra, dos maravilhosos presságios! Que terrível foi o teu Carma. Foste arrastada pelos cabelos de maneira cruel, impiedosa, desumana e bárbara, enquanto que os ferozes e sanguinários Aqueus, no palácio do velho Príamo, derrubavam as augustas torres, dismantelavam os veneráveis muros e a tudo profanavam com o terrível bronze homicida.

As esplêndidas e suntuosas dependências da Casa Real do velho rei encheram-se de soldados impiedosos e cruéis. Hécuba e suas desesperadas cem noras corriam como loucas pelas salas e passeios. O sangue do ancião Príamo manchava de púrpura o sacro altar dos Deuses Santos.

Está escrito que quando os Deuses querem perder aos homens primeiro os confundem.

Inúteis foram as maldições do venerado monarca. Pirro desfere o golpe cruel contra o venerável ancião e o degola junto ao altar de Júpiter, Pai dos Deuses e dos homens.

Horrenda morte teria sofrido a Bela Helena, se Vênus, a Divina Mãe Kundalini de Enéas, não houvesse detido o temível braço de seu filho. Ela se faz visível e tangível diante do herói troiano e cheia de dor lhe diz: Meu filho, para que este ressentimento? Para que este furor? Te esqueceste tão rapidamente assim de socorrer os teus? Por todas as partes há gregos armados e se não fosse eu para velar por tua família, há tempo já teriam perecido. Não creias, infeliz, que tenha sido a beleza dessa espartana a única causa da destruição da cidade. Olha, vou tirar o véu que cobre teus olhos mortais e verás quem derruba os impérios.

Ditas estas palavras, a Divina Mãe Kundalini passou sua adorada mão pelos terríveis olhos do herói troiano e tudo se transformou diante de suas vistas de águia rebelde.

Os guerreiros, os generais, os conselheiros, as lanças, as máquinas de assalto... tudo desapareceu como por encanto e em seu lugar viu algo terrivelmente divino: os Deuses Sagrados golpeavam duramente, com suas égides, as invictas muralhas da soberba Ílion, as quais caíam com grande estrondo, ruído e fragor.

Contam as velhas tradições que o guerreiro de Tróia pode ver, na parte do mar, ao Deus Netuno fazendo uma enorme e profunda brecha com seu tridente de aço.

Tudo o que ele viu foi espantoso. Júpiter Tonante lançava os raios de lá do Olimpo, enquanto que Minerva, a Deusa da Sabedoria, matava milhares de guerreiros troianos com seu implacável cetro.

A adorável e divina Mãe Kundalini de Enéas dia ainda a seu filho: Estás vendo? Somos nós mesmos, tudo está perdido. Este é o decreto celeste. Tróia tinha de sucumbir. Limita-te a fugir, filho meu. Cessa todos teus esforços. Eu não te abandonarei e te conduzirei até onde está teu pai, com segurança.

Afirma-se que o paladino troiano imediatamente obedeceu a sua Divina Mãe Kundalini, abandonou a régia hecatombe e dirigiu-se para a sua morada. Lá, deparou-se com um verdadeiro drama

apocalíptico. Gritos, lamentos e palavras de protesto do velho pai que se negava a sair do lar. Enéas desesperado queria regressar ao fragor da batalha apesar dos ternos rogos de sua esposa.

Felizmente, Júpiter Divino, o Cristo Cósmico, interveio enviando um extraordinário prodígio que fez as esperanças renascerem.

O fogo sagrado do altar saltou e atingiu a nobre cabeleira de seu querido filho Iulo, quando quis apagá-lo com a luz lustral, o avô do menino, o pai de Enéas, o chefe supremo da família, reconheceu a Vontade de Deus. Levantou suas trêmula mãos e orou, então escutou-se algo terrível, um trovão espantoso, e uma estrela fugaz passou por cima da casa, indo perder-se imponente na direção do monte Ida.

Tudo isso foi definitivo para que o seu velho pai, antes renitente em abandonar o lar onde havia visto correr tantos anos, se decidisse por fim em renunciar a tudo e a sair com o ínclito guerreiro, sem neto, e toda sua família.

Conta a legenda dos séculos que o respeitável pai de Enéas, antes de abandonar Tróia, teve de entrar no templo de Ceres, a Mãe Cósmica, para recolher com a mais profunda devoção e terror divino seus deuses Penates.

O herói general Enéas não pôde tocar nas sagradas esculturas dos santos e venerados Deuses, pois tinha combatido e matado a muitos homens. Precisava antes purificar-se com a água pura da vida para obter o direito de tocar essas efígies terrivelmente divinas.

Um sopor de incontáveis séculos pesa sobre os antigos mistérios e os Deuses Penates continuam existindo nos Universos Paralelos.

Os hierofantes podem conversar com esses Deuses Penates, regentes das cidades, povos, aldeias e lugares, nos mundos supra-sensíveis das dimensões superiores do espaço. O bendito Patrono de um povo é o seu Deus Penate ou Santo Anjo da Guarda. O Reitor Secreto de qualquer cidade é sua deidade especial. O Espírito protetor de qualquer família é seu diretor espiritual.

Todos os Gênios ou Jinas misteriosos das raças, famílias, nações, tribos, clãs... constituem os Deuses Penates dos tempos antigos que continuam existindo nos mundos superiores.

Muitas vezes temos conversado com esses Deuses Penates, regentes de antigas cidades clássicas, sendo que alguns padecem o indizível, pagando terríveis dívidas cármicas.

Ulisses, vigiando a rica presa de guerra: as taças de ouro, as pedras preciosas de incalculável valor, clamava na trágica noite por Creusa, sua esposa. Assim, cumpriu-se a vontade dos Santos Seres, ardeu Tróia e morreu Creusa, porém Enéas junto com o seu velho pai, seu filho e muita gente, fugiu para as terras do Lácio, levando seus Deuses Penates.

5 – OS PUNCTA

Análises científicas profundas têm demonstrado de forma contundente, convincente e decisiva que o átomo não é, de modo algum, a partícula mais infinitesimal da matéria.

Os físicos atômicos criaram o dogma do átomo e de forma firme, irrevogável e inapelável, excomungam, maldizem e lançam suas imprecações e anátemas contra todo aquele que tente ir um pouco mais longe.

Os gnósticos afirmamos de maneira enfática e solene que a matéria se compõe de certos objetos definidos, conhecidos corretamente com o nome de puncta.

Nossa teoria científica criará, de fato, uma desavença, um cisma, entre os acadêmicos, mas a verdade tem de ser dita. Precisamos ser francos e sinceros e pôr as cartas na mesa de uma vez por todas.

Dentro dos puncta, a noção de espaço não tem a menor importância. Ainda que pareça incrível, dentro dos puncta, o raio de um dos sete últimos pontos é, fora de toda dúvida, a menor longitude existente.

Um grande sábio, cujo nome não menciono, disse: Os puncta atraem-se quando se encontram longe um do outro. Repelem-se quando estão muito perto. Depois, a uma certa distância, torna a se exercer uma nova atração.

Profundas investigações feitas com o sentido espacial plenamente desenvolvido, de forma íntegra, me permitiram evidenciar claramente que os puncta têm uma bela cor dourada. A experiência mística direta permitiu perceber claramente que os movimentos de interação dos puncta desenvolvem-se de acordo com a teoria da mecânica ondulatória moderna.

Os sábios gnósticos, através de observações científicas rigorosas, puderam compreender profundamente que os puncta não são átomos, nem núcleos, nem partículas de espécie alguma. Fora de toda dúvida e sem temor de nos equivocarmos, podemos e devemos afirmar categoricamente que os puncta são entidades totalmente desconhecidas para a física moderna.

Seria absurdo dizer que os puncta ocupam espaço. Para uma mente acostumada com as graves disciplinas do pensamento, resultaria ilógica e disparatada a afirmação de que tais objetos possuíssem qualquer tipo de massa.

A todas as luzes resulta claro entender que os puncta não têm propriedades elétricas ou magnéticas, ainda que tais forças e princípios os governem e dirijam.

Diversos agregados de puncta, sob o inteligente impulso do Logos Criador, vêm a se constituir nisto que chamamos de neutrinos, partículas, núcleos, átomos, moléculas, estrelas, galáxias, universos, etc.

A experiência mística direta no Universo Paralelo da sétima dimensão ou região do Atman inefável, me permitiu compreender que tudo o que existe em qualquer um dos sete cosmos, desde o mais insignificante átomo até o organismo mais complexo, reduz-se em última análise a números.

Que quantidade de puncta se torna indispensável para a construção de um elétron?

Que capital de puncta se requer para estruturar um átomo de hidrogênio?

Que soma exata de puncta se precisa para dar existência a um átomo de carbono?

Quantos puncta são necessários para a criação de um átomo de oxigênio?

Qual é o compêndio preciso de puncta, básico, cardeal, para a formação de um átomo de nitrogênio?

Infelizmente, ainda ignoramos a tudo isso. O segredo do universo, de todos e de cada um dos sete cosmos, deve ser procurado nos números, nas matemáticas, e não nas formas simbólicas.

Depois de rigorosas observações e de análises profundas, chegamos à conclusão que o movimento ondulatório mecânico dos puncta se processa em séries que passam de uma dimensão para outra e para outras.

As sete ordens de mundos têm sua causa causarum, origem e raiz em sete séries de puncta.

Claramente se deduz que a primeira série deu origem à segunda, esta à terceira e assim sucessivamente. Analisando, examinando esta questão dos puncta e de seu desenvolvimento em séries que se processam multidimensionalmente, encontramos a própria base dos Universos Paralelos. A análise, a experiência, a lógica superior, permitem a compreensão de que há universos que viajam no tempo de maneira bastante diferente da nossa e que estão construídos de forma estranha, submetendo-se a leis bem distintas. Pelo espaço estrelado, viajam mundos que estão situados em outros tempos, estranhos e misteriosos para nós.

A natureza mantém múltiplos jogos nos espaços sem fim, mas os puncta são o fundamento vivo de todo e qualquer tipo de matéria.

Em nenhum rincão do infinito se escreveu jamais o último tratado da Física e, se um Einstein viesse a se reencarnar em alguma galáxia de antimatéria, com assombro, teria de auto-reconhecer como um analfabeto.

Os pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas muito escreveram sobre cosmogênese, porém no espaço infinito há milhões de microfísicas e cosmogonias diferentes.

Precisamos analisar, observar judiciosamente e passar para além das partículas da física moderna se de fato queremos conhecer os elementos primários, os puncta fundamentais.

Chegou a hora de transcender o atomismo ingênuo e de estudar profundamente os puncta e as secretas leis da vida.

6 – RETORNO E TRANSMIGRAÇÃO

Contam antigas tradições que Enéas, o troiano, permaneceu algum tempo refugiado com sua gente nos bosques de Ída até que os helenos abandonassem a velha Tróia.

Quando os gregos abandonaram as heróicas ruínas da soberba Ílion, Enéas constrói sua frota e chorando abandona as praias da pátria e a planície solitária, onde estava situada a antiga cidadela agora convertida em um montão de enegrecidas ruínas.

Sob a luz do plenilúnio, o vento incha as doces velas e o remo luta com o suave mármore marítimo. Assim chegou o herói com seus navios e sua gente às costas da Trácia, rude país, onde esperava encontrar terra acolhedora, já que os trácios tinham sido aliados do ancião Príamo.

Dia a história dos séculos que na rude terra dos trácios, Enéas fundou uma cidade à qual deu seu nome, chamando-a Eneada.

Quando Enéas e os troianos fazem o sacrifício a Júpiter, o Cristo Cósmico, nos precisos momentos em que se preparavam para acender o fogo e imolar o branco touro, um extraordinário prodígio se verifica. Os galhos que cortavam para queimar deixaram cair, ao invés da seiva, um sangue negro e corrompido que manchava a terra.

Enéas ficou gelado de terror e suplicou aos Deuses Inefáveis que fizessem com que aquele presságio se tornasse favorável a seus desígnios.

Conta-se que o herói rompeu outros galhos da mesma árvore, porém todos gotejavam sangue. De repente, chegou a seus ouvidos uma voz que parecia sair das raízes da planta que dizia: Enéas, por que me despedaças? Respeita a um pobre infeliz e não cometas a crueldade de me torturar. Sou eu, Polidoro, a quem os inimigos crivaram de feridas neste mesmo lugar. Os ferros que cravavam em meu corpo germinaram e criaram uma planta que, em lugar de puas, dá aceradas azagaias.

Relatam as lendas que sob o monte da terra, onde estavam encravadas as raízes da árvore, Enéas fez consagrar um altar aos manes do morto e libações de vinho e leite foram derramadas. Assim, celebraram-se os funerais de Polidoro, o falecido guerreiro morto na dura batalha.

Desde os antigos tempos da Arcádia, quando ainda se rendia culto aos Deuses dos quatro elementos do universo e às divindades do milho brando, os velhos hierofantes, encanecidos na sabedoria, nunca ignoraram a multiplicidade do eu.

Por ventura, seria algo raro que alguma dessas entidades, que constituem o Ego, se aferrasse com tanto afã à vida que viesse a renascer em uma árvore? Chega-me à memória aquele caso do amigo de Pitágoras reincorporado em um infeliz cão.

Por acaso, não se ajuda também aos centauros? Que nos diz a lenda dos séculos?

Esses épicos guerreiros, que caíram sangrando entre os elmos e as rodas dos gloriosos mortos por amor a sua gente e a sua pátria, recebem uma ajuda extra, bem merecida, ao retornarem a esse mundo. Está escrito com terríveis palavras que os centauros eliminam uma parte de si mesmos, de seu querido Ego, antes de retornarem a este vale de lágrimas.

Que se reincorpore o menos perverso no corpo humano e que o decididamente criminoso ingresse no crematório dos mundos infernais, é lei para os centauros.

Dante, o velho florentino coroado de laureis, encontrou a muitos centauros no abismo. Lembremo-nos de Quíron, o velho educador de Aquiles, e do irascível Folo.

O grande livro da natureza, escrito com carvões em brasa, diz com uma clareza que amedronta: Muitas partes do Ego se perdem antes do retorno a este mundo. Muitos agregados psíquicos do Ego se reincorporam em organismos de feras, outros se aferram desesperadamente, como o caso de Polidoro, aos galhos das árvores e, por último, certos elementos subjetivos do Ego continuam a sua involução no reino mineral submerso.

Transmigração é, fora de toda dúvida, algo bem similar, somente que com grandes diferenças e com raízes mais profundas.

Entre as tremendas chamas da vida, há pessoas tão bestiais que se lhes extraísse tudo o que têm de grosseiro, não restaria nada. Portanto, é preciso que essas criaturas sejam reduzidas a pó, no interior da terra, para que a Essência, a Alma, se liberte.

Contam as lendas que Capaneu, um dos sete reis que sitiaram Tebas, soberbo exclamou no abismo: Assim como fui em vida, sou depois de morto. Ainda que Júpiter cansasse a seu ferreiro, de quem tomou irado o agudo raio com que me feriu no último dia de minha vida, ainda que fatigasse um após outro todos os negros trabalhadores do Mongibelo, gritando: Ajuda-me, ajuda-me, bom Vulcano, tal como fez Flegra no combate, e me flechasse com todas as suas forças não conseguiria vingar-se devidamente de mim.

No interior do aflito mundo em que vivemos, há involuções espantosas. Ali, a Justiça Divina arrojou a Átila que foi seu açoitado na terra, lançou a Pirro, a Sexto, quem eternamente derrama lágrimas no fervor de seu sangue.

Ao caíres ali, terás de sofrer padecimentos insuportáveis e de onde não há tempo certo para escapar.

Homero disse: Mais vale ser um mendigo sobre a terra do que um rei no império das sombras.

Portanto, a descida aos mundos tenebrosos é uma viagem para trás pela senda involutiva, um afundamento sempre crescente em densidade, em obscuridade, rigidez e tédio inconcebíveis. Uma caída para trás, um retorno, uma repetição dos estados animal, vegetal e mineral. Um regresso ao caos primitivo.

As almas são libertadas do abismo com a segunda morte. Quando o Ego e os corpos lunares se reduzem a pó, elas recebem o recibo da liberdade.

As almas procedentes do interior do planeta, manchadas pela espantosa viagem subterrânea, cobertas de poeira, convertem-se em gnomos do reino mineral, depois em criaturas elementais do reino vegetal, mais tarde em animais e, por último, reconquistam o estado humano que perderam.

Esta é a sábia doutrina da transmigração que Krishna, o Mestre hindustânico, ensinou outrora.

Milhões de almas que morreram no inferno agora brincam como gnomos entre as rochas.

Outras são agora lindas plantas ou vivem dentro de corpos animais, aspirando regressar ao estado humano.

7 – RUNA IS

Descobrimos com místico assombro a nosso próprio Ser, o Íntimo, quando analisamos profundamente a runa IS.

O antigo Testamento da Sabedoria diz: Antes que a falsa aurora amanhecesse sobre a terra, aqueles que sobreviveram ao furacão e à tormenta louvaram o Íntimo e a eles apareceram os arautos da Nova Era.

Na profunda noite de todas as idades, lá no país ensolarado de Kem, quando se estudava a runa IS no sigilo dos templos egípcios, pensava-se sempre na bipolaridade HOMEM–MULHER, masculino–feminino, daí resultava ISIS, o sagrado nome da eterna Mãe Espaço.

Muito se falou em ocultismo sobre a Prakriti, o espaço como entidade feminina maternal, mas nada sabem os pseudo–esoteristas com relação a esse ponto–matemático, no qual se gera sempre o Rei–Sol, o menino de ouro da alquimia sexual.

Não resta dúvida alguma que nesse misterioso ponto reside a própria raiz de nossa Mônada sagrada.

O ponto em si mesmo é a nossa particular Mãe Divina, adorável e eterna, sem princípio nem fim.

Em nossa Mãe Divina Kundalini acham-se contidos todos os sagrados poderes da Mônada (Atman, Budhi e Manas).

Para aqueles que não sejam muito versados em teosofia, diremos que na Mãe Divina particular de cada um encontram-se os poderes de nosso próprio Espírito.

Os pseudo–esoteristas e pseudo–ocultistas muito têm dito sobre a Trindade Imortal ou Espírito Trino de cada ser vivo, porém nada dizem sobre os desdobramentos da Prakriti, a Mãe Divina.

Ela, a Imanifestada, não tem simbolismos entre os gregos, porém, em seu segundo aspecto de manifestação na natureza é a casta Diana tão bendita e adorada.

O terceiro aspecto da Prakriti é o da bendita Deusa Mãe–Morte, terror de amor e lei, a terrível Hécate, Prosérpina, a rainha dos infernos.

Os dois desdobramentos seguintes da Prakriti conduzem-nos ao aspecto negativo da natureza. Ali está o indesejável, o que de maneira nenhuma nos conviria, o reino do terror e da magia negra.

Está escrito que todos esses desdobramentos da Prakriti se repetem no microcosmo–homem.

Os três aspectos superiores da Prakriti formam a base fundamental e com eles devemos aprender a trabalhar. A revolução da consciência seria radicalmente impossível sem a ajuda especial de nossa adorável Mãe Divina própria e particular. Ela é em si mesma nosso próprio Ser, a raiz de nosso Espírito Divino, sua causa e origem. Ela é Isis, a quem nenhum mortal levantou o véu e sobre a chama da serpente a chamamos.

Muitos pseudo–esoteristas e pseudo–ocultistas leram Sivananda. Não há dúvida que esse homem foi de fato um Guru–Deva que trabalhou incessantemente pela humanidade doente. Realmente, confesso que jamais me agradou sua Hatha Yoga. Este tipo de acrobacias sempre me pareceu coisa de circo. Nunca me ocorreu que alguém pudesse se auto–realizar convertendo-se em um acrobata.

No entanto, é de se saber que o citado iogue trabalhou profundamente e muito secretamente com a ioga sexual. Parece que ele empregava a Hatha Yoga como uma espécie de isca para pescar no rio da vida.

Agrada-me comunicar aos amados leitores que o Guru-Deva Sivananda desencarnou gozoso em um Maha-Samádhi, êxtase.

Encontrei-me com ele no Universo Paralelo da quinta dimensão. Minha alegria foi tremenda ao verificar que ele tinha fabricado os seus corpos solares na Forja incandescente de Vulcano. A minha surpresa foi imensa ao constatar que esse Mestre antes de desencarnar já havia morrido em si mesmo.

Sivananda trabalhou intensamente na Grande Obra do Pai. Trata-se, pois, de um Guru-Deva no sentido mais completo da palavra.

Nosso encontro foi singular. Verificou-se em um recinto onde cumpria com meu dever de ensinar. De repente, entrou o grande iogue e como que querendo me reprimir disse: Vocês estão vulgarizando a doutrina. Obviamente, queria referir-se à divulgação da ioga sexual, Maithuna, entre profanos.

De forma alguma poderia permanecer calado. Minha resposta foi franca e sincera, não podendo ser de outro modo, já que pertença à Fraternidade Viril. Pronunciei-me energicamente assim: Estou disposto a responder todas as perguntas que me sejam feitas aqui neste recinto por todos que aqui estejam. Porém, o Guru-Deva Sivananda, inimigo de toda disputa, preferiu sentar-se na sagrada posição búdica para em seguida submergir em profunda meditação.

Senti a mente do iogue dentro de minhas próprias profundezas. O Homem buscava, esquadrihava, explorava, em minhas mais íntimas profundidades. Evidenciava-se que Sivananda queria conversar com meu Real Ser, cujo secreto nome é Samael, e o conseguiu.

Assombrado, tive de exclamar: Sivananda! Tu és um verdadeiro Samyasin do pensamento. O Guru-Deva cheio de êxtase levantou-se e me abraçou, havia compreendido o delineamento revolucionário da nossa doutrina. Por sua vez, exclamou: Agora sim, estou de acordo contigo e direi a todos para que leiam tuas obras. E acrescentou ainda: Conheço tua Mãe (fazendo referência à minha Mãe Divina Particular). Encontrei-a belamente vestida, carregando um manto branco que lhe chega aos pés.

A entrevista foi formidável e aconteceram muitas outras coisas que mantenho em silêncio porque não cabem neste capítulo.

Pratiquemos a runa IS e meditemos na Divina Mãe Kundalini.

PRÁTICA

Na posição militar de sentido, levantemos os braços para formar uma linha reta com o corpo. Depois de orar e pedir ajuda à Mãe Divina, cantemos o mantra ISIS assim:

IIIIIIIIIIIISSSSSSSSSSSSSS... IIIIIIIIIIIIISSSSSSSSSSSSSS...

Alonga-se o som das letras e divide-se a palavra em duas sílabas: IS-IS.

Depois, deitamos, relaxamos o corpo e, cheios de êxtase, nos concentramos e meditamos na Mãe Divina.

8 – O OVO CÓSMICO

Albert Einstein, o famoso autor da teoria da relatividade, em princípios deste século, concebeu um sua mente genial um universo curvo, finito, fechado como um ovo. Ainda ecoa em nossa memória a terrível exclamação daquele homem extraordinário: O infinito tende a um limite.

Ninguém ignora que, mais tarde, Edwin Hubble descobriu com grande assombro, no famoso observatório do Monte Wilson, que todas as galáxias que povoam o espaço infinito se afastam, uma das outras, a velocidades fantásticas. Este fato é inegável. Infelizmente, Georges Lemaitre não soube compreendê-lo e, buscando as causas, chegou a conclusões equivocadas.

Se o universo está em contínua expansão – foi a sua absurda explicação – é porque certo dia houve uma explosão, a partir do centro, de um átomo primitivo.

Lemaitre, com seus cálculos errados, acreditou firmemente que esse núcleo primitivo, original, tinha um diâmetro exíguo, pequeno, insignificante: tão somente a distância entre a Terra e o Sol, ou seja, 150 milhões de quilômetros.

Imaginemos por um momento o espaço infinito bem minúsculo, falando proporcionalmente. O núcleo primitivo, segundo Lemaitre, teria uma densidade tão espantosa que a proximidade dos átomos entre si elevaria a temperatura, como é natural, a centenas de milhões de graus acima de zero. A essa temperatura inconcebível, segundo a teoria proposta, a energia atômica liberada seria tanta e a radiação cósmica tão intensa que tudo terminaria por se deslocar, sobrevivendo uma estupenda explosão como a erupção de um magistral e terrível vulcão.

Maravilhoso tudo isso, mas... quem pôs esse ovo cósmico? Que existia antes? Por que a explosão cósmica teria de se realizar em um determinado instante matemático e não antes, nem depois? Onde está o fundamento de toda essa teoria? Quem poderia ser a testemunha dos fenômenos incluídos nessa hipótese?

Nós gnósticos compreendemos que as galáxias se afastam umas das outras, o que já está demonstrado, mas não significa forçosamente que todas elas tenham partido de um mesmo núcleo. Einstein disse: A massa transforma-se em energia, e todos os sábios do mundo reverentemente se inclinaram perante essa tremenda verdade. Também disse o grande matemático: A energia se transforma em massa, e ninguém pôde refutar semelhante postulado.

Não resta dúvida que energia é igual à massa multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado.

Esse sábios postulados vem a demonstrar que a massa de todos os universos é eterna e imutável. Desaparece aqui para reaparecer lá, numa espécie de fluxo e refluxo, atividade e descanso, dia e noite.

Os mundos nascem, crescem, envelhecem e morrem. Deixam de existir para se transformarem em energia e, em seguida, ressurgem, renascem, quando ela se cristaliza novamente em massa.

Na conta retrospectiva de todos os sete cosmos que fervem e palpitam no espaço infinito, não existe uma hora zero, raiz comum para todos em conjunto. De nossa parte, esclarecemos que, ao se dizer raiz comum neste caso concreto, referimo-nos ao conceito de tempo como hora zero. Isto não significa, de forma alguma, que neguemos a hora zero radicalmente, já que ela existe para cada universo em particular. Trata-se do estado pré-cósmico normal para qualquer sistema solar.

Em outras palavras diremos que todo o sistema solar do inalterável infinito tem seus Mahavântaras e Pralayas, seus dias e noites cósmicas, épocas de atividade e de repouso. Nesta galáxia em que

vivemos, nos movemos e temos nosso ser, há milhões de sistemas solares. Enquanto uns se encontram na sua hora zero, outros estão em plena atividade. Esta sistemática toda repete-se também no homem e no átomo, em tudo o que foi, é e será.

Os cientistas modernos tentam explicar estas coisas unicamente com as leis naturais. Torna-se ridículo querer excluir os princípios inteligentes de tais leis. Cada mundo do espaço estrelado possui seu Fohat, que é onipresente em sua própria esfera de ação.

Fora de dúvida, podemos e devemos afirmar com ênfase que há tantos Fohats quanto mundos, sendo que cada um deles varia em poder e grau de manifestação. Existem milhões, bilhões, trilhões... de Fohats, os quais em si mesmos são forças conscientes e inteligentes. Realmente, os Fohats são os construtores, os filhos da aurora do Mahavântara (dia cósmico), os verdadeiros criadores cósmicos.

Nosso sistema solar, trazido à existência por estes agentes, constitui-se de sete Universos Paralelos. Portanto, Fohat é o poder elétrico vital personificado, a unidade transcendental que enlaça a todas as energias cósmicas, tanto em nosso mundo tridimensional como nos Universos Paralelos das dimensões superiores e inferiores.

Fohat é o verbo feito carne, o mensageiro da imaginação cósmica e humana, a força sempre ativa na vida universal, a energia solar, o fluído elétrico vital... Fohat é chamado o que penetra e o fabricante, porquanto através dos puncta dá forma aos átomos procedentes da matéria sem forma. No Fohat, estão ocultos o Exército da Voz, as matemáticas, a Grande Palavra...

Qualquer explicação sobre a mecânica cósmica que exclua o NOUMENO atrás do fenômeno e o Fohat atrás de qualquer cosmogênese, seria tão absurda como supor que o automóvel surgiu por geração espontânea, produto do azar, sem fábrica especial, sem engenheiros, sem mecânicos...

A trajetória das galáxias jamais indicou que elas tinham tido sua origem ou ponto de partida original em um núcleo tão reduzido como o hipotético ovo cósmico de Lemaitre. Como prova cabal disso, temos que o ângulo de dispersão varia sempre entre 20 e 30 graus, ou seja, que podem ter passado a enormes distâncias do suposto centro.

9 – O ORÁCULO DE APOLO

Depois dos régios e sacros funerais de Polidoro, o épico guerreiro que caiu gloriosamente entre os elmos e escudos na cruenta batalha, Enéas, o troiano, com seus navios e sua gente, fez-se ao mar borrascoso e ameaçador. Não tardou em chegar à terra de Delos, lugar de tantas tradições hiperbóreas, onde, ardendo, com a chama da fé, consultou o Oráculo de Apolo, sabiamente construído na dura pedra.

Heródoto conta no livro IV, capítulo XXXII e XXXIV, que os hiperbóreos, velhos antecessores dos povos lemurianos, enviavam periodicamente a Delos suas oferendas sagradas envoltas em palha. As veneradas oferendas tinham seu sagrado itinerário bem marcado. Primeiro passavam no país chamado Escita, depois caminhando para o ocidente seguiam até o mar Adriático, rota igual à que seguia o âmbar desde o Báltico até o caudaloso rio Pó na península itálica.

Os habitantes de Dodona eram os primeiros que recebiam as oferendas hiperbóreas entre os gregos. Depois desciam desde Dodona até o golfo Malíaco e continuavam até Eubéia e Caríptia.

Contam as velhas lendas que se perdem na noite dos séculos que as sacratíssimas oferendas nórdicas prosseguiram a sua viagem a partir de Caríptia, sem tocar em Andros, de onde os catecúmenos as passavam para Tenos e a seguir para Delos.

Os habitantes de Delos acrescentam sabiamente que os povos hiperbóreos tinham o belo e inocente costume de enviar as suas sagradas oferendas pelas mãos de duas deliciosas e inefáveis virgens. Hiperocha e Laodicéia eram os seus nomes.

Dizem as sagradas escrituras que, para cuidar dessas santas mulheres, tão deliciosas e sublimes, cinco Iniciados ou Perpheres as acompanhavam em sua perigosa e longa viagem, mas tudo foi inútil, porque aqueles santos varões e as duas sibilas foram assassinadas em Delos, quando cumpriam sua missão.

Muitas núbeis donzelas da cidade, delicadas e belas, cheias de dor cortaram o cabelo e depositaram os crespos bucles dentro de um fuso sobre o monumento alçado em honra daquelas vítimas que, se dizia, tinham vindo acompanhadas pelos Deuses Apolo e Ártemis.

Delos, reverendíssimo lugar a que chegou Enéas! Delos, cenário, de arcaicas lendas hiperbóreas que, como pedras preciosas, se escondem no fundo profundo de todas as idades. E prosternado na terra, mordendo a poeira dos séculos, invocou dentro do sagrado recinto a Apolo, Deus do Fogo, suplicando-lhe com seu dolorido coração para que protegesse a cidade que ia fundar, a segunda Pérgamo.

Diz a história que o ínclito varão consultou a Apolo sobre o lugar que lhe designava para se estabelecer. Então, a terra tremeu espantosamente. O herói e sua gente, agachados e abraçados no chão, possuídos de um misterioso temor, escutaram a terrível voz de Febo Apolo que dizia: Fortes descendentes de Dárdano! Para vos estabelecer de maneira perdurável deveis buscar a terra de onde vós sois originários, a primeira que vos levou em seu seio. Ali, a estirpe de Enéas, os filhos de seus filhos e os que nasçam daqueles, dominará o país.

Conta-se que o épico líder, depois de escutar o Oráculo de Apolo, cheio de preocupação, pensava em qual seria a mais remota terra de sua origem. Então, seu velho pai, que se recordava vivamente das antigas tradições da família, disse: Escutem chefes, o berço de nossa estirpe, o nome de nossas esperanças, é Creta, ilha que se acha no meio do imenso Pélago. Está povoada de cidades ricas e

poderosas. De Creta, veio para os troianos o culto de Cibeles (a Divina Mãe Kundalini) com seu carro arrastado por leões. Dela vêm o bronze e outras artes que tornam os humanos poderosos. Vamos, pois, para Creta que não está longe. Se Júpiter (o Cristo) nos manda vento favorável, em três dias chegaremos lá.

Chegou a nossos ouvidos, – disse Enéas – o rumor de que Idomeneu, o rei de Creta, que foi nosso inimigo, pois lutou junto com os Aqueus em Tróia, havia se afastado da ilha. Com sua ausência, nossa chegada a este país seria muito favorável.

Com o coração esperançado, Enéas continua a falar: Outra vez estivemos a bordo. Nossos marinheiros rivalizaram-se em agilidade e rapidez. Uma vez remando, outras manejando o cordame, impelidos por favorável vento de popa, aportamos em Creta sem contratempos. Lá fundei uma cidade que, em memória a nossa antiga cidadela, chamei de Pergaméia.

E aquele povo heróico e terrível, capitaneado por Enéas, o ilustre paladino, teria se estabelecido definitivamente naquela ilha se uma desastrosa e maligna peste não os houvesse obrigado a lançar-se ao mar em busca de outras terras.

A decomposição e a putrefação tornavam malsão o ar. O sinistro contágio infeccionava todos os corpos. Uns caíam fulminados pelo raio da morte, enquanto outros se arrastavam como espectros fatais, desfigurados pela febre.

Um vento abrasador, – disse Enéas – queimava as nossas colheitas e a terra parecia querer recusar-nos o alimento.

A tempestade do pensamento desatou-se na mente furibunda de Enéas. Qual um desesperado naufrago que se agarra à rocha cruel, pensou em regressar ao Santuário de Apolo, o Deus do Fogo, para consultar o oráculo outra vez. Porém, naquela mesma noite, nas deliciosas horas em que o corpo dorme e a alma viaja pelos mundos superiores fora do organismo físico, encontrou-se Enéas com seus Deuses Penates, os Gênios tutelares de sua família, os Jinas ou Anjos de Tróia.

E os Senhores da Chama falaram: Filho, não é preciso que regresseis navegando para onde está o Oráculo de Apolo. Interpretasteis mal a profecia. Vossa pátria de origem não é Creta e sim a Hespéria, a antiga terra que agora chamam de Itália. Dali saíram os fundadores da raça troiana, o herói Dárdano e seu antepassado Jásio. Andai depressa, relatai a vosso pai esta notícia.

A notícia surpreendeu o pai de Enéas que se lembrou de Cassandra, a profetiza troiana, quem dissera a mesma coisa antes da destruição da soberba Ílion e a quem ninguém dera importância, pois Apolo a castigara.

Essa nobre mulher que se chamara Cassandra, tão adorada e bendita, pagou um tipo de Carma muito singular pelo mau uso de suas divinas faculdades em vidas passadas.

Conta a lenda dos séculos que, sem perder mais tempo, Enéas lançou-se ao mar novamente rumo às terras do Lácio.

10 – A RUNA AR

Vem a minha memória encantos inefáveis, poemas de amor e coisas impossíveis de descrever com palavras. O que conheci, o que vi e o que toquei na casa de meu Pai e em todas as moradas resplandecentes desta grande Cidade Luz, conhecida como a Via Láctea, somente pode ser dito com o verbo de Ouro no jardim puríssimo da Linguagem dos Deuses.

Era uma noite pontilhada de estrelas. Os raios da lua se projetavam, penetrando em minha casa, tingindo o chão de prata. O azul profundo do céu parecia um oceano infinito, onde cintilavam os luzeiros.

Comecei a meditar, entrei em êxtase e abandonei a forma densa. Não existe maior prazer que o de alguém sentir a alma despreendida. O passado e o futuro irmanam-se dentro de um eterno agora. Cheio de uma voluptuosidade espiritual indefinível, inenarrável, atingi as portas do templo impelido pela misteriosa força do anseio.

A entrada do santuário estava fechada com uma grande pedra que impedia a passagem dos profanos. Não te detenhas coração diante das coisas do mistério. Abre-te Sésamo, foi a minha exclamação e a pedra abriu-se para que eu entrasse. Quando alguns intrusos quiseram fazer o mesmo, tive de empunhar a espada flamejante e gritar com todas as forças de minha alma: Para trás os profanos e os profanadores!

Feliz, avancei até o local das prostrações e adorações. Por aqui, lá e por todos os benditos lugares do templo, iam e vinham multidões de homens humildes e simples que mais pareciam ser camponeses obedientes e submissos. Eram os bodhisatvas dos Deuses, homens no mais completo sentido da palavra, criaturas que gozam do conhecimento objetivo, autoconscientes cem por cento.

Fora de toda dúvida, pude evidenciar até ficar totalmente saciado, que não existia naquelas criaturas humanas nada que se pudesse chamar de Eu, Mim Mesmo, Si Mesmo, etc. Realmente, tais homens estão bem mortos. Não vi neles o desejo de se ressaltar, de ocupar os postos mais altos, de se fazer sentir... A eles não interessa existir, querem apenas a morte absoluta, querem perder-se no SER. Isso é tudo.

Que feliz me sentia, avançando pelo centro do templo em direção a Ara Sacra. Caminhava enérgico, altivo, com passadas triunfais... de repente, um desses humildes proletários se atravessa em meu caminho. Por um momento, quis prosseguir adiante altaneiro, arrogante, desdenhoso, mas... Ó, meu Deus, um raio de intuição me fulminou.

Vivamente recordei que outrora, em um passado remoto, cometera o mesmo erro na presença daquele pobre camponês. O erro passado fez-se claro em minha mente e relembrei o terrível momento em que fui expulso do templo e que vozes aterradoras saíram da Ara Sacra entre raios, trovões e relâmpagos.

Em milésimos de segundo, revivi em minha mente todas essas cenas passadas. Arrependido, detive a minha marcha altaneira e orgulhosa para, pesaroso e compungido, prosternar-me diante do aldeão modesto e submisso. Beijei seus pés exclamando: Tu és um Grande Mestre e um Grande Sábio, mas aquela criatura, longe de sentir-se satisfeita com minhas palavras, respondeu-me: Eu nada sei, eu não sou ninguém. Sim – repliquei –, tu és o bodhisatva de um dos Grandes Deuses, governador de várias constelações.

Quão grande foi a minha felicidade quando aquele autêntico homem me abençoou. Senti-me perdoado e, feliz, continuei meu caminho até a Ara Sacra. Em seguida, voltei ao corpo físico.

Passaram-se muitos anos e jamais pude esquecer aquele templo selado com a pedra sagrada.

“Eis aqui, ponho em Sião a principal pedra de ângulo, escolhida, preciosa. E quem crer nela, não será envergonhado.”

A pedra que os edificadores rejeitaram, veio a ser cabeça de ângulo, pedra de tropeço e rocha de escândalo.

Os velhos alquimistas medievais sempre buscaram a Pedra Filosofal e alguns realizaram com pleno êxito a Grande Obra. Falando com toda franqueza, é nosso dever afirmar que essa pedra é o sexo.

Pedro, discípulo de Jesus Cristo, é o paladino, o intérprete maravilhoso, autorizado a levantar a pedra que fecha o Santuário dos Grandes Mistérios. O nome original de Pedro é PATAR, cujas três consoantes: P, T e R, são radicais.

P, lembra claramente aos Pais dos Deuses, a nosso Pai Secreto, aos Phitaras... T, é o TAU, a cruz, o hermafrodita divino, o lingam negro embutido no yoni. O R, é fundamental no fogo, é o RA egípcio, além do que R é radical para o poderoso mantra INRI: (Ignis Natura Renovatur Integram).

Dentro da pedra encontra-se latente o fogo. Os antigos faziam saltar a chispa de dentro de dentro do vivo seio do duro pedernal.

Chegam-me à memória as galactites órficas, as pedras do raio, a ostrita de Esculápio, a pedra com que Macáon cura a Filoctetes, o bétilo mágico de todos os países, as pedras uivantes, oscilantes, rúnicas, falantes, etc. O cálice da mente cristificada tem por base a pedra viva, a Ara Sacra.

PRÁTICA

O mantra ARIO prepara os gnósticos para o advento do fogo sagrado. Pratiquem-no todas as manhãs e ao cantá-lo, dividam-no em três sílabas:

A... RI... O...

Alonguem o som de cada letra. Aconselha-se a empregar dez minutos diários nesta prática.

11 – PRÓTON E ANTIPRÓTON

A real existência do próton e do antipróton foi demonstrada em 1955 pela equipe de físicos de Berkeley. Quando se bombardeou uma placa de cobre com uma carga de 6 mil elétron-volts, extraiu-se do alvo dois maravilhosos núcleos de hidrogênio, mas de sinais opostos: um próton positivo e outro negativo.

A todas as luzes resulta claro concluir que a metade do universo está constituída de antimatéria. Se os sábios modernos puderam encontrar antipartículas nos laboratórios, é porque elas existem também nas profundezas da Grande Natureza. De nenhuma maneira, negamos o fato de ser espantosamente difícil detectar a antimatéria no espaço.

A luz das antiestrelas, ainda que aparentemente seja idêntica a das estrelas e as chapas fotográficas as registrem da mesma maneira, devem possuir uma diferença desconhecida para os cientistas.

Aquele conceito de que em nosso sistema solar não há lugar para a antimatéria é ainda muito discutível. A transformação da massa em energia é muito interessante. Que a metade escape sob a forma de neutrinos é normal, que um terço se traduza em raios-gama e que uma sexta parte se transforme em ondas luminosas e sonoras, de maneira nenhuma deve nos surpreender, é apenas natural. Quando se pensa em cosmogênese, surgem aquelas interrogações de sempre: Que havia antes da aurora do nosso sistema solar? O Rig-Veda responde:

Não havia coisa alguma, nem existia nada;

O resplandecente céu não existia;

Nem a imensa abóbada celeste se entendia no alto;

O que era que a tudo cobria?

O que acobertava tudo? O que ocultava?

Era o insondável abismo das águas?

Não existia a morte, porém nada era imortal,

Não havia limites entre o dia e a noite,

Só o UNO respirava inanimado e por Si,

Pois ninguém mais além d'Ele havia existido.

Reinavam as trevas e todo o princípio estava velado.

Na obscuridade profunda, um oceano sem luz;

O germe até então oculto na envoltura faz brotar uma natureza do fervido calor.

Quem conhece o segredo? Quem o revelou?

De onde, de onde surgiu esta multiforme criação?

Os próprios Deuses vieram a existir mais tarde.

Quem sabe de onde veio esta grande criação?

Aquilo, de onde esta imensa criação procedeu,

O que sua vontade criou, ou que modificou,

O mais elevado vidente, no mais alto dos céus,

O conhece;

Ou talvez, tampouco, nem Ele ainda o saiba;

Contemplando a eternidade...

Antes que fossem lançados os cimentos da terra,

Tu eras.

E quando a chama subterrânea

Rompa sua prisão e devore a forma,

Ainda serás tu, como era antes,

Sem sofrer mudança alguma, quando o tempo não existia.

Ó MENTE infinita, divina Eternidade!

Antes do Mahavântara, dia cósmico, deste mundo em que vivemos, nos movemos e temos nosso Ser, só havia energia livre em movimento.

Antes da energia havia matéria, sendo que esta última de maneira organizada, constituiu o universo do precedente dia cósmico, Mahavântara.

Do pretérito universo, resta-nos como lembrança a lua, nosso querido satélite que nos ilumina durante as noites.

Cada vez que a energia se cristaliza em forma de matéria, esta reaparece sob a forma extraordinária de um par simétrico de partículas.

A matéria e a antimatéria complementam-se mutuamente. Pode-se dizer que este é um tema novo para a ciência contemporânea e que, no futuro, progredirá muito ainda.

É absurdo afirmar que em nosso universo não há lugar para a antimatéria. A matéria se faz acompanhar da antimatéria sempre, sem o que, a física nuclear ficaria sem fundamentos, perderia sua validade.

Na aurora do Mahavântara, o universo apareceu sob a forma de uma nuvem de plasma, ou seja, hidrogênio ionizado. Existem 12 hidrogênios fundamentais em nosso sistema solar, o que já foi analisado pelos Grandes Mestres da humanidade. Foi-nos dito que em tal soma de hidrogênios estão representadas dozes categorias de matéria, contidas no universo, desde o espaço abstrato absoluto até o reino mineral submerso. A nuvem de plasma original apresenta-se diante da mente dos homens

estudiosos de forma dupla. Um exame judicioso deste assunto permite que compreendamos que existe o plasma e o antiplasma, o qual foi chamado por certo sábio de ambiplasma.

Os cientistas modernos sabem muito bem, através da observação e da experiência, que o campo magnético intensivo que se forma nas galáxias origina a separação radical das partículas, de acordo com sua carga elétrica. O plasma e o antiplasma não somente são opostos como se encontram separados. A matéria e a antimatéria coexistem separadamente e se condensam, cristalizam, em estrelas.

Quando matéria e antimatéria entram em contato direto, origina-se a destruição total da matéria. O fundo vivente da matéria é precisamente a antimatéria, contudo entre ambas formas de vida existe um campo neutro. As três forças primárias: POSITIVA, NEGATIVA e NEUTRA, governam todo o mecanismo universal. No espaço infinito, coexistem matéria e antimatéria, estrelas e antiestrelas.

O hidrogênio e o anti-hidrogênio cristalizam com a força gravitacional, originando fusão nuclear.

Eis como se acumulam os prótons do mesmo tipo uns sobre os outros para formar todos os elementos da natureza.

12 – AS HARPIAS

Enéas, o épico paladino troiano, navegando com sua gente para as maravilhosas terras da antiga Hespéria, foi submetido a novas e espantosas provas.

Contam as velhas tradições que se perdem na noite dos séculos que, em alto mar, as forças pavorosas de Netuno levantaram terrível tempestade que, se não afundaram o navio, pelo menos fizeram com que Palinuro, o mais hábil dos seus pilotos, perdesse o rumo, depois de passar três noites sem estrelas.

Os troianos viveram novamente momentos de horror quando se aproximaram das ilhas Estrófades, as quais se situam no mar Jônio. Nelas habitam as dantescas harpias, bruxas asquerosas com cabeça e pescoço de mulher, mas com corpo de pássaro. Antes eram formosas donzelas, mas agora estão transformadas em horríveis fúrias que, com seu contato abjeto, corrompem tudo que tocam.

O exército das abomináveis harpias, capitaneado outrora pela execrável Celeno, era monstruoso. Providas de longas garras, têm sempre no rosto a palidez da fome.

O glorioso herói atracou naquela terra e junto com sua gente desembarcou nela sem pensar em passarolos horripilantes nem em bruxas abjetas.

Famintos como estavam, os fortes descendentes de Dárdano não tardaram em sacrificar as reluzentes e formosas vacas que pastavam felizes na terra de ninguém. Contudo, quando estavam no melhor do festim, baixaram as harpias dos montes. Grasnando como corvos e batendo sua negras e repugnantes asas, aproximaram-se da comida para infeccioná-la com suas bocas imundas. Tornou-se horrendo o aspecto daquela carne infeccionada, o fedor infestava o ar e o banquete fez-se asqueroso e nauseabundo.

Os troianos, fugindo de tão sinistras damas, transformadas em horripilantes passarolos, refugiaram-se em misteriosas cavernas afastadas da ensolarada praia. Para desgraça de tão ilustres guerreiros, quando de novo se dispunham a comer, depois de terem sacrificado novas vacas, voltaram as malditas bruxas e novamente estragaram o alimento. Cheios de grande ira, aqueles homens decidiram enfrentar o ataque. Armaram-se de arcos azagaias para exterminar as abomináveis harpias, porém a sua asquerosa pele não permitia que o bronze a atravessasse e os seus flancos eram invulneráveis como o aço.

Foi terrível a maldição que pronunciou Celeno, quando esvoaçando sobre as cabeças dos valentes troianos disse: Por que nos fazeis a guerra, insensatos? Os Deuses fizeram-nos imortais. Não vos ofendemos sem justiça, pois haveis sacrificado muitas vacas de nosso rebanho. Como castigo vou lançar-lhes uma maldição. Enéas e sua estirpe andarão errantes pelo mar antes de encontrarem a terra que buscam e passarão fome. Não conseguirão levantar as muralhas de sua nova cidade até que, de tão famintos, se vejam obrigados a devorar suas próprias mesas.

Surpresos e consternados, os troianos rogaram aos Deuses Santos para que os livrassem de tais ameaças e, em seguida, abandonaram aquela triste terra tornando a embarcar.

Sacrificar a Vaca Sagrada equivale, de fato, a invocar as cruéis harpias de funestos presságios. Será bastante oportuno citar aqui a simbólica vaca de cinco patas, guardiã terrível das terras jinas.

H. P. Blavatsky viu realmente uma vaca branca com cinco patas no Hindustão. A quinta pata saía da sua giba e com ela se coçava e espantava as moscas. O animal era conduzido por um jovem da seita sadhu.

Se lemos as três sílabas de Cabala ao inverso, temos: LA–VA–CA (*Nota do Revisor: As consoantes V e B se confundem na língua espanhola, por isso o autor fez essa analogia silábica*), símbolo vivo da eterna Mãe–Espaço. Em todas as teogonias do norte e do sul, do leste e do oeste do mundo, menciona–se sempre o elemento feminino e eteno da natureza, a Magna–Mater, de quem provém o M e o famoso hieróglifo de Aquário. Ela é a matriz universal do grande abismo. Ela é a Vênus primitiva, a Grande Mãe Virgem que surge das ondas do mar com seu filho Cupido–Eros. Por fim, ela é Gaia, Gaea ou a terra, que no aspecto superior é a Prakriti hindustânica.

Lembrem–se de Telêmaco, descendo ao mundo das sombras para averiguar a sorte que tivera Ulisses seu pai. O jovem caminha sob a luz da lua invocando a Prakriti, a poderosa deidade que sendo Selene no céu, é a casta Diana na terra e a formidável Hécate nos mundos subterrâneos. Os dois derradeiros desdobramentos, Hécate e Prosérpina, o quarto e o quinto aspecto da Prakriti, são negativos, constituem a sombra da Eterna Mãe–Espaço, são reflexos perdidos no espelho da natureza.

Há jinas negros e brancos. As harpias seguem o caminho tenebroso. Dante encontrou–as nos mundos infernais atormentando as almas que involuem nas regiões submersas. As harpias são jinas negros. Utilizam os dois aspectos negativos inferiores da Prakriti e com eles metem seus corpos na quarta dimensão para voar pelos ares.

O corpo humano pode assumir qualquer figura na dimensão desconhecida. Formosas donzelas podem tornar–se horripilantes passarolos, como aqueles que Enéas achou nas tenebrosas ilhas Estrófades.

Caronte, o Deus Infernal, cuja velhice é sempre melancólica e abominável, conduz as harpias que passaram pelas portas da morte para a outra margem do mau rio de corrente lamacenta e de águas negras, em cujas margens imundas vagueiam os espectros dos mortos. Rio fatal onde navega a barca de Caronte, conduzindo os perdidos para as regiões sombrias, tétricas e escuras do reino mineral submerso.

Fim horrível aguarda as harpias da execrável Celeno. Involuir espantosamente no submundo até que se petrifiquem e se reduzam a poeira cósmica.

Justa é a condenação daqueles que praticam o mal. Suas goelas são como sepultura aberta. Eles jamais conhecerão o sendeiro da paz.

13 – RUNA SIG

De fato, é extremamente difícil configurar o encanto, a embriaguez do êxtase, a comunhão dos santos, nas noites de meditação.

Foi em uma noite semelhante que o patriarca Jacó, viva reencarnação do resplandecente anjo Israel, com a cabeça apoiada na Pedra Filosofal, leu nos astros a promessa de inumerável posteridade. Foi quando viu também a misteriosa escada setenária pela qual os Elohim iam e vinham entre os céus e a terra.

Somente na ausência do Eu podemos experimentar ISSO que é a Verdade, o Real... Eu fui, no dia do Senhor, inquirindo, buscando, indagando mistérios sobre a minha última hora. E vi e ouvi coisas que aos profanos e aos profanadores não lhes é dado compreender. Experimentei os últimos anos de vida, o ocaso do Eu, o catastrófico final do Mim Mesmo e pude viver a crucificação do Cristo Íntimo e sua conseqüente descida ao Santo Sepulcro.

A luta contra Satã foi terrível...

Minha esposa–sacerdotisa fechou meu sarcófago com uma grande pedra e sorriu docemente. Raios, trovões e vozes terrivelmente divinas saíam do Gólgota do Pai. Tudo isso me recorda a runa Sig, o raio terrível do Sol Central. **SULU–SIGI–SIG**, o nome secreto da sagrada víbora Kundalini.

A estrela de cinco pontas é uma repetição constante da runa Sig, a qual se assemelha em traçado com o zig–zag do raio. Nos tempos antigos, os homens tremeram diante da Pentalfa.

Sig era o falo nos mistérios arcaicos e por este caminho voltamos ao Maithuna, à yoga sexual.

Sig é o sol e sua letra é o S, cujo adequado prolongamento converte o som na voz sutil, naquele silvo doce e agradável que Elias escutou no deserto.

A Iniciação final está selado com o raio, com a runa Sig. Entre trovões e relâmpagos, escutam–se palavras terríveis: Meu Pai, em tuas mãos encomendo meu Espírito.

A espada flamejante que se agita ameaçadora por todos os lados para guardar o caminho da árvore da Vida tem o terrível aspecto da runa Sig, o que nos recorda o zig–zag do raio.

Infeliz do Sansão da Cabala que se deixa adormecer por Dalila, do Hércules da ciência que troca o seu cetro de poder pelo osso de Onfalo, bem cedo sentirá a vingança de Dejanira e não lhe restará outro remédio que a fogueira do monte Etna para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Nesso.

Infeliz de quem se deixa seduzir pela sensual diabinha, a mulher sem nome, rosa de perdição do abismo infernal. Infeliz do Iniciado que cai embriagado nos braços da sanguinária Herodias, da harpia Gundrúgia ou de cem outras mulheres.

Ai, daqueles Iniciados que sucumbam entre os beijos de fogo, não das mulheres, porém da mulher por antonomásia, da mulher símbolo, que não trata de seduzir grosseiramente com as sugestões da mera sensação animal, mas com as pérfidas e deliciosas artes do sentimentalismo sutil e do emocionalismo romântico.

A esses, mais lhes valera não haver nascido ou amarrar–se pelo pescoço a uma pedra de moinho e lançar–se ao fundo do mar.

Desgraçados... ao invés de subirem ao Gólgota do Pai e de baixarem ao Santo Sepulcro, serão fulminados pelo terrível raio da Justiça Cósmica. Perderão sua espada flamejante e descerão ao reino de Plutão pelo caminho negro.

Ao redor do trono de ébano do rei dos mundos infernais revolteiam sempre os tenebrosos e angustiosos zelos, os espantosos ciúmes que amargam a existência, as cruéis desconfianças, as imundas vinganças cobertas de feridas e os ódios abomináveis destilando sangue.

A roedora avareza devora sempre a si mesma, sem misericórdia alguma, e o asqueroso despeito arranca sua carnes com suas próprias mãos. Por fim, aí estão a louca soberba que tudo arruína miseravelmente, a infame traição que sempre defende a si própria e que se alimenta de sangue inocente, sem poder jamais gozar do corrompido fruto de suas perfídias, a inveja com seu veneno mortal que destrói a si mesma quando não pode danar os outros, a crueldade que se precipita no abismo sem esperança e as macabras e espantosas visões, os horríveis fantasmas dos condenados, espanto dos vivos, os monstros dos pesadelos e os cruéis desvelos que tanta angústia causam.

Todas estas e outras imagens rodeiam a frente horrível do feroz Plutão e enchem seu fatídico palácio.

Telêmaco, o filho de Ulisses, encontrou no reino de Plutão a milhões de fariseus hipócritas, sepulcros caiados, como sempre fingindo amor à religião, mas cheios de soberba e orgulho. O herói, descendo para regiões cada vez mais submergidas, encontrou a inúmeros parricidas e matricidas, sofrendo espantosas amarguras. Achou também a muitas esposas que tinham banhado suas mãos no sangue do marido. Encontrou os traidores que haviam atraído sua pátria e violado seus juramentos, os quais, ainda que pareça incrível, padeciam menores penas que os hipócritas e simoníacos. Quanto a esses últimos, os três juízes dos mundos infernais assim queriam que fosse porque, diziam eles, tais tipos não se contentam em ser maus, como o resto dos perversos, ainda por cima presumem-se de santos, com isso desviam e afastam as pessoas do caminho que conduz à Verdade com sua falsa virtude.

Os Deuses Santos daqueles que tão solapada e impiamente enganaram o mundo e que agiram de modo tão desprezível diante das pessoas agora se vingam, com todo seu poder, dos insultos que lhes lançaram.

O terrível raio da Justiça Cósmica precipita no abismo aos bodhisatvas caídos que jamais quiseram se levantar. Eles são acusados de três delitos:

1. De terem assassinado Buda.
2. De terem desonrado os Deuses.
3. De muitos outros delitos.

Todo trabalho na Grande Obra, toda e qualquer prática, encerra-se sempre com a Runa Sig, com a espada flamejante.

14 – O AIN SOPH

É necessário compreender, é urgente saber, que no pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem há três aspectos perfeitamente definidos. O primeiro deles é isso que se chama Essência e no Budismo Zen chamam de Budata. O segundo aspecto é a Personalidade, a qual em si mesmo não é o corpo físico, ainda que se utilize desse veículo para sua expressão no mundo tridimensional. O terceiro aspecto é o Diabo, o Eu Pluralizado dentro de cada um de nós, o Mim Mesmo.

A Essência, o Budata, dentro do homem, é quem tem verdadeira realidade, isso que lhe é próprio.

A Personalidade é aquilo que não lhe é próprio, o que vem do mundo exterior, o que aprendeu no lar, na rua, na escola, etc.

Quanto ao Eu Pluralizado, ele é esse conjunto de entidades diversas, distintas, que personificam todos os nossos defeitos psicológicos.

Além da máquina orgânica e desses três aspectos que se manifestam por intermédio dela, existem inúmeros princípios espirituais, substâncias e forças que, em uma última síntese, emanam do Ain Soph. E o que é este Ain Soph? Nós dizemos, de uma maneira abstrata, que é a NÃO-COISA sem limites e absoluta. Sem dúvida, é necessário particularizar e concretizar algo mais para que haja uma maior compreensão. Ain Soph é o nosso Átomo Super-Divino, singular, especial, específico e Super-Individual.

Isto significa, em última análise, que cada um de nós não passa de átomo do espaço abstrato absoluto. Esta é a Estrela Interior, atômica, a qual sempre sorriu para nós.

Certo autor dizia: Levanto meus olhos para o alto, para as estrelas, de onde haverá de chegar auxílio, porém eu sigo sempre a estrela que guia meu interior.

Claro que este Átomo Super-Divino ainda não está encarnado, porém encontra-se intimamente relacionado com o chacra Sahasrara, o lótus das mil pétalas, o magnético centro da glândula pineal.

Eu experimentei diretamente o Ain Soph quando me encontrava em estado de meditação profunda. Um certo dia, não importa qual, atingi o estado que na Índia se conhece como Nirvi-Kalpa-Samádhi e minha alma se absorveu totalmente no Ain Soph para viajar pelo espaço abstrato absoluto. A viagem iniciou na glândula pineal e depois continuou no seio profundo do espaço eterno. E vi a mim mesmo além de toda galáxia de matéria ou de antimatéria, convertido em um simples átomo Auto-Consciente.

Que feliz me sentia na ausência do Eu! Sentia-me além do mundo, da mente, das estrelas e das antiestrelas. Aquilo que se sente durante o Samádhi é inexprimível, somente experimentando-o se compreende. E entrei pelas portas do templo embriagado de êxtase. Vi e ouvi coisas que as animais intelectuais não lhes é dado compreender. Queria falar com alguém, com algum sacerdote divino e o consegui, assim pude consolar o meu dolorido coração.

Um daqueles tantos átomos Auto-Realizados do Ain Soph (o Espaço Abstrato Absoluto), aumentou o seu tamanho e assumiu, diante de minha insólita presença, a veneranda figura de um Ancião dos Dias. Da minha laringe criadora brotaram palavras espontâneas que ressoaram no espaço infinito e perguntei por alguém que no mundo das formas densas conhecia. A resposta de tão ínclito Mestre Atômico foi certamente extraordinária: Para nós, habitantes do Ain Soph, a mente humana é o que é o reino mineral para vós. E acrescentou: Nós examinamos a mente humana da mesma forma como vós examinais qualquer mineral.

Em nome da verdade, devo dizer que a resposta me causou espanto, assombro, admiração, estupefação... A demonstração veio depois. Aquele Amador Essencial estudou a mente da pessoa por quem perguntara e me deu informação exata. Já passaram-se muitos anos, mas jamais me esqueci daquela experiência mística.

Tive a sorte de conversar com um Kabir atômico além dos Universos Paralelos, no Ain Soph. Mas, nem todas essas estrelas atômicas do firmamento espiritual estão auto-realizadas. O Átomo-Gênese, o Ain Soph, de qualquer pessoa que não haja fabricado seus corpos solares na Forja Incandescente de Vulcano é muito simples, não contém a outros átomos. O contrário acontece com os Átomos-Gênese Auto-Realizados que, nas ciências ocultas, são chamados de Ain Soph Paranishpanna. Eles contêm dentro de si mesmos quatro átomos sementes que na alquimia são representados simbolicamente pelas seguintes quatro letras: C. O. N. H. (Carbono, Oxigênio, Nitrogênio e Hidrogênio).

Uma noite de verão qualquer, interrogava a um grupo de estudantes gnósticos, dizendo-lhes: Se no final do Mahavântara devemos desintegrar os corpos solares fabricados com tantos esforços na Nona Esfera, então para que os fabricamos? Nenhum dos irmãos pôde dar a resposta certa e coube a mim explicar.

Quando chega a noite cósmica, o grande Pralaya, o Ain Soph absorve as três forças primárias e desintegra os quatro corpos, porém retém e atrai para a sua esfera interior os quatro átomos sementes correspondentes aos quatro corpos. Assim, dentro do Ain Soph Paranishpanna, isto é, Auto-Realizado, estão as três forças primárias e os quatro átomos sementes. A letra C simboliza o corpo da vontade consciente. A letra O corresponde ao veículo da Mente Cristo. A letra N relaciona-se com o Astral Solar e a letra H alegoriza o corpo físico.

Na aurora do Mahavântara, dia cósmico, o Ain Soph Paranishpanna reconstrói seus quatro corpos mediante seus correspondentes átomos sementes. Os quatro corpos constituem o Mercabah hebraico, o carro dos séculos, o veículo solar do Ain Soph Paranishpanna, o NÃO COISA, sem limites e absoluto. Os quatro corpos assumem a forma do Homem Celeste manifestado, o veículo de manifestação e de descida no mundo dos fenômenos.

15 – O REI HELENO

Quando Enéas, o épico paladino troiano, se aproximava do rico palácio do rei Heleno, viu com assombro e grata surpresa aquela mulher chamada Andrômaca, quem fora esposa de Heitor, o troiano morto gloriosamente em plena batalha sob as muralhas invictas de Tróia.

Enéas deu graças aos Deuses Santos (Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Querubins e Serafins do Cristianismo), agradeceu do fundo de seu coração aos seres inefáveis por haverem livrado aquela mulher, impedindo que os Aqueus a levassem cativa a Micenas.

A nobre mulher era agora esposa de Heleno, o rei adivinho, o esplêndido monarca que em seu palácio real ofereceu cordial hospitalidade aos troianos.

Enéas encontrou-a em um bosque sagrado e tinha junto a ela, em uma magnífica urna de ouro, as queridas cinzas de Heitor, seu antigo esposo.

És tu Enéas, quem vejo realmente? Estás vivo ou és uma aparição? Ó, Deuses, se vives, diga-me por que meu Heitor já não vive mais? Exclamou a nobre mulher para depois desmaiar. A infeliz tinha sido cativa do terrível Pirro, guerreiro astuto e malvado que assassinara o velho Príamo.

Felizmente, a sorte da desditada mulher mudara de forma radical depois que Pirro morreu sob as mãos do terrível Orestes, porquanto veio a se casar com o bom rei Heleno.

Sabemos que no terceiro dia Enéas foi levado por Heleno a uma caverna solitária a fim de consultar a vontade de Apolo.

A mais importante predição consistiu em dizer a Enéas que ele ainda estava longe de chegar ao término de sua viagem e de instalar-se definitivamente na terra que outrora fora a antiga Hespéria. Anunciou-lhe também que devia consultar a Sibila de Cumas, aquela profetisa divina que escrevia seus versos mágicos nas folhas de uma corpulenta árvore que crescera junto a sua caverna.

De vez em quando, algum vento forte derrubava as proféticas folhas verdes e os versos se misturavam, formando frases ininteligíveis para os profanos. Por esta causa, muitos dos consultantes saíam maldizendo a Sibila.

Fora de qualquer dúvida, podemos afirmar com ênfase que apenas os homens de consciência desperta podiam entender as estranhas frases e os misteriosos enigmas da Sibila de Cumas.

Heleno predisse também a Enéas que navegaria pelos mares de Cila e Caribdes e que passaria perto da terra dos ciclopes, porém que se abstinésse de entrar em Ítaca pelas costas meridionais porque estavam povoadas de terríveis gregos naquela época.

Por fim, o bondoso rei Heleno aconselhou Enéas, o ilustre paladino troiano, a procurar ganhar o amor da Deusa Juno através de piedosos sacrifícios. Esta deidade sempre se mostrava inimiga dos troianos.

E o vento incha as brancas velas sob a luz do plenilúnio e o remo luta contra o suave mármore. Palinuro consulta as estrelas e os navios afastam-se dos domínios do rei latino, enquanto que Andrômaca chora a partida dos troianos.

Heleno, rei iluminado e profeta de Apolo, tu brindaste os troianos com régia e magnífica hospitalidade e depois, cheio de amor, interrogaste ao Deus do Fogo, preocupado com teu amigo

Enéas. Heleno, foste tu quem aconselhou a tão ínclito varão troiano para que visitasse a Sibila de Cumas.

Ao chegar a esta parte do presente capítulo, vêm a minha memória todas aquelas sacerdotisas de Endor, da Eritréia, etc. Por onde quer que haja um santa Sibila, certamente haverá um templo de mistérios. Exemplos são os Mistérios délficos, báquicos, cabíricos, dáctilos ou de Elêusis.

Os Deuses e os homens sábios jamais poderão se esquecer da tremenda importância com que se revestiam os Mistérios nos tempos antigos. Quanta fama e quão grande renome a eles são devidos.

Saís, Mênfis e Tebas no velho Egito dos Faraós. Os Iniciados recordam ainda a Mitra entre os parses, bem antes da noite dos séculos, e entre os gregos são lembrados os de Elêusis, Samotrácia, Lemnos, Éfeso... Formidáveis foram os Colégios Iniciáticos de Bibractis e de Alexis entre os gauleses druidas.

Os sacerdotes druidas dos celtas praticavam a magia e os mistérios em suas cavernas, segundo o dizer de Plínio, confirmado também por Cesar e Pompônio Mela. Os austeros e sublimes hierofantes druidas, coroados de folhas de carvalho, reuniam-se solenes, sob a pálida luz da lua para celebrar seus Mistérios Maiores, especialmente na Primavera, quando a vida ressuscita pujante e gloriosa.

Os Colégios Iniciáticos fecharam-se no oriente com a barbárie militar de Alexandre e no ocidente com a violência romana.

A cidade de Côte-d'Or, junto a St. Reine, foi certamente a tumba da Iniciação Druídica. Todos os Mestres e Sibilas foram vilmente degolados pelas sanguinárias hordas de Roma, sem consideração alguma. Igual sorte, fatal e dolorosa, coube a Bibractis, a gloriosa rival de Mênfis. Seguiram-na em números de vítimas Atenas e Roma, cujo colégio druida contava com 40 mil alunos de ciências ocultas, astrologia, filosofia, medicina, jurisprudência, arquitetura, literatura, gramática, etc.

O *mysterium* latino é o grego *teletai*, cuja raiz original se encontra na palavra *teleutéia*, morte. Coisa vã é a morte do corpo físico. Importante é a destruição total do Mim Mesmo.

A iluminação das Sibilas de Cumas, o esplendor das sacerdotisa da Eritréia, o êxtase de um mahatma, são para pessoa que passaram de verdade pela grande morte.

O despertar da consciência, a mudança radical e absoluta, torna-se impossível sem a morte do Eu Pluralizado. Somente com a morte surge o novo. O sendeiro da vida está formado com as pegadas dos cascos do cavalo da morte.

16 – A RUNA TYR

Pássaros que cantam, arroios que saltam, rosas que perfumam o ambiente, sinos que chamam, pára, sombra do meu bem, bela ilusão do dia, porque a noite chegou.

Noite deliciosa cravejada de estrelas, permita que eu te ofereça o oásis do velho parque de meu coração dolorido. Estamos em dezembro, porém com teu romântico cantar terá as rosas um mês de maio.

Quisera adivinhar que voz é essa que sempre nega as coisas vãs, que as rechaça, que as repudia com um NÃO que não é ódio e que promete muitos SINS.

Noite divina, eis-me aqui, por fim só comigo mesmo, escutando nas vozes de Isaías teu clamor insinuante que me nomeia.

Noite encantadora, Urânia, vida minha. Por ti estar enfermo é estar são. Todos os contos que divertem o mortal na remota infância nada são para ti. Tu cheiras melhor que fragrância de jardins encantados e és mais diáfana, meu bem, que o diáfano palácio de cristal.

Com fecundo ardor, sem acidente algum, com uma piedade simples, atravessei as ruas da cidade capital do México. Atravessei a cidade à meia-noite entre cristais inefáveis, limpos de toda névoa.

Quem, gritando meu nome, à morada recorre? Quem me chama na noite com tão deliciosa entonação? É um sopro de vento que soluça na torre, é um doce pensamento.

E subi à velha torre da Catedral Metropolitana cantando o meu poema com a voz do silêncio. Perdeu-se a neblina no pico das montanhas. Das terras que sofreram tremendas convulsões, produzidas pelo vômito das lavas das crateras, surgiram como por encanto para o deleite dos olhos Iztaccihuatl e Popocatepetl, os dois legendários vulcões que quais guardiões custodiam o vale do México. E além das longínquas montanhas, vi mundos e inefáveis regiões impossíveis de serem descritos com palavras.

Olha o que te aguarda, disse-me uma voz generosa que dava música ao vento. Canção que ninguém escuta e que vai soando, soando por onde quer que eu vá, e em cujas notas parece que eu sinto minha própria voz.

Ao descer da torre, alguém me seguia, era um chela ou discípulo. Grande foi a minha alegria. Sentia-me embriagado de uma deliciosa voluptuosidade espiritual. Meu corpo nada pesava, movia-me no veículo astral e meu corpo físico há algum tempo que já o abandonara.

No átrio da velha catedral, ao pé dos vetustos muros que tinham sido mudas testemunhas de tantas brigas, malabarismos e desafios durante diversos séculos, vi um variegado e pitoresco conjunto de homens, de mulheres, de meninos e de anciões que por toda parte vendiam suas mercadorias.

Em um ângulo da velha catedral, sentado como um iogue oriental, junto ao muro e sob a antiquada torre, vi um ancião asteca de idade indecifrável a meditar. Um adormecido poderia tê-lo confundido facilmente com mais um mercador.

O venerável tinha diante de si, na fria pedra do piso, um estranho objeto, uma sagrada relíquia asteca. Humilhado, confundido e abatido, prostrei-me reverente diante do santo e venerando indígena. Então, o ancião me abençoou.

O chela, o discípulo, que seguia meus passos, parecia um sonâmbulo. Sua consciência dormia profundamente e sonhava... de repente, algo acontece. Ele inclina-se para pegar algo e sem o menor respeito colhe a intocável relíquia, observa-a em suas mãos com infinita curiosidade e eu fico francamente horrorizado com este procedimento. Aquilo foi terrível para mim e exclamei: Mas o que é que tu estás fazendo? Estás cometendo um grande sacrilégio. Por Deus, retira-te daqui e deixa esta relíquia em seu lugar.

No entanto, o Mestre cheio de infinita compaixão replicou: Ele não tem culpa, pois está com a consciência adormecida. A seguir, com todo bom samaritano que quer levar ao coração aflito o precioso bálsamo, segurou a cabeça do adormecido neófito e soprou em seu rosto o fohat vivo para que despertasse, porém tudo resultou inútil e o discípulo continuou dormindo, sonhando.

Cheio de profunda amargura disse: E eu que tanto lutei no mundo físico para que despertassem sua consciência e no entanto continuam dormindo.

O chela agora assumira uma figura gigantesca. O Eu Pluralizado, o conjunto de distintas entidades, se metera dentro de seus corpos lunares, dando-lhe aquela aparência. Era curioso ver o descomunal gigante de cor cinza caminhando lentamente como um sonâmbulo pelo átrio da antiga catedral. Ele afastava-se de nós e dirigia-se para sua casa onde seu corpo físico dormia. Não consegui conter a exclamação: Que corpos lunares mais feios! Mas, o venerável ancião, embriagado de compaixão, alertou-me: No templo onde vais entrar agora (um templo jinas, um santuário asteca), há muitos como ele, olha-os todos com simpatia. Claro que os olharei com simpatia, respondi.

Falemos agora da reencarnação. Por acaso, se reencarnam as criaturas lunares? Poderia haver reencarnificação onde não há individualidade?

A doutrina de Krishna no sagrado país do Ganges ensina que somente os Deuses, Semi-Deuses, Heróis, Devas e Titãs se reencarnam. Em outras palavras, diremos que somente os Auto-Realizados, aqueles que já encarnaram o Ser, podem reencarnar.

O Ego, o Eu pluralizado, não reencarna porque ele está submetido à lei do Eterno Retorno de todas as coisas. Ele regressa a uma nova matriz, volta para este vale do Samsara, reincorpora-se.

PRÁTICA

As práticas correspondentes à Runa Tyr ou Tir consistem em se colocar os braços para o alto e baixar as mãos, como se fossem conchas, enquanto se faz ressoar o mantra Tir para despertar a consciência.

O som das letras I e R é alongado: Tiiiiirrrrr...

O T ou Tau golpeia a consciência procurando o seu despertar. O I trabalha intensamente com o sangue, veículo da Essência, e o R, além de intensificar a circulação nas veias e vasos sanguíneos, opera maravilhas com as flamas ígneas, intensificando e estimulando o despertar da consciência.

Portanto, cante-se o mantra Tir prolongando bem as letras I e R, não se esquecendo de golpear com o T, assim:

Tiiiiiiiiirrrrrrrrr

17 – A MEDITAÇÃO

Informação intelectual não é vivência. Erudição não é experiência. O ensaio, a prova e a demonstração exclusivamente tridimensional não são Unitotais.

Tem de haver alguma faculdade superior à mente e independente do intelecto que seja capaz de nos dar um conhecimento e uma experimentação direta sobre qualquer fenômeno. Opiniões, conceitos, teorias, hipóteses, não significam verificação, experiência, consciência plena sobre tal ou qual fenômeno.

Somente libertando-nos da mente podemos viver de verdade ISSO que há de real. AQUILO que se encontra em estado potencial atrás de qualquer fenômeno. Mente há em toda parte. Os sete cosmos, o mundo, as luas, os sóis, nada mais são do que substância mental cristalizada ou condensada.

A mente também é matéria, ainda que bem mais rarificada. Substância mental existe nos reinos mineral, vegetal, animal e humano. A única diferença que existe entre o animal intelectual e a besta irracional é isso que se chama intelecto. O bípede humano deu à mente forma intelectual. O mundo nada mais é do que uma forma mental ilusória que se dissoloverá inevitavelmente no fim deste grande dia cósmico.

Minha pessoa, teu corpo, meus amigos, as coisas, minha família... são no fundo isso que os hindus chamam de maya ou ilusão. Vãs formas mentais que cedo ou tarde deverão ser reduzidas a poeira cósmica.

Meus afetos, os seres queridos que me cercam, etc., são formas simples da mente cósmica, não tendo uma existência real.

O dualismo intelectual, tal como o prazer e a dor, os elogios e as ofensas, o triunfo e a derrota, a riqueza e a miséria, constitui o doloroso mecanismo da mente. Não pode haver verdadeira felicidade dentro de nós enquanto sejamos escravos da mente.

Urge que montemos no burro (a mente), para entrarmos na Jerusalém Celestial em um Domingo de Ramos. Infelizmente, hoje em dia, o asno monta em nós, miseráveis mortais do lodo da terra.

Ninguém pode conhecer a verdade enquanto seja escravo da mente. O Real não é questão de suposições, mas de experiência direta.

Jesus, o grande Kabir, disse: Conhececi a verdade e ela vos fará livres. Porém eu vos digo: A verdade não é questão de afirmações, negações, crenças ou dúvidas. A verdade tem de ser experimentada diretamente na ausência do Eu, além da mente. Quem se liberta do intelecto, pode experimentar, viver, sentir, um elemento que transforma radicalmente.

Quando nos libertamos da mente, ela se converte em um veículo dúctil, elástico, útil, mediante o qual nos expressamos neste mundo de maneira consciente. A lógica superior convida-nos a pensar que se libertar, se safar de toda mecanicidade, se emancipar da mente, equivale a despertar a consciência e a terminar com o automatismo.

Aquilo que está além da mente é Brahma, o eterno espaço incriado, ISSO que não tem nome, o Real. Porém, vamos ao grão: Quem ou o que deve se safar, se libertar, da mortificante mente? Respondemos esta interrogação com as seguintes palavras: O que deve e que pode se libertar é o que temos de Alma em nós, a consciência, o princípio budista interior.

A mente só serve para nos amargar a existência. Felicidade autêntica, legítima, real, só é possível quando nos emancipamos do intelecto. Porém, devemos reconhecer que há um inconveniente, um obstáculo maiúsculo, um óbice para essa aspirada libertação da Essência. Quero me referir ao tremendo batalhar das antíteses.

A Essência, a consciência, ainda que de natureza búdica, infelizmente vive engarrafada no aparatoso dualismo dos opostos: sim e não, bom e mau, alto e baixo, meu e teu, gosto e desgosto, prazer e dor, etc.

A todas as luzes resulta brilhante compreender que quando cessa a tempestade no oceano da mente e termina a luta entre os opostos, a Essência escapa e submerge no Real.

O dificultoso, trabalhoso, árduo e penoso, é conseguir o silêncio mental absoluto em todos e em cada um dos 49 departamentos subconscientes da mente. Alcançar ou obter quietude e silêncio no nível meramente intelectual ou em uns quantos departamentos subconscientes, não é o suficiente porque a Essência continua ainda enfrascada no dualismo submerso, infraconsciente e inconsciente.

Mente em branco é algo demasiado superficial, oco e intelectual. Necessitamos de reflexão serena, se de verdade queremos conseguir a quietude e o silêncio absoluto da mente.

A palavra MO significa silencioso ou sereno. CHAO significa refletir ou observar. Logo, MO CHAO pode ser traduzido como reflexão serena ou observação serena. Porém, no gnosticismo puro, os termos serenidade e reflexão têm um sentido muito mais profundo e devem ser compreendidos em suas conotações especiais.

O sentido de sereno transcende ao que normalmente se entende por calma ou tranqüilidade. Implica em um estado superlativo que está além dos raciocínios, dos desejos, das contradições e das palavras. Designa a uma situação que se encontra fora do bulfício mundano.

O sentido de reflexão está bem além disso que sempre se entendeu por contemplação de um problema ou de uma idéia. Aqui, não implica em pensamento contemplativo ou em atividade mental e sim numa espécie de consciência objetiva, clara e refletora, sempre iluminada pela sua própria experiência.

Portanto, sereno aqui é a serenidade do NÃO-PENSAMENTO e reflexão significa consciência intensa e clara.

Reflexão serena é a consciência clara na calma e na tranqüilidade do NÃO-PENSAMENTO.

Quando reina a serenidade perfeita, consegue-se a verdadeira e profunda Iluminação.

18 – O DISFORME GIGANTE POLIFEMO

Recordem homens e Deuses aquela terra maldita em que habitava o disforme gigante Polifemo. Uma centena de irmãos seus, iguais a ele em crueldade e estatura, sempre o acompanhavam.

Ulisses, o guerreiro astuto, o destruidor de cidadelas, acompanhado de gente sua refugiou-se na caverna do ogro e este, sem respeitar as regras da hospitalidade, começou a devorar todos os hóspedes. Porém, o guerreiro sagaz, hábil, manhoso e perspicaz em todos os tipos de enganos, conseguiu embriagar o descomunal gigante com um vinho delicioso, quando ele estava farto de carne humana.

Dormia o monstro de costas no chão, perto da fogueira, e vomitava vinho misturado com pelancas de carne daqueles a quem havia sacrificado desumanamente.

Para um guerreiro metido na boca do lobo, era uma oportunidade nada desprezível e, naturalmente, o rei de Ítaca soube tirar bom partido dela. Dizem os entendidos que o astuto guerreiro, arteiro e velhaco como ninguém, pegando de uma estaca pontiaguda, endurecida no fogo, cravou-a sem qualquer consideração no olho frontal do colosso, fugindo precipitadamente depois para longe daquela caverna.

Enéas, o ínclito varão troiano, pôde verificar a realidade desta narrativa, quando navegava em direção às terras do Lácio.

Ele desembarcou com sua gente naquelas terras inóspitas, escutou o relato dos lábios de Aquemênides e viu Polifemo aparecer por entre as montanhas. O gigante caminhava cego no meio do rebanho e dirigiu-se para o mar pelo lado em que havia um desfiladeiro escarpado.

Tomados de pânico, os troianos embarcaram em silêncio e, levando Aquemênides, cortaram as amarras. O gigante escutou o bater dos remos e, ainda que não tenha pensado em perseguir os navegantes, gritou em alta voz, como quando um leão ruge, e apareceram cem titãs que se igualavam em estatura aos altos cedros e pinheiros que adornam o bosque sagrado de Diana.

Estes são os gigantes da antiguidade, de antes e depois do Dilúvio, os Gibborim bíblicos.

Chegam a minha lembrança as cinco estátuas de Bamian, redescobertas pelo famoso viajante chinês Hiouen Tshang.

A maior representa a primeira raça humana, cujo corpo protoplasmático, semi-etérico, semifísico, está assim comemorado na dura e imperecedoura pedra para instrução das gerações futuras, pois, de outro modo, sua recordação não teria sobrevivido ao dilúvio atlântico.

A segunda, com 120 pés de altura, representa claramente a raça hiperbórea.

A terceira mede 60 pés de altura e immortaliza sabiamente a raça lemuriana que habitou no continente MU ou LEMÚRIA, situado no Oceano Pacífico. Os seus últimos descendentes acham-se representados nas famosas estátuas encontradas na Ilha de Páscoa.

A quarta raça representada pela correspondente estátua viveu no continente atlante, situado no oceano Atlântico e foi ainda menor, embora gigantesca em termos comparativos com a nossa atual quinta raça.

A última das cinco estátuas é um pouco maior que a altura média dos homens altos da nossa atual raça. Obviamente, essa estátua personifica a raça ariana que habita nos continentes atuais.

Existem por todas as partes do mundo ciclópicas ruínas e colossais pedras que dão vivo testemunho desses gigantes. Nos tempos antigos, havia pedras gigantescas que andavam, falavam, emitiam oráculos e até cantavam.

A pedra de Cristo, a rocha espiritual que seguia a Israel, a qual se converteu em Júpiter-Lápis, devorada por seu Pai Saturno, sob a forma de um pedernal.

Se não tivesse existido gigantes que movessem essas colossais rochas, jamais teria tido realidade um Stonehenge, um Karnac (Bretanha) e outras construções ciclópicas semelhantes.

Se em tempos idos, não tivesse existido sobre a face da terra a verdadeira e legítima ciência mágica, jamais teria havido tantos testemunhos de pedras falantes e oraculares.

Em um poema atribuído a Orfeu, estas pedras são distribuídas em ofíticas e sidéricas: a pedra serpente e a pedra estrela.

A pedra ofítica é áspera, dura, pesada, negra, e tem o dom da fala. Quando alguém vai pegá-la, produz um som semelhante ao grito de um menino. Foi por intermédio desta pedra que Heleno predisse a ruína de Tróia, a sua querida pátria.

Documentos sagrados e antiquíssimos afirmam que Eusébio nunca se separava de sua pedra ofítica e que dela recebia os oráculos, os quais eram proferidos por uma vozinha parecida com um tênue assobio, o mesmo que Elias ou Elijah escutou depois do terremoto na entrada de sua caverna.

A famosa pedra de Westminster era chamada de Liafail, a Pedra Falante, porém só alçava sua voz para nomear o rei que devia ser eleito. Essa pedra tinha uma inscrição, a qual agora encontra-se apagada pela poeira dos séculos, que dizia: Ni Fallat Fatum, Scoti Quocumque Locatum Invenient Lapidem, Regnasse Tenenturibiden.

Suidas fala de um homem que podia distinguir, com uma rápida olhada, as pedras inanimadas das que estavam dotadas de movimento. Plínio tece comentários sobre pedras que se afastavam quando uma mão se aproximava delas.

Antigamente as monstruosas pedras de Stonehenge eram chamadas Chior-Gaur ou o Baile dos Gigantes.

Vários autores bastante eruditos falando sobre as ruínas de Stonehenge, Karnac e West Hoadley informaram maravilhosamente sobre este assunto tão especial.

Nessas regiões, encontram-se imensos monólitos alguns pesando 500 mil quilogramas aproximadamente. Foram os gigantes da antiguidade que um dia levantaram essas grandes rochas, colocaram-nas em uma formação simétrica e assentaram-nas com tão maravilhoso equilíbrio que parecem apenas tocar o solo. Ainda que com o mais ligeiro e rápido contato de um dedo sejam postas em movimento, elas resistiriam a força de vinte homens que tentassem, pelo mínimo, as deslocar.

A Pedra Oscilante foi um meio de adivinhação usando pelos gigantes, porém por que oscilam?

Evidentemente, as maiores delas são relíquias dos atlantes, enquanto que as menores, como as rochas de Brimham, com pedras giratórias em sua cúspide, são cópias dos litóides mais antigos.

19 – RUNA BAR

Falando no idioma de ouro, no ouro puríssimo da linguagem divina, descobrimos com místico assombro que Bar em sírio significa filho.

BARON decompõe-se em duas sílabas sagradas: BAR e ON que, inteligentemente traduzidas vêm a dar FILHO DA TERRA. Cristo, o Logos Solar, é algo mais profundo. Em aramaico, BAR-HAM significa o FILHO DO HOMEM.

De fato, o Christos ou Cresto cósmico e triunfante não é Jesus, mas esteve encarnado nele. Tampouco é Buda, mas floresceu em seus lábios fecundos feito Verbo. Não foi Moisés, porém resplandeceu em sua face no monte Nebo. Não foi Hermes, porém nele viveu incorporado. O Senhor está desprovido de individualidade.

Para o que sabe, a palavra dá poder. Ninguém a pronunciou, ninguém a pronunciará, a não ser aquele que O tem encarnado.

É necessário que todo Filho do Homem (chame-se Jesus, Buda ou Krishna...) padeça muitas coisas e que seja repudiado pelos anciões (os que são tidos no mundo por prudentes, sensatos e discretos), pelos príncipes e pelos sacerdotes (homens constituídos de autoridade mundana), pelos escribas (aqueles que o mundo tem por sábios) e que seja entregue para morrer e que ressuscite no terceiro dia... porém acrescentamos que, de verdade, alguns não provarão a morte até que vejam por si mesmos o Reino dos Céus.

Quem quiser me seguir se negue a si mesmo (dissolva o Eu Pluralizado), carregue sua cruz dia após dia. Porque quem quiser salvar sua alma (o egocêntrico) a perderá e quem, por amor a mim quiser perder sua alma (aquele que morre em si mesmo), esse se salvará. Por que de que adianta a um homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a si mesmo. Pois, quem se envergonha de mim e de minhas palavras, se envergonhará do FILHO DO HOMEM, quando o vir com toda a sua majestade, de seu Pai e de seus Santos Anjos.

Quando estudamos a gramática cósmica, pudemos verificar que há uma íntima relação entre as Runas Tyr ou Tir e Bar.

Tir vem corresponder esotericamente ao signo zodiacal de Peixes, enquanto que Bar brilha ardentemente na constelação de Áries. Isso nos recorda a oculta relação existente entre a água e o fogo, a morte e a vida.

Se colocamos diante da sagrada sílaba AR um B, queremos com isso indicar a necessidade de trazer o sol para a terra. AR-BAR-MAN é o primitivo nome de ABRAHAM.

Encarnar o Cristo dentro de si mesmo é o vital, o cardeal, o fundamental, para alguém se converter em um FILHO DO HOMEM. Somente assim se adquire o direito de ingressar na Ordem de Melquisedeque.

Resulta oportuno recordar aos FILHOS DA TERRA, aos moradores do mundo, à raça lunar, que da mesma maneira como a água pôs fim à história antiga, assim também o fogo destruirá muito em breve tudo aquilo que tenha vida.

Ai! dos moradores da terra; ai! desta raça perversa de Adão.

O dia do Senhor virá como um ladrão na noite, no qual os céus passarão com grande estrondo e os elementos ardendo serão lançados na terra e as obras que há nela serão queimadas.

É bom que os FILHOS DA TERRA saibam que a raça solar mora naquelas terras das mil–e–uma–noites, na terra dos Jinas.

É urgente, indispensável, necessário, que nos convertamos realmente em reis e sacerdotes da natureza, segundo a Ordem de Melquisedeque. Apenas assim poderemos ser salvos.

Entre as múltiplas facetas inquietantes da vida, podemos e devemos afirmar que existe ao nosso lado uma humanidade que nos é invisível devido aos nossos pecados e abusos sexuais.

Com o consentimento dos veneráveis e respeitáveis Mestres, podemos informar às pessoas lunares que a Ordem de Melquisedeque tem muitas confrarias. Recordemos por um momento o transcendente Montsalvat, a Sagrada Ilha do norte, localizada na calota polar, a Divina Ordem do Tibete, à qual tenho a alta honra de estar afiliado, etc.

Obviamente, tais corporações inefáveis resultam inabordáveis por causa do Véu de Ísis. Convém explicar às pessoas que o véu sexual de Adão só pode ser levantado pelo Cristo Íntimo.

O FILHO DO HOMEM nasce do fogo e da água. Esta é a religião da síntese, a doutrina de Jano com seus três radicais I A O.

O FILHO DA TERRA não gosta desta doutrina. Seu lema é: Comamos e bebamos porque amanhã morreremos.

Está escrito que a raça atlante foi devorada pelo Averno. Foram salvos somente os FILHOS DO SOL. De acordo com a lei da recorrência, este acontecimento se repetirá, tornando inevitável o ingresso da humanidade atual na involução submersa do organismo planetário em que vivemos.

Existem três igrejas:

A **triunfante**, brilhantemente representada por uns poucos cavalheiros do Graal que se mantiveram puros.

A **fracassada**, a igreja daqueles que aborrecem a Pedra da Iniciação.

A igreja **militante**, que é a daqueles que como Maria Madalena, Paulo de Tarso, Kundry e Anfortas, se rebelam contra o fogo luciférico sedutor.

À igreja triunfante pertencem os irmãos que já trilharam o áspero sendeiro da salvação, como diz o lema latino: per aspera ad astra. Eles são verdadeiros FILHOS DE DEUS no mais belo sentido místico.

FILHOS DE DEUS e FILHOS DO HOMEM no esoterismo crístico são sinônimos. Eles são os Cavaleiros do Santo Graal.

PRÁTICA

Combinem inteligentemente os exercícios da Runa Bar com os da Runa Tyr ou Tir.

Levantem os braços para o alto e baixem as mãos como se fossem conchas, enquanto cantam os mantras Tir e Bar assim:

Tiiiiiiiiirrrrrrrrr

Baaaaaarrrrrrrr

Objetivos desta prática:

1. Mesclar sabiamente em nosso universo interno as força mágicas das duas Runas.
2. Despertar a consciência.
3. Acumular internamente átomos crísticos de altíssima voltagem.

20 – AS DEZ REGRAS DA MEDITAÇÃO

A meditação científica tem dez regras básicas, fundamentais, sem as quais seria impossível a libertação, a emancipação, dos grilhões mortificantes da mente.

As dez regras da meditação são:

- 1º) Tornar-se totalmente consciente do estado de ânimo em que se encontra antes de que surja qualquer pensamento.
- 2º) Psicanálise: Investigar a raiz, a origem de cada pensamento, recordação, ressentimento, emoção, afeto, sentimento... conforme vá surgindo na mente.
- 3º) Observar serenamente a própria mente, pôr plena atenção em toda forma mental que faça sua aparição na tela do intelecto.
- 4º) Tratar de recordar, rememorar, esta SENSACÃO DE CONTEMPLAR de momento a momento durante o curso normal da vida diária.
- 5º) O intelecto deve assumir um estado psicológico receptivo, íntegro, UNI-TOTAL, pleno tranqüilo, profundo...
- 6º) Deve existir continuidade de propósitos na técnica da meditação, tenacidade, firmeza e constância.
- 7º) Torna-se agradável, interessante, assistir a cada vez que possa, os períodos de meditação nos Lumisiais Gnósticos.
- 8º) É peremptório, premente, converter-se em vigia da própria mente. Durante qualquer atividade agitada ou de revolta, há que se deter por um instante a fim de observá-la.
- 9º) Torna-se imprescindível praticar sempre com os olhos fechados a fim de evitar as percepções sensoriais externas.
- 10º) Total relaxamento em todo corpo e sábia combinação da meditação com o sono.

Querido leitor, chegou o momento de aquilatar e de analisar judiciosamente estas dez regras científicas da meditação.

O princípio básico e fundamento vivo do Samádhi (êxtase) consiste em um prévio conhecimento introspectivo de si próprio. Torna-se indispensável a introversão durante a meditação profunda. Devemos começar pelo conhecimento do estado de ânimo em que nos achamos antes de que apareça no intelecto qualquer forma mental. Compreendam que todo pensamento que surge no entendimento é sempre precedido por dor ou prazer, alegria ou desgosto, etc.

Reflexão serena. Examinar, aquilatar e inquirir sobre a origem, causa, razão ou motivo fundamental de todo pensamento, recordação, imagem, afeto, desejo, etc., conforme vá surgindo na mente. Nesta segunda regra, há autodescobrimento e auto-revelação.

- A) Observação serena. Pôr plena atenção em toda forma mental que faça sua aparição na tela do intelecto.
- B) Devemos nos converter em espões de nossa própria mente; contemplá-la em ação de momento a momento.
- C) O chitta (a mente) transforma-se em vrittis (ondas vibratórias). A mente é como um lago aprazível e calmo. Se cai uma pedra nele, elevam-se pequenas bolhas desde o fundo. Os diferentes pensamentos são ondulações perturbadoras na superfície do lago. Que o lago da mente permaneça cristalino, sereno, profundo e sem ondas durante a meditação.
- D) Os tipos inconstantes, volúveis, versáteis, cambiantes, sem firmeza, sem vontade, jamais conseguirão atingir o Satori, o Samádhi.
- E) A técnica da meditação científica pode ser praticada tanto de maneira isolada ou individual como por grupos de pessoas afins.
- F) A alma deve se libertar do corpo, dos afetos e da mente. Resulta evidente, notório, patente, que ao se libertar do intelecto, a alma se livra radicalmente de tudo o mais.
- G) Torna-se urgente, indispensável, eliminar as percepções sensoriais externas durante a meditação interior.
- H) É indispensável aprender a relaxar o corpo para a meditação. Nenhum músculo deve ficar em tensão. Urge provocar e graduar o sono à vontade. A combinação sábia do sono com a meditação produz a Iluminação.

RESULTADOS

No misterioso umbral do templo de Delfos, havia uma máxima grega gravada na pedra que dizia: NOSCETE IPSUM. Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses.

O estudo de si mesmo, a serena reflexão, em última instância, conclui obviamente na quietude e no silêncio da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não apenas no nível superficial do intelecto, mas em todos e em cada um dos 49 departamentos da subconsciência, advém o novo, liberta-se a Essência, a consciência, e produz-se o despertar da alma, o êxtase, o Samádhi, o satori dos santos.

A experiência mística do real nos transforma radicalmente. AS pessoas que jamais experimentaram ISSO que é a Verdade, vivem borboleteando de escola em escola. Não encontraram seu centro de gravidade cósmico e morrem fracassadas, sem terem jamais conseguido a tão desejada Auto-Realização Íntima.

O despertar da consciência, da Essência, da Alma ou Budata, só é possível com a libertação, com a emancipação do dualismo mental, da ondulação intelectual e do batalhar das antíteses.

Qualquer luta subconsciente, infraconsciente, inconsciente, submersa, converte-se em uma trava para a libertação da Essência ou Alma.

Todo batalhar de antíteses por insignificante e inconsciente que seja indica, assinala, acusa pontos obscuros, ignorados, desconhecidos, nos infernos atômicos do homem.

Refletir, observar, conhecer esses aspectos infra-humanos do Mim Mesmo, esses pontos obscuros, resulta indispensável para se conseguir a quietude e o silêncio absolutos da mente.

Só na ausência do Eu é possível experimentar ISSO que não é do tempo.

21 – A TRAGÉDIA DA RAINHA DIDO

Ninguém pode negar que a eterna Mãe–Espaço tem dois aspectos rivais: Venus e Astaroth, Heva e Lilit, Sophia Achamoth e Sophia Prunikos.

Falemos agora de Vênus, ou melhor diríamos, de Astaroth, o aspecto negativo da Prakriti, sua tenebrosa antítese na natureza e no homem.

Através dos séculos descobrimos que a crueldade da Kali inflamou o coração da rainha Dido. Ela não quis compreender que essa paixão era contrária à vontade dos Deuses Santos.

Ó, Dido! Luz de delicioso sonho, flor de encantos lendários, tua admirável beleza a graça de Hermafrodito canta com o aéreo de Atlanta; e de tua forma ambígua a evocada musa antiga um hino de fogo levanta.

Sedento, Enéia bebe da ânfora em que está o velho vinho. Febo franze a testa e Juno enruga o cenho, mas *Kali–Astaroth* ri como sempre e Eros derrama seu filtro nos cálices de Hebe.

A infeliz soberana, antes de conhecer a Enéas, o ilustre varão troiano, havia sido cortejada por Iarbas, o rei da Líbia, homem valente e terrível flecheiro que morava com seus guerreiros perto do deserto africano e que não suportava ofensas.

Pobre diabo!... Que terrível luta íntima teria de sustentar entre seu sagrado dever, o amor por seu povo e a cruel ferida de Cupido. Este último começou o seu trabalho destruidor apagando sensivelmente da memória da soberana a imagem de Siqueu, seu primeiro esposo.

Lilith–Astaroth... quanto dano causaste! Deusa de desejos e paixões, mãe de Cupido... por tua causa o sangue brota dos corações humanos. Ó rainha, lançaste ao esquecimento o terrível juramento porque encontraste no caminho da tua vida um troiano que pôs em teus sedentos lábios um novo alento, uma bela taça de delicioso vinho.

E quando Cupido chegou em teu vermelho sangue, feroz acendeu uma tríplice chama de espantosa paixão sexual e entregaste a vindima da tua vida aos gravetos em fogo.

Bela, a quem a terrível sorte ordenara a se martirizar com tantas ternuras, recebeste de Lúcifer uma pérola negra rara para o teu diadema de loucuras.

Consultou a infeliz soberana a sua irmã Ana e ambas recorreram aos altares de diversos Deuses em busca de presságios que favorecessem seus desejos. Imolaram vítimas a Ceres, a Febo–Apolo, a Dionísios e especialmente a Juno, Deusa das mulheres que trabalham na Nona Esfera e que preside as cerimônias nupciais justas e perfeitas.

Muitas vezes inclinou–se a trágica rainha sobre os flancos abertos das inocentes vítimas do sacrifício, inspecionando as entranhas palpitantes, porém uma mulher apaixonada e com a consciência adormecida está sempre disposta a interpretar todos os sinais a favor do seu sonho.

Lá do céu, Juno, a Deusa das mulheres Iniciadas, presenciava indignada os tenebrosos progressos que fazia *Kali–Astaroth* na pobre Dido, mas todas suas reclamações e protestos foram inúteis.

Consumida pela paixão, a infeliz rainha Dido passava as noites em claro, pensando exclusivamente em Enéas, o troiano, que loucamente enamorado, reconstrói os muros de Cartago e trabalha na fortificação de uma cidade estrangeira.

Ah, se Mercúrio, o mensageiro dos Deuses, não tivesse interferido... bem diferente teria sido a sorte da pobre Dido!

O épico paladino troiano precisa tumar para o Lácio e esquecer-se de quem o adora. Este é o mandato de Júpiter, Pai dos Deuses e dos Homens.

Não, tu não és descendente de Dárdano. Nascestes gelado e duro nos ásperos cumes do Cáucaso e uma tigresa das cercanias te amamentou em seus peitos, exclama a despeitada soberana.

Inúteis foram todas suas queixas e lamentos... A desesperada noiva não esteve em Áulida, sacrificando aos Deuses para pedir a destruição da cidade de Príamo, nem jamais foi aliada dos Aqueus, por que, meu Deus... tinha de sofrer tanto a infeliz?

A infortunada soberana transformada em escrava pelo cruel dardo da paixão sexual invoca a morte.

Inúteis foram suas oferendas diante do altar da Deusa Juno, a paixão animal não obtém resposta dos Deuses. Ah! Se as pessoas soubessem que o veneno da paixão animal engana a mente e o coração...

A desgraçada rainha acreditava estar enamorada, o dardo de Cupido havia se cravado em seu coração, porém no fundo sofria apenas de uma paixão. Clama a infeliz no altar de Juno e, de repente, vê que a água lustral fica preta e o vinho da libação vermelho como o sangue.

Terríveis momentos... sobre a solitária cúpula do palácio, a coruja da morte lança seu sinistro canto.

Às vezes, ela sonha e se vê a caminhar por um deserto sem limites em busca de seu adorado Enéas ou a fugir desesperada, perseguida pelas impiedosas Fúrias.

A infeliz conhecia os meios mágicos infalíveis e maravilhosos para esquecer uma paixão bestial. Vou te dizer para que me ajudes – disse a sua irmã Ana. Erguerás uma grande pira na sala grande do palácio que dá frente para o mar. Nela queimarei todas as recordações de Enéas, inclusive aquela sua espada cravejada de ouro que o ímpio me ofereceu como presente de nossas núpcias, as quais não chegaram a se realizar.

No entanto, a apaixonada soberana ao invés de queimar na pira funerária as recordações do ilustre varão troiano, resolve imolar a si própria no fogo que flameja.

Cinge seus reais seios com as cintas sagradas das vítimas destinadas ao sacrifício e de pé sobre a pira fúnebre toma por testemunhas os Deuses, o Érebo, o Caos e Hécate, o terceiro aspecto da Divina Mãe-Espaço.

Ela, a desventurada soberana, que poderia ter utilizado os efeitos mágicos das ervas lunares, usando-as como combustível para incinerar recordações, paixões e maus pensamentos, violentamente deseja arder na pira da morte. Roga ao Sol, clama por Juno, invoca as Fúrias da vingança, comete o erro de amaldiçoar a Enéas e por fim atravessa o coração com a espada do troiano.

Sua irmã a encontrou já ardendo no fogo. Assim morreu a rainha Dido.

22 – A RUNA UR

Espreitando no espaço infinito, esquadrinhando, observando os registros Akashicos da natureza, verifiquei por mim mesmo que a Lua é a mãe da Terra.

Com o olho aberto de Dangma, vou agora submergir no grande Alaya, a famosa superalma de Emerson, a Alma do Universo. Convido o querido leitor a que estude este capítulo profundamente. É preciso meditar nele, afundar em seu conteúdo e conhecer seu profundo significado.

Se tu me perguntasse quem sou, responderia... sou um dos sete Ameshaspentas dos masdeístas que estive no ativo passado Mahavântara do Lótus de Ouro. Vou pois, dar testemunho do que vi e ouvi.

Escutem pois, homens e Deuses. Conheço a fundo os Sete Mistérios da Lua, as Sete Jóias, as Sete Ondas da Vida que evoluíram e involuíram nisso que os teósofos chamam de Cadeia Lunar.

Na realidade, a Lua é o satélite da Terra só em um sentido, no fato de girar em torno de nosso mundo. Vendo as coisas de outro ângulo, investigadas com o Olho de Shiva (intensa visão espiritual do Jivanmukta ou Adepto), a Terra resulta de fato em satélite da Lua.

Evidências a favor são as marés, as mudanças cíclicas em muitas espécies de enfermidades que coincidem com as fases lunares... Pode-se ainda observar sua ação no desenvolvimento das plantas e sua influência é muito marcante nos fenômenos de concepção e gestação de todas as criaturas.

A Lua foi um mundo habitado e agora é um frio resíduo, uma sombra, que se arrasta atrás do corpo para passar, por transfusão, seus poderes e princípios vitais. Ela está condenada a perseguir a Terra por longas idades. É uma mãe que gira em torno de sua filha; parece um satélite.

Eu vivi entre a humanidade lunar. Conheci suas sete raças e suas épocas de civilização e barbárie, os alternados ciclos de evolução e involução.

Quando os selenitas chegaram à sexta sub-raça da quarta ronda, idade a que chegaram agora os terrestres, cumpri missão semelhante a que estou cumprindo, nestes momentos, no planeta em que vivemos. Ensinei aos povos da Lua a religião da síntese, contida na Pedra Iniciática, o sexo, a doutrina de Jano (I A O), ou dos Jinas.

Eu acendi a chama da GNOSIS entre os selenitas, formei um Movimento Gnóstico... e lancei a semente. No entanto, uma parcela da semente caiu junto ao caminho e vieram as aves mundanas e a comeram. Outra parte caiu nas pedras, discussões, teorias e ansiedades, onde não havia gente reflexiva, profunda. Não resistiram a prova do fogo e secaram diante da luz do sol. Não tinham raiz. E outra parte caiu entre espinhos. Irmãos que se ferem uns aos outros com a calúnia e a intriga. Cresceram os espinheiros e as sufocaram.

Felizmente, o meu trabalho de semeador não se perdeu porque uma parte caiu em terra boa e deu fruto de cem por uma, sessenta por uma e trinta por uma semente.

Na Devamatri, Aditi ou Espaço Cósmico, dentro da Ur rúnica, no microcosmos homem-máquina ou, diríamos ainda melhor, no animal intelectual, há muitas faculdades latentes que podem ser desenvolvidas à base de grandes esforços íntimos.

Na antiga Lua, antes de que se convertesse em um cadáver, aqueles que aceitaram a religião da síntese de Jano foram salvos e se transformaram em anjos. Porém, a maioria, os inimigos da Maithuna, os que repeliram a Pedra Iniciática, o sexo, converteram-se nos lucíferes, demônios terrivelmente perversos, de quem a Bíblia nos fala.

Resta ainda dizer que nunca falta uma terceira posição... No Apocalipse lunar, certo grupo frio tornou-se quente e aceitou o trabalho na Nova Esfera, o sexo. Para essa gente foi dada uma nova morada para que trabalhassem com a Pedra bruta até dar-lhe a forma cúbica perfeita.

A pedra que os edificadores rejeitaram veio a se tornar pedra angular, pedra de tropeço e rocha de escândalo. Por aqueles tempos, os selenitas tiveram uma religião espantosamente sanguinária. Os pontífices de tal culto sentenciaram-me à pena de morte e fui crucificado sobre o cume de uma montanha, perto de uma grande cidade.

A transferência de todos os poderes vitais da Lua para este planeta deixou sem vida a velha morada dos selenitas. A Alma Lunar está agora reencarnada neste mundo em que vivemos.

No final do Mahavântara lunar, eu me absorvi no Absoluto que durou 311.040.000.000.000 de anos, ou seja, uma idade de Brahma.

Torna-se indispensável acrescentar que as ondas monádicas da Lua submergiram depois do Grande Dia na Ur rúnica, no profundo ventre da eterna Mãe-Espaço.

Urge afirmar que durante aquele Maha-Samádhi, êxtase sem fim, penetramos muito mais fundo e chegamos ao Pai, Brahma, o Espírito Universal da Vida.

Faz-se necessário esclarecer que o Pai, Brahma, submergiu no Absoluto durante todo o período da Grande Noite, o Mahapralaya.

No terrível repouso paranirvânico, as trevas desconhecidas converteram-se em Luz Incriada para nós, os irmãos.

UHR é o relógio, a medida do tempo, o Mahavântara. RUH é o descanso, o Grande Pralaya.

Na realidade, a Noite Cósmica dura tanto quanto o Grande Dia. É meu dever afirmar que cada um de nós, os irmãos, se absorveu radicalmente em seu átomo primordial, o Ain Soph.

Ao começar a aurora do novo Dia Cósmico, a eterna Mãe-Espaço se dilata, de dentro para fora, como o botão do lótus. O Universo gera-se no ventre de Prakriti.

PRÁTICA

Amando a nossa Mãe Divina e pensando nesse grande ventre, onde os mundos são gerados, oremos diariamente assim:

DENTRO DE MEU REAL SER INTERNO RESIDE A DIVINA LUZ.
RAAAAAAAMMMMMM... IIIIIIIIOOOOOO É A MÃE DE MEU SER, DEVI KUNDALINI.

RAAAAAAAMMMMMM... IIIIIIIIOOOOOO AJUDA-ME...

RAAAAAAAMMMMMM... IIIIIIIIOOOOOO SOCORRE-ME...

RAAAAAAAMMMMMM... IIIIIIIIOOOOOO ILUMINA-ME...

RAAAAAAAMMMMMM... IIIIIIIIOOOOOO É MINHA MÃE DIVINA, ÍSIS MINHA, TU TENS O MENINO HÓRUS, MEU VERDADEIRO SER, EM TEUS BRAÇOS, PRECISO MORRER EM MIM MESMO PARA QUE A MINHA ESSÊNCIA SE PERCA N'ELE... N'ELE... N'ELE...

Esta oração se faz diante do sol com as mãos levantadas, as pernas abertas e o corpo agachado, como se esperando receber luz e mais luz.

23 – HISTÓRIA DO MESTRE MENG SHAN

Contam as velhas tradições, que se perdem na noite dos séculos, que o Mestre chinês Meng Shan conheceu a ciência da meditação antes dos vinte e cinco anos de idade.

Dizem os místicos amarelos que desde essa idade até os 32 anos ele estudou com 18 anciãos.

Resulta certamente interessante, sugestivo e atraente, saber que este grande Iluminado estudou com infinita humildade aos pés do venerável ancião Wan Shan, quem lhe ensinou a utilizar inteligentemente o poderoso **mantra WU**, que se pronuncia com um duplo U, imitando sabiamente o uivo do furacão na garganta das montanhas.

Este irmão nunca esqueceu o estado de alerta percepção, de alerta novidade, tão indispensável e tão urgente para o despertar da consciência.

O venerável guru Wan Shan disse–lhe que durante as doze horas do dia é preciso estar alerta como um gato que espreita um rato ou como uma galinha que choca um ovo, sem abandonar a tarefa por um segundo sequer.

Nestes estudos, os esforços não contam e sim os superesforços. Enquanto não estejamos iluminados, temos de trabalhar sem descanso, como um rato que rói um ataúde. Se praticamos dessa forma, nos libertaremos da mente e experimentaremos diretamente esse elemento que a tudo transforma radicalmente, ISSO que é a Verdade.

Um dia, Meng Shan, depois de 18 dias e noites contínuas de meditação interior profunda, sentou–se para tomar chá e... ó maravilha!... compreendeu o sentido íntimo do gesto de Buda ao mostrar a flor e o profundo significado de Mahakasyapa com seu exótico e inesquecível sorriso.

Interrogou a três ou quatro anciãos sobre a experiência mística, mas eles guardaram silêncio. Outros disseram–lhe para que identificasse a vivência esotérica com o Samádhi do Selo do Oceano. Este sábio conselho, naturalmente, inspirou–lhe grande confiança em si mesmo.

Meng Shan avançava triunfante em seus estudos, mas nem tudo na vida são rosas, também há espinhos. No mês de Julho, durante o quinto ano de Chindin (1264), infelizmente contraiu desintéria em Chunking, província de Szechaun.

Com a morte nos lábios, decidiu fazer testamento e distribuir seus bens terrenos. Feito isto, incorporou–se lentamente, queimou incenso, e sentou–se num sítio elevado. Ali orou em silêncio aos três Bem–aventurados e aos Deuses Santos, arrependendo–se diante deles de todas más ações que cometera em sua vida.

Considerando certo o fim de sua vida, fez aos inefáveis um último pedido: Desejo que mediante o poder de Prajna e de um estado mental controlado, possa eu me reencarnar em um lugar favorável, onde possa fazer–me monge (swami) em tenra idade. Se por casualidade, me recobrar desta enfermidade, renunciarei ao mundo e tomarei os hábitos para levar a luz a outros jovens budistas.

Depois de formular estes votos, submergiu em profunda meditação, cantando mentalmente o mantra WU. A enfermidade o atormentava, os intestinos torturavam–no espantosamente, porém ele resolveu não lhes dar atenção.

Meng Shan esqueceu por completo de seu corpo e suas pálpebras fecharam–se firmemente, ficando como se estivesse morto.

Contam as tradições chinesas, que quando Meng Shan entrou em meditação, só o verbo, isto é, o mantra WU (U... U...), ressoava em sua mente, depois não soube mais de si mesmo.

E a enfermidade...? Que houve com ela...? Que aconteceu...? Resulta claro, lúcido, compreender que toda afecção, doença, dor, tem por embasamento determinadas formas mentais. Se conseguimos o esquecimento radical, absoluto, de qualquer padecimento, o cimento intelectual se dissolve e a indisposição orgânica desaparece.

Quando Meng Shan se levantou do sítio no começo da noite, sentiu com infinita alegria que já estava quase curado. Sentou-se de novo e continuou submerso em profunda meditação até a meia-noite, quando sua cura se completou.

No mês de agosto, Meng Shan foi a Chiang Ning e cheio de fé ingressou no sacerdócio. Permaneceu um ano naquele mosteiro e depois iniciou uma viagem durante a qual ele mesmo cozinhava seus alimentos, lavava as suas roupas, etc. Então, compreendeu na íntegra que a tarefa da meditação deve ser tenaz, resistente, forte, firme e constante, sem se cansar nunca.

Mais tarde, caminhando por terras chinesas, chegou ao mosteiro do Dragão Amarelo. Aí, compreendeu a fundo a necessidade de despertar a consciência. A seguir continuou sua viagem em direção a Che Chiang.

Chegando lá, arrojou-se aos pés do Mestre Ku Chan de Chin Tien e jurou não sair do mosteiro enquanto não atingisse a Iluminação. Depois de um mês de meditação intensiva, recobrou o trabalho perdido na viagem, porém seu corpo encheu-se de horríveis bolhas, as quais foram intencionalmente ignoradas por ele, tendo continuado com a disciplina esotérica.

Um dia qualquer, não importa qual, convidaram-no para uma deliciosa comida. No caminho tomou sua Hua Tou e trabalhou com ela. Submerso em meditação, passou diante da porta de seu anfitrião sem se dar conta, foi quando compreendeu que poderia manter o trabalho esotérico mesmo em plena atividade.

No dia 6 de março, quando estava meditando com a ajuda do mantra WU, o monge principal do mosteiro entrou no Lumisial de Meditação com o evidente propósito de queimar incenso. Porém, aconteceu que ao golpear a caixa de perfumações, produziu um ruído específico. Então, Meng Shan reconheceu a si mesmo e pôde ver e ouvir o Chao Chou, notável Mestre Chinês

Desesperado, cheguei ao ponto morto do caminho. Bati na onda (porém) não era mais que água. Ó, esse notável velho Chao Chou, cuja cara é tão feia!

Todos os biógrafos chineses estão de acordo ao afirmarem que, no outono, Meng Shan entrevistou-se com Hsueh Yen em Ling An e com Tui Keng, Hsu Chou, Shih Keng e outros notáveis anciões. Sempre entendi que o Koan ou frase enigmática decisiva para Meng Shan foi, sem sombra de dúvida, aquela com a qual Wan Shan o interrogou:

Não é a frase: a luz brilha serenamente sobre a areia da praia, uma observação prosaica desse tom de Chang?

A meditação nessa frase foi suficiente para Meng Shan. Quando Wan Shan o interrogou mais tarde com a mesma frase, isto é, repetiu-lhe a mesma pergunta, o místico amarelo respondeu atirando ao chão o colchão da cama, como que dizendo: JÁ ESTOU DESPERTO.

24 – O PAÍS DOS MORTOS

Enéas, o exímio varão troiano, olímpico sobe a augusta montanha de Apolo, em cujo cume encontra-se o misterioso antro da Pitonisa.

Bosque sagrado do terceiro aspecto da Divina Mãe Kundalini, selva inefável, de Hécate, Prosérpina.

Santuário hermeticamente fechado com cem portas e em cuja gloriosa entrada Dédalo, o hábil escultor, gravou com extraordinária maestria maravilhosos relevos.

Diz-se que Ícaro, cujo IAO foi cinzelado por seu pai na sagrada rocha da misteriosa entrada, quis subir aos céus, quis converter-se em FILHO DO SOL, mas as suas asas de cera derreteram e ele caiu no precipício.

Símbolo maravilhoso, vão intento daqueles que não sabem trabalhar com o fiat luminoso e espermático do primeiro instante, desgraça, queda dos alquimistas que derramam a matéria prima da Grande Obra.

Porventura, não foi Dédalo, o famoso escultor grego, o autor de Ícaro, quem ensinou Teseu como escapar do intrincado labirinto de Creta...?

Construção de horrendos corredores e em cujo centro estava sempre o famoso Minotauro, metade homem e metade fera. Eis o complicado intelecto engarrafado em si mesmo. Apenas eliminando a besta interior podemos nos libertar de verdade. Somente dissolvendo o Ego animal, chegaremos à Auto-Realização Íntima.

Este não é o momento de admirar obras de arte – exclama a sacerdotisa – breve chegará Apolo como um vento furioso.

O ínclito varão troiano sacrifica cem cordeiros negros em honra a Prosérpina, a rainha dos infernos e da morte, o terceiro aspecto manifestado da eterna Mãe-Espaço.

Ó Deus!... em espantoso terremoto sacode as entranhas da terra, enquanto que a sacerdotisa exclama, transfigurada: Apolo! Eis aqui Apolo! Ah Enéas! Reza! Escuta-me! As portas deste antro não se abrirão antes que o tenhas feito!

Conta a lenda dos séculos que o notável varão elevou a Apolo suas ardentes súplicas ao escutar estas palavras. Então, com a voz transfigurada pelo êxtase, a vestal advertiu o exímio guerreiro que conseguiria por o pé nas costas da Itália e se estabelecer em Lavínium. Prognosticou que um segundo Aquiles, tão forte como o primeiro, lhe declararia guerra. Disse-lhe que nos rios latinos correria sangue como em Tróia acontecera nos rios Janto e Simóis, porém não deveria desanimar, nem ceder diante da adversidade porque, no fim, sua salvação viria de uma cidade grega.

Deste modo, o santuário de Cumas esparge pela montanha seu sagrado horror. No fundo do templo, a terra uiva e a verdade se disfarça em trevas. (Demonius est Deus inversus)...

E Enéas roga a Sibila, suplica, chora, pede entrada ao país dos mortos, quer baixar à morada de Plutão: Por aqui, pode-se baixar à morada dos defuntos. Poderias me acompanhar a fim de que visite meu pai? Pensa que ele foi meu companheiro de fuga. Carreguei-o sobre as minhas costas quando fugíamos da fumefantes ruínas de Tróia. Quem me encaminha a ti é quem roga que te peça esta mercê. Diga-me, será que peço muito? Se lá baixou Orfeu, armado tão somente com sua harmoniosa lira, se também Teseu e Hércules lá desceram, por que não poderei eu ir também, já que sou neto de Júpiter? (Enéas foi um Iniciado).

Certamente que descer ao averno para trabalhar na Nona Esfera e dissolver o Eu é fácil, porém bastante difícil é voltar. Eis aí o duro trabalho! Eis aí a prova difícil.

Prosérpina, a rainha dos infernos e da morte, é muito caprichosa e exige daqueles que a vão visitar, como presente, o broto dourado, um ramo de ouro da árvore do conhecimento com abundante semente.

Feliz de quem encontra a árvore mágica, a qual não está muito longe: é a nossa própria espinha dorsal. Para ele, se abrirão as portas de Plutão.

Quem quiser subir, primeiro deve descer, esta é a Lei. A Iniciação é morte e nascimento ao mesmo tempo. Porém, a vós que ledes estas linhas, deixai que os mortos enterrem os seus mortos e segui-me. Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

Negar a si próprio significa desintegrar o Eu, morrer de momento a momento, reduzir a pó o Si Mesmo de instante a instante.

Lançar sobre os ombros a pesada cruz do Mestre é algo profundamente significativo. O pau vertical desse santo símbolo é masculino e a vara horizontal é feminina. No cruzamento sexual de ambos pólos, acha-se a chave do Segundo Nascimento.

Seguir ao Senhor de segundo em segundo significa sacrifício pela humanidade. Estar disposto a dar até a última gota de sangue por nossos semelhantes, significa imolar-nos na Ara Sacra do supremo amor por todos os nossos irmãos do mundo.

E agora, Deuses e Homens, escutem-me... Enéas e a Sibila penetraram pela espantosa caverna em direção ao seio da terra.

Ponho por testemunha o Gênio da Terra a fim de afirmar solenemente que antes de se entrar no Averno, passa-se pelo Orco (o Limbo). O Orco é um vestibulo e nele moram a enfermidade, a horrenda fome, conselheira perversa, a miséria, as vãs alegrias, a guerra, as Fúrias, a discórdia com a sua cabeleira de víboras e o sono da consciência.

Ali, Enéas encontrou os sonhos estúpidos das pessoas. Viu criaturas horríveis como Briareu, o gigante de cem braços, a hidra de Lerna, a quem Hércules matou cortando-lhe com maestria as suas múltiplas cabeças, a Quimera, monstro com cabeças de cabra... E viu também as harpias, as Górgones, bruxas, etc.

A misteriosa rota que conduz as almas perdidas para o Tártaro (os mundos infernais), parte do Orco.

Enéas e Sibila, sentados na barca de Caronte, navegaram nas águas do Aqueronte e chegaram à outra margem.

No Averno, Enéas, encontrou a Cérbero, o demônio da gula, e a Minos, o inexorável juiz. Viu também o lúgubre arroio serpenteando nove vezes a Nona Esfera e as águas terríveis do Estige.

Finalmente, o piedoso Enéas encontrou ainda no Averno a Dido, a rainha que tanto o amara, e ao seu defunto pai a quem pôde abraçar.

25 – RUNAS DORN E TORN

Faz apenas uns poucos dias, ocorreu-me visitar novamente o templo de Chapultepec no México.

Certa irmã prosternou-se humildemente diante das portas do templo, implorando a entrada. As súplicas sinceras sempre são atendidas.

A Mestra Litelantes e eu entramos imediatamente após a suplicante. Francamente não posso negar que cheio de profunda veneração e devoção avancei caminhando de joelhos, como o fazem muitos penitentes. Dessa maneira, lentamente subi cada um dos degraus do Santuário.

Litelantes entrou muito alegre... brincando um pouco... tornei-me um pouco severo... ela estranhou minha atitude. Tive de dizer-lhe que eu sou diferente dentro do templo.

As portas abertas do templo deu oportunidade a que um grupo de pessoas lunares entrassem, pobre gente...

Litelantes e minha insignificante pessoa que nada vale sentíamos bem a diferença dessa gente vestida com farrapos lunares para conosco... quão distintos são os corpos solares! Então, assombrosamente o grupo lunar avançou sem respeito algum, sem veneração. Porém, pude compreender claramente e com inteira lucidez que deveria olhar aquele grupo com simpatia, pois era gente seleta e com muitos méritos.

Felizmente, não era hora de reunião, porquanto a maneira como eles entraram não foi nada ordenada.

O Mestre Superior do Templo os repreendeu com severidade e os retirou do recinto. Cantou em uma linguagem tão deliciosa que todos tiveram de se retirar.

Eu fiquei refletindo em tudo isto. O amor do Cristo é formidável. Este grupo lunar é muito sincero. Os pobrezinhos não chegaram ainda ao Segundo Nascimento, porém merecem ser ajudados e o Senhor cuida deles como se fossem delicadas florzinhas de uma estufa. No final, se lhes darão oportunidades para trabalharem na Nona Esfera, mas infelizes deles, se chegarem a fracassar na difícil prova.

A descida ao Averno, à Nona Esfera, sempre foi a prova máxima, desde os tempos antigos, para a suprema dignidade do hierofante. Buda, Jesus, Dante, Hermes, Krishna, Quetzalcoatl... tiveram de baixar à morada de Plutão.

Aí está o antro onde uiva Cérbero, prodígio de terror, que com seus ladridos, suas três enormes cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes, enche de espanto a todos os defuntos.

Nessas penosas profundidades, moram aqueles que morreram enganados pelo veneno da paixão sexual: Evadne, Pasífae, Laodâmia... e também a pobre rainha Dido, aquela que antes havia jurado fidelidade eterna sobre as cinzas de Siqueu.

Aí vivem muitos heróis da antiga Tróia: Glauco, Médon, Tersites, Polildo, Ideu, tão amado e tão temido, etc. Aí estão as terríveis sombras de Agamenon, Ajax e muitos outros aqueus que pelejaram contra Tróia. Correm e gritam por entre as trevas, revivendo a vida, como se ainda estivessem combatendo na planície regada pelo sol, ébrios de luta e de sangue.

Lá está a sinistra cidade, cingida de tríplice muralha, de onde saem horríveis e lastimosos gemidos e ruídos de cadeias. Lá estão as três Fúrias, (desejo, mente e má vontade). Açoitam os culpados com terríveis chicotes que silvam como línguas de víbora.

Nessas tenebrosas e submersas regiões, vivem também os Titãs da antiga Atlântida, os quais tentaram escalar o firmamento, conquistar os outros mundos do espaço infinito, sem antes terem chegado à verdadeira santidade em suas vidas.

No tártaro, vivem os fornicários, adúlteros, homossexuais, assassinos, ébrios, avarentos, egoístas, ladrões, vigaristas, iracundos, violentos, cobiçosos, invejosos, orgulhosos, vaidosos, preguiçosos, glutões, fundadores de más doutrinas, hipócritas, ateus, fariseus, traidores e materialistas inimigos do eterno.

Ó Deus, que imensa é a multidão de delitos e ainda que tivesse cem bocas, mil línguas e voz de aço, jamais conseguiria enumerá-los todos.

Baixar a essas regiões minerais da terra, a esse submundo, resulta demasiado fácil, porém voltar a subir, regressar à luz do sol, é espantosamente difícil, quase impossível.

Quando nasci no mundo causal, diríamos melhor, no Universo Paralelo da vontade consciente, resplandeceu sobre o altar do templo o pano sagrado de Verônica.

Muitas cabeças coroadas de espinhos acham-se cinzeladas nas rochas e correspondem à Idade de Bronze. Existiu um culto ao Deus dos espinhos, os quais devidamente considerados e examinados, judiciosamente nos indicam, claramente, a figura simbólica da Runa Thorn.

Nos Sagrados Mistérios do culto aos espinhos, davam-se práticas especiais para desenvolver a vontade consciente. Dorn, espinho, significa vontade. Recordem irmãos gnósticos que nosso lema-divisa é Thelema.

O divino rosto, coroado de espinhos, significa Thelema, isto é, vontade consciente. Dorn é também o phalus, o princípio volitivo da Magia Sexual (Maithuna).

Há que se acumular inteligentemente a energia seminal, mediante o phalus, a qual ao ser refreída e transmutada se converte em Thelema, vontade.

Arma-te com vontade de aço. Recorda bom leitor que sem o espinho que punge, que fere, não salta a chispa, não brota a luz. Somente com Thelema (Vontade Cristo) conseguiremos regressar do Tártaro para a luz do sol.

Em verdade, digo a todos que a Vontade Cristo sabe obedecer ao Pai, tanto nos céus como na terra.

Cuidem-se da má vontade, a qual, em si mesma, nada mais é do que a força de Satã, o desejo concentrado.

PRÁTICA

Na posição militar de sentido, parados, com o rosto voltado para o oriente, coloquem o braço direito de tal maneira que a mão fique apoiada sobre a cintura ou quadril, descrevendo a forma desta Runa.

Cantem agora as seguintes sílabas mânticas:

TA, TE, TI, TO, TU

com o propósito de desenvolverem a Vontade Cristo.

Pratica-se este exercício todos os dias ao sair do sol.

26 – O EGO

Os que escutaram com mística paciência o arcano da noite misteriosa, os que compreenderam o enigma que se esconde em cada coração, no ressoar de uma carruagem longínqua, em um vago eco, em um ligeiro som perdido na distância... ouçam-me.

Nos instantes de profundo silêncio, quando as coisas esquecidas, os tempos passados, surgem do fundo da memória, na hora dos mortos, na hora do repouso, estudem este capítulo do Quinto Evangelho não apenas com a mente mas também com o coração.

Como se fosse numa taça de ouro, derramo nestas linhas minhas dores de longínquas recordações e de funestas desgraças. São tristes nostalgias da minha alma ébria de flores; duelo do meu coração, triste de festas.

Mas... que quero dizer?... Minha alma... Por acaso te lamentas de tantas outroras com queixas vãs?... Ainda podes perseguir a fragrante rosa, o lírio e ainda há murtas para tua lastimosa cabeça grisalha.

A alma se agita com as vãs recordações. Cruel, imola o que ao Ego alegra, imitando Zingua a lúbrica negra rainha de Angola.

Tu gozaste em horríveis bacanais, em néscios prazeres e no bulício mundano e agora, coitado de ti, escutas a terrível imprecação do Eclesiastes.

Desgraçado de ti!... Pobre Ego! O momento de paixão te enfeitiça, mas olha como chega a Quarta-Feira de cinzas: Memento, homo.

Por isso, para a montanha da Iniciação vão as almas seletas, como explicam Anacreonte e Omar Kayan.

O velho tempo tudo rói sem clemência e passa depressa. Cíntia, Cloe e Cidalisa saibam vencê-lo.

Na ausência do Eu além do tempo, experimentei ISSO que é o Real, esse elemento que a tudo transforma radicalmente.

Viver o real além da mente!... Experimentar de forma direta aquilo que não pertence ao tempo... é algo verdadeiramente impossível de se descrever com palavras.

Eu estava nesse estado conhecido no oriente como Nirvi-Kalpa-Samádhi. Sendo um indivíduo, tinha passado para além de toda individualidade. Por um instante senti que a gota se perdia no oceano que não tem margens, mar de luz indescritível... abismo sem fundo... vazio budista cheio de glória e felicidade.

Como se descreve o que está além do tempo?... Como se define o Vazio Iluminador?... O Samádhi fez-se demasiado profundo... a ausência absoluta do Eu, a perda total da individualidade, a impessoalização cada vez mais e mais radical, me amedrontaram.

Sim... Temor...! Tive medo de perder o que sou, minha própria particularidade, meus afetos humanos... Que terrível é a aniquilação budista.

Cheio de terror e até de pavor, perdi o êxtase, entrei no tempo, me engarrafei no Eu e caí dentro da mente.

Então... ai de mim... ai, ai! Foi só então que compreendi a pesada brincadeira do Ego. Era ele quem temia e sofria pela sua própria existência. Satã, o Mim Mesmo, meu querido Ego, tinha feito com que perdesse o Samádhi. Que horror! Se tivesse sabido antes. E as pessoas que o adoram tanto, que o qualificam de divino, de sublime... como estão equivocados! Pobre humanidade!

Quando passei por esta vivência mística, era ainda muito jovem e ela, a noite, o firmamento, se chamava Urânia.

Ah juventude louca que joga com coisas mundanas e que vê em cada mulher uma ninfa grega, ainda que ela seja uma rubra cortesã! Tempo longínquo, mas ainda vejo flores nos laranjais verdes, impregnados de aromas, ou encantos nas velhas fragatas que chegam dos distantes mares... e teu adorado rosto desse tempo surge em minha imaginação com os primeiros pesares e os primeiros amores. Compreendi que precisava dissolver o Ego, reduzi-lo a pó, para ter direito ao êxtase.

Meu Deus!... então encontrei-m com tantos e tantos ontens. De fato, o Eu é um livro de muitos volumes. Quão difícil foi para mim a dissolução do Eu, contudo a consegui. Fugindo do mal, muitas vezes entrei no mal e chorei.

Para que servem as vis invejas e as luxúrias, que se retorcem como répteis em suas pálidas fúrias?

Para que serve o ódio funesto dos ingratos?... Para que servem os gestos arbitrários dos Pilatos?

No fundo profundo dos homens mais castos vive o Adão bíblico, ébrio de paixão carnal, saboreando com deleite o fruto proibido. A nua Frinéia ainda ressurge na obra de Fídias.

E clamei muito aos céus, dizendo: Ao fauno que há de mim, dá-lhe ciência, dá-lhe essa sabedoria que faz estremecer as asas ao anjo. Pela oração e pela penitência, permita-me pôr em fuga as diabesas ruínas. Dá-me Senhor outros olhos, não estes que gozam em ver belas curvas e lábios vermelhos. Dá-me outra boca em que fiquem impressos para sempre os ardentes carvões do asceta e não esta boca de Adão em queinhos e beijos loucos aumentam e multiplicam infinitamente a gula bestial. Dá-me Senhor mãos de penitente e de disciplinante que me deixem o lombo em sangue e não estas mãos lúbricas de amante que acariciam as maçãs do pecado. Dá-me sangue crístico, inocente, e não este que me faz arder as veias, vibrar os nervos e ranger os ossos. Quero ficar livre da maldade e do engano, morrer em mim mesmo e sentir uma mão carinhosa que me empurre para a caverna que sempre acolhe ao ermitão.

Meus irmãos, trabalhando intensamente cheguei ao reino da Morte pelo caminho do Amor.

Ah... se esses que buscam a Iluminação viessem a compreender de verdade que a alma está engarrada no Eu... Ah... se destruíssem o Eu, se reduzissem a poeira o querido Ego, suas almas ficariam livres de verdade... em êxtase... em contínuo Samádhi e experimentariam ISSO que é a Verdade.

Quem quiser vivenciar o Real, deve eliminar os elementos subjetivos das percepções. Urge saber que tais elementos constituem diversas entidades que formam o Eu. Dentro de cada um desses elementos, dorme profundamente a alma. Que dor...!

27 – A CRUEL MAGA CIRCE

As antigas tradições do Lácio dizem: Tu também Caieta, ama de Enéas, que deste ao nosso litoral eterna fama, se tua honra concede esta Sede, esta é a grande Empriela. O velho Enéas, depois de compor a terra de seu túmulo, faz-se ao mar. O vento incha as suaves velas sob a luz do plenilúnio e o remo luta com o suave mármore. E assim chega a ilha de Calixto, onde a cruel Deusa Circe converte os homens em bestas ferozes.

Conta a lenda dos séculos que Netuno, Senhor do mar, Deus poderoso, favorável aos troianos afastou-os desse tenebroso lugar, onde morava a espantosa maga, ao enviar-lhes próspero vento.

Recordemos o caso de Ulisses, o astuto guerreiro destruidor de cidadelas, quem penetrou na morada de Circe.

Dizem as velhas escrituras que o guerreiro se deteve diante da porta misteriosa onde morava a Deusa de formosos cabelos, chamou-a e ela convidou-o para entrar.

Ulisses mesmo conta sua aventura na Odisséia, dizendo: Eu a segui com o coração cheio de tristeza e ela fez com que me sentasse em uma poltrona com cravos de prata e magnificamente trabalhada. Sob meus pés tinha um escabelo. Em dada ocasião, preparou em uma taça de ouro uma beberagem que ía me oferecer e à qual misturou um feitiço. Depois de me servir, quando estava a beber, ela me tocou com sua varinha e me disse: Anda, vai agora para o chiqueiro e lança-te ao solo junto com teus companheiros. Isto ela disse, porém eu saquei da bainha a minha afiada espada e me lancei contra ela como se a fosse matar. Mas ela, dando um grito, prosternou-se, abraçou meus joelhos e disse-me estas aladas palavras: Quem és tu entre os homens? Qual é a tua cidade? Onde estão teus pais? Muito me admiro que não tenhas te transformado depois de teres bebido o feitiço...

Circe transformando os homens em porcos, mas será isso possível? Que diz a licantropia? Que dizem os Deuses Santos? Já falamos bastante dos três estados da eterna Mãe-Espaço, mas será que existe aspectos opostos para a Devamatri? Que diz a ciência oculta? Qualquer corpo que entre na quarta dimensão pode mudar de forma, porém algo mas é preciso, que será?

Vamos ao grão, aos fatos. Precisamos compreender fundamentalmente que o terceiro aspecto da Mãe Cósmica, chama-se Hécate ou Prosérpina, tem sempre a possibilidade de desdobrar-se em dois aspectos mais do tipo oposto ou fatal. Definamos. Aclaremos.

Esses dois aspectos negativos da Prakriti vêm a constituir o que se chama Kali ou Santa Maria.

As duas polaridades da grande Mãe-Espaço estão representadas no Arcano VI do Tarot. Recordemos a virtude e o vício, a virgem e a rameira, Heva, a lua branca, e Lilith, a lua negra. Recordemos as graciosas esposas de Shiva, o Terceiro Logos: Parvati e Uma, cujas antíteses são aquelas mulheres sanguinárias e ferozes: Durga e Kali. Esta última é a tenebrosa regente desta horrível idade ou yuga: Kali Yuga.

Kali, como a serpente tentadora do Éden, é o abominável órgão Kundartiguador, do qual tanto falamos em nossas Mensagens de Natal precedentes. É com o sinistro poder desse órgão fatal que os homens se transformam em porcos.

Que as abomináveis harpias se transformem em horripilantes e espantosos passarolos, que Apuleio se converta em asno ou que os companheiros de Ulisses virem porcos, certamente não é algo impossível. Trata-se apenas de fenômenos naturais da quarta coordenada, da quarta vertical ou quarta dimensão, os quais sempre se realizam com o tenebroso poder de Kali ou Circe.

Nossas afirmações poderão parecer estranhas a aqueles que não estudaram nossas Mensagens de Natal anteriores, ma, sinteticamente, diremos que essa Circe ou Kali vem a ser, de fato, a força fohática cega, a eletricidade sexual transcendente, usada de uma forma maligna.

Se uma harpia coloca seu organismo físico na quarta vertical e se transforma, a seguir, em uma ave de mau agouro ou em qualquer outro tipo de animal, fiquem completamente seguros que todo seu trabalho está embasado no sinistro poder do abominável órgão Kundartiguador.

Já ouviram falar da cauda de Satanás...? Ela é o fogo sexual projetado desde o cóccix para abaixo, para os infernos atômicos do homem.

Esse rabo luciférico é controlado por um átomo maligno do inimigo secreto. A anatomia oculta ensina que esse demônio atômico está localizado no centro magnético do cóccix.

Todo o sinistro poder de Kali, Circe ou Santa Maria acha-se contido no abominável órgão Kundartiguador ou rabo de Satanás. Os adeptos do tantrismo negro, bonzos e dugpas de boné vermelho, desenvolvem em si mesmos a essa força fohática cega do citado órgão fatal.

A licantropia e a ciência da metamorfose, esta bastante comentada por Ovídio, sempre existiram. Ainda que pareça incrível, atualmente, em pleno século XX, ainda há por aí, em algumas regiões do mundo, modernas Circes. Que se riam os velhacos, os pseudo-sapientes e os modelos de virtude! Que valor têm para a ciência e que diferença fazem para nós? No istmo de Tehuantepec, México, existe abundância de licantropia e de modernas Circes.

Conhecemos o caso concreto de um espécime Don Juanesco e beberrão, certo cavaleiro que teve o mau gosto de mante relações sexuais com uma Circe ultramoderna da nova onda.

Ressalta com clareza a todas as luzes que aquele tenório pôs todo o céu estrelado aos pés da harpia e que fez promessas formidáveis de passarinhos de ouro e tudo mais.

Empenhaste tua palavra, se não cumprires com ela te converterei em um burro – comentou maliciosamente a formosa diabesa. O amante riu do que lhe pareceu uma simples brincadeira.

Passaram-se os dias e as semanas sem que aquele tenório de bairro pensasse em cumprir com as românticas promessas. De repente, algo insólito acontece, uma noite qualquer não regressa ao seu apartamento. Sei companheiro de domicílio pensou que ele andasse metido em alguma nova aventura. Porém, a ausência prolonga-se demasiado...

Passam-se várias noites e nada. No entanto, em certa ocasião, apresenta-se ao invés do Don Juan um asno que insiste em se meter no apartamento.

O bom amigo sai à rua à procura do Don Juan. Interroga a formosa Circe, averigua e ela lhe diz: Teu amigo anda por aí. Veja-o. E assinalou o asno.

A gargalhada, o malicioso sarcasmo... o riso estrondoso de sua amiga, outra belíssima diabesa, foi algo definitivo. Ele compreendeu tudo. Mais tarde, boas pessoas aconselharam-no a mudar-se daquele lugar, antes que fosse demasiado tarde.

O melhor que fez o pobre homem foi regressar à cidade capital do México.

28 – RUNA OS

É indispensável, urgente, impostergável, que nesta Mensagem de Natal 1968–1969 estudemos a fundo o problema da transmutação sexual para solteiros.

Constantemente, chegam a este Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico inumeráveis cartas de muitos irmãos que sofrem de poluções noturnas.

As poluções noturnas são asquerosas, imundas, aborrecíveis. Nós sempre respondemos receitando a Magia Sexual, Maithuna, contra tais estados subjetivos. Porém devemos esclarecer as coisas.

Enquanto estivermos bem vivos, isto é, enquanto tenhamos o Ego existindo nas 49 regiões do subconsciente, os sonhos eróticos continuarão inevitavelmente. Lançando luz às trevas, devemos afirmar enfaticamente que a Magia Sexual estabelece de fato o cimento adequado para evitar as poluções noturnas, ainda que tais sonhos pornográficos continuem.

Acontece que com a Sexo Yoga, Sahaja Maithuna, o chela, discípulo, se acostuma tanto a refrear o impulso sexual que quando na realidade se produz um sonho erótico, a mente reprime por instinto e assim se evita a poluição, a lamentável perda do licor seminal.

Evidentemente, esta receita serve quando existe continuidade de propósitos. Precisa-se de prática diária, ano após ano, com intensidade e tenacidade.

Infelizmente, esta fórmula só serve quando se tem mulher... e os solteiros? Aqueles que não têm mulher? Como farão?

Aí é precisamente onde está o problema, o qual é bastante grave por certo. Precisa-se arrumar mulher se é que de verdade se quer usar a receita.

No entanto, passemos agora para outro assunto similar. Quero me referir à transmutação sexual para os solteiros. Seria lamentável que os solteiros não pudessem utilizar a energia sexual de alguma maneira, porque eles também precisam progredir. Mas como devem preceder? Pois vamos aos grãos, aos fatos.

Não quero dizer com isto que os solteiros possam se Auto-Realizar a fundo, não. Está bem claro que sem a Maithuna torna-se mais que impossível chegar ao Adeptado tão desejado. Porém, o solteiro pode utilizar a energia criadora para despertar a consciência.

Tudo se reduz em conhecer a técnica e é a isso precisamente que está dedicado este capítulo. Entremos agora de fato no terreno da Runa Os.

Esta Runa vibra intensamente na constelação de Escorpião. Isto é muito importante porque esse cortejo de estrelas se encontra intimamente relacionado com os órgãos sexuais.

Ela é a mesma Runa Olin do México asteca e está esotericamente relacionada com a famosa Runa Espinho.

Olin, no idioma asteca, é o signo místico do Deus do Vento, o Senhor do Movimento, Eheatl, aquele anjo que interveio na ressurreição de Jesus transmitindo vida, prana, para o corpo do grande Kabir e exclamando: “Jesus levanta-te da tumba com teu corpo”.

Eu pessoalmente conheço a Ehecatl, o Deus do Vento. Ele é um Deva extraordinário que vive no mundo da Vontade Consciente.

Vejam, pois, a íntima relação esotérica que há entre as Runas Os e Dorn, movimento e vontade.

Ainda que muitos néscios supertranscendidos do pseudo-esoterismo e do pseudo-ocultismo barato achem graça das criaturas elementais da natureza, considerando-as como mera fantasia, ainda que riam e façam brincadeiras com os elementais de Paracelso (Gnomos, Pigmeus, Salamandras, Silfos, etc.), eles existiram, existem e continuarão a existir eternamente.

Ehecatl é um Guru Deva que tem poder sobre os Silfos do ar. Mas e daí? Esses tontos, néscios, bobalhões, mentecaptos... não gostam disso? Riem-se dos elementais? Brincam conosco? Francamente, não nos molestam. Quem ri do que desconhece está a caminho de se tornar idiota.

A milenar Esfinge da sagrada terra dos faraós corresponde à Esfinge Elemental da natureza, ao misterioso instrutor do Santo Colégio Dévico.

A Esfinge Elemental do velho Egito, intimamente relacionada com a misteriosa Esfinge de pedra, veio a mim quando nasci no mundo da Vontade Consciente.

Trazia os pés sujos de lodo... então exclamei: Teus pés estão cheios de barro! Claro... entendi tudo... nesta negra idade, governada pela Deusa Kali, tudo foi profanado e ninguém quer nada com o Sagrado Colégio da Esfinge. Quando, cheio de amor, quis lhe beijar, ela me disse: Beija-me com pureza. Assim o fiz, beijando-a na face. A seguir, regressou ao ponto de partida, a sagrada terra dos faraós.

Todos os irmãos gnósticos gostariam de fazer o mesmo, conversar frente a frente com a Esfinge Elemental da natureza, dialogar com os Devas, andar com Ehecatl, porém primeiro é preciso despertar a consciência, abrir a porta, chamar com insistência e pôr em jogo a vontade.

Observem cuidadosamente os dois hieróglifos da Runa Os. Assim como a Runa Fa tem os braços para cima, a Runa Olin os têm para baixo. Representação profundamente significativa.

PRÁTICA

Alternem sucessivamente os braços durante as práticas esotéricas com esta Runa. Inicialmente, coloquem os braços para baixo, esta é a primeira posição. Depois, coloquem-nos na cintura como na Runa Dorn ou Torn. Repito que devem examinar cuidadosamente as duas representações gráficas da Runa Os.

Durante esta prática rúnica, combinem rítmica e harmoniosamente os movimentos com a respiração. Inalem o prana pelo nariz, exalando-o após pela boca, junto com o místico som Torn, no qual se alonga a pronúncia de cada letra:

TOOOOOOORRRRRRRRRNNNNNNNN

Ao inalar, imaginem as forças sexuais subindo desde as glândulas sexuais por entre esse par de cordões nervosos simpáticos conhecidos na Índia com os nomes de Ida e Pingala.

As forças sexuais seguindo por esses nervos ou tubos chegam até o cérebro e continuam até o coração por intermédio de outros canais entre os quais está o Amrita Nadi.

Ao exalarem, imaginem que as energias sexuais entram no coração e penetram profundamente. Chegando até a consciência para despertá-la.

Golpeiem a consciência com força, com Thelema (vontade), combinando assim as duas Runas.

Depois rezem e meditem. Supliquem ao Pai que está escondido. Peçam a Ele o despertar da consciência. Supliquem à Divina Mãe Kundalini, roguem-lhe com infinito amor que faça subir, que faça chegar até o coração e até o fundo profundo da consciência as suas energias sexuais.

Amem e rezem. Meditem e supliquem. Se tiverem fé que seja do tamanho de um grão de mostarda, moverão montanhas. Recordem que o princípio da ignorância está na dúvida.

Pedi e se vos dará, batei e se vos abrirá.

29 – ORIGEM DO EU PLURALIZADO

Minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou. Escutem-me. Estudem a fundo, com a mente e com o coração, este revolucionário capítulo desta Mensagem de Natal 1968–1969.

Os Elohim (Deuses Santos), produziram de si mesmos (por modificação) o homem à sua imagem... Eles o criaram (à humanidade coletiva ou Adão) macho e fêmea. Eles (a Deidade coletiva), o criaram.

A raça protoplasmática da Ilha Sagrada, situada no setentrião, foi na verdade sua primeira produção. Uma tremenda modificação das puras existências espirituais, feitas por eles mesmos. Eis aqui o Adam Solus.

Dessa primitiva raça polar, proveio a segunda raça: Adão e Eva ou Jod–Heva. Eram povos hiperbóreos, raça andrógina.

Dos hiperbóreos, originou-se a terceira raça, a gente lemuriana, o hermafrodita separatista Caim e Abel que viveu no gigantesco continente Um, situado no oceano Pacífico, e que mais tarde se chamou Lemúria. Estas raças sempre se originaram por modificação.

Esta terceira raça, a última semi-espiritual, foi também o veículo final do esoterismo instintivo puro, inato, virginal, ingênito nos Enoch, os Iluminados daquela humanidade.

O hermafrodita separador Caim e Abel produziu a quarta raça, Seth–Enos, que viveu no continente situado no oceano Atlântico e que tomou o nome de Atlântida. Do povo atlante provém nossa atual quinta raça ariana, que mora perversa nos cinco continentes do mundo.

Cada uma das quatro raças precedentes pereceu devido a gigantescos cataclismos e a nossa quinta raça não se constituirá em exceção. Foi-nos dito que, em um futuro remoto, mais duas outras raças habitarão ainda a superfície da terra, mas cada uma delas terá seu cenário próprio.

A unidade bissexual primitiva da terceira raça–raiz humana é um axioma da sabedoria antiga.

Seus puros indivíduos elevaram-se à hierarquia de Deuses porque aquela gente representava de fato a sua divina dinastia.

A separação em sexos opostos realizou-se através de milhares de anos e tornou-se fato consumado no final da raça lemuriana.

Falemos agora do Éden, das paradisíacas terras Jinas, às quais os indivíduos sagrados da Lemúria tinham acesso contínuo. Naqueles tempos, dos rios de água pura da vida manavam leite e mel.

Essa era a época dos titãs. Não havia nem o meu nem o teu e cada um podia colher da árvore do vizinho sem temor algum. Essa era a época da Arcádia, em que se rendia culto aos Deuses do fogo, do ar, da água e da terra. Essa era a Idade de Ouro, quando a lira ainda não tinha caído no pavimento do templo, fazendo-se em pedaços.

Falava-se somente no jardim puríssimo da divina linguagem cósmica que corre, como um rio de ouro, sob a espessa selva do sol.

Naquela idade antiga, as pessoas eram bastante simples e singelas. Como o Eu Pluralizado ainda não havia nascido, rendia-se culto aos Deuses do tenro milho e às criaturas inefáveis dos rios e dos bosques.

Eu conheci a raça lemuriana hermafrodita. Vêm a minha memória, nestes instantes, aqueles terríveis e enormes vulcões em constante erupção.

Que tempos! Todos nós, os Iniciados, usávamos normalmente certa vestimenta sacerdotal muito comum. As túnicas sagradas ressaltavam esplendidamente com as cores branca e negra, que simbolizavam a tremenda luta entre o espírito e a matéria.

Digno era de se admirar e ver aqueles gigantes lemurianos com suas nobres vestimentas e aquelas sandálias ostentando insígnias.

A glândula pituitária, o sexto sentido, porta-luz e pajem da glândula pineal, sobressaía no entrececho daqueles colossos. A vida de qualquer indivíduo tinha um período médio de duração entre doze e quinze séculos.

Levantaram gigantescas cidades protegidas por enormes pedras formadas com lava dos vulcões.

Conheci também os últimos tempos da terceira raça e vivi na época citada pelo Gênesis, quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, do Éden.

Por aqueles tempos, a humanidade dividira-se em sexos opostos. O ato sexual tornou-se um sacramento que só se podia realizar dentro dos templos. Em certas épocas lunares, as tribos lemurianas realizavam grandes viagens. Saíam em peregrinação rumo aos santos lugares, com o propósito de multiplicar a espécie. Recordemos as viagens de lua de mel.

Os lemurianos eram todos filhos da Vontade e da Yoga. Na cópula, usava-se exclusivamente a Maithuna. Ninguém cometia o erro de ejacular a entidade do sêmen. A semente sempre passa para a matriz sem que seja preciso derramar o sêmen. As múltiplas combinações da substância infinita são maravilhosas.

Os monarcas, rei e rainha, uniam-se sexualmente diante do altar do templo e as multidões realizavam o ato sexual dentro do sagrado recinto e nos empedrados pátios repletos de misteriosos hieróglifos.

Os Deuses Santos dirigiam sabiamente aquelas místicas cerimônias, indispensáveis para a reprodução da espécie humana, porém ninguém pensava em porcarias porque o Eu Pluralizado ainda não havia nascido.

Eu vivia no campo com minha tribo, longe das muralhas ciclópicas da cidade. Morava em uma grande choça ou cabana. Perto de nossa arredondada residência com teto de palmas, redordo claramente, havia um quartel, onde os guerreiros da tribo se reuniam.

Aconteceu certa noite que, todos nós, fascinados por um estranho poder luciférico, resolvemos realizar o ato sexual fora do templo.

Assim, cada casal entregou-se à luxúria.

De manhã cedo, como se nada tivesse ocorrido, tivemos o descaramento, a insolência, o sem-vergonhismo, de nos apresentar como sempre no templo. Então, aconteceu algo excepcional, incrível.

Todos nós vimos um Grande Mestre, um Deus da Justiça, vestido com brancas e imaculadas vestimentas sacerdotais. Ele nos ameaçou com uma espada flamejante que se revolvía por todos os lados e disse: Fora indignos! Claro que fugimos aterrorizados.

Obviamente, este acontecimento repetiu-se em todas as partes do enorme continente Um. Assim foi como a humanidade, Adão e Eva, foi expulsa do Jardim do Éden. Depois deste acontecimento,

registrado em todos os livros religiosos, verificou-se o epílogo horripilante. Milhões de criaturas humanas, misturando a magia com a fornicação, desenvolveram o abominável órgão Kundartiguador.

Cabe oportunamente citar aqui a Kalayoni, o rei das serpentes, o mago negro guardião do templo de Kali, a antítese fatal da eterna Mãe-Espaço.

Sob o conjuro de Kalayoni, Krishnaviu surgir um grande réptil de cor azul esverdeada. A serpente fatal endireitou lentamente o corpo, eriçou a sua cabeleira vermelha e seus olhos penetrantes fulguraram espantosos em sua cabeça de monstro de pelo reluzente. Ou a adoras ou perecerás, diz-lhe o mago negro... e a serpente morreu nas mãos de Krishna.

Quando Krishna matou a grande serpente guardiã do templo de Kali, a Deusa do Desejo, mãe de Cupido, fez abluções e orações durante um mês às margens do Ganges.

Essa víbora de Kali é a serpente tentadora do Éden, a horrível cobra Píton que se arrastava pelo lodo da terra e que Apolo irritado feriu com seus dardos.

Compreendam todos que essa sinistra cobra é, fora de qualquer dúvida, a cauda de Satã, o abominável órgão Kundartiguador.

Quando os Deuses decidiram intervir e eliminaram o órgão fatal da espécie humana, ficaram dentro dos cinco cilindros da máquina (intelecto, instinto, movimento, emoção e sexo), as péssimas conseqüências da cauda de Satã. Naturalmente, essas conseqüências do abominável órgão Kundartiguador constituem o que se chama Ego, Eu Pluralizado, Mim Mesmo, ou seja, o conjunto tenebroso de entidades perversas que personificam todos nossos defeitos psicológicos.

Logo, o Eu Pluralizado é fohat lunar negativo e luciférico. Trata-se de fahat lunar negativo granuloso. A cristalização fohática satânica constitui isso que se chama Ego.

30 – AS TRÊS FÚRIAS

Falemos agora das três Fúrias e de seus venenos gorgônicos. Elas estão sempre rodeadas de verdes hidras e têm por cabelos pequenas serpentes que cingem de forma horrível suas fontes.

Escutem M.M., saibam de uma vez por todas que elas são os três traidores de Hiram Abif.

A da esquerda é Megera, sempre espantosamente horrível. Quem chora à direita é Alecto, em cujo coração se esconde a discórdia, as fraudes que produzem a desordem e as maldades que arrebatam a paz. A última é Tisífone.

As Fúrias arranham o próprio peito com suas repugnantes unhas, golpeiam-se com as mãos e lançam fortes exclamações como: Vem Medusa e te converteremos em pedra; agimos mal não nos vingando da audaz entrada de Teseu.

Recordem irmãos gnósticos a Mara, o Senhor dos cinco desejos, fator de morte e inimigo da Verdade. Quem o acompanha sempre? Não são por acaso suas três filhas, as horríveis Fúrias? Não são as tentadoras que assaltaram a Buda com todas suas tenebrosas legiões?

Porventura, pode faltar Judas, Pilatos e Caifás no drama cósmico? Dante encontra no nono círculo infernal a Judas, Bruto e Cassius.

Judas está com a cabeça socada dentro da boca de Lúcifer e fora dela agita as pernas. Quem tem a cabeça para baixo, pendendo da segunda boca luciférica é Bruto. Feroz, se retorce sem dizer uma só palavra. O terceiro traidor é Cassius que, ainda que pareça corpulento, no fundo é muito débil.

Os três traidores, as três Fúrias, são o demônio do desejo, o demônio da mente e o demônio da má vontade. São os três Upadhis ou fundamentos lunares dentro de cada ser humano.

Pensemos na tríplice presença do Guardiã do Umbral no interior de cada pessoa.

O Apocalipse diz: E vi sair da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do Falso Profeta, três espíritos imundos à semelhança de rãs. Pois são espíritos de demônios que fazem sinais e vão aos reis da terra, em todo mundo, para reuni-los para a batalha daquele grande dia do Deus Todo-Poderoso.

E quem é o Dragão? A Besta? O Falso Profeta? Digam-me Deuses? Onde está?

Não se equivocará quem compreendê-lo como Mara, Lúcifer, o fogo sexual negativo, a força fohática cega do abominável órgão Kundartiguador, pai das três Fúrias.

Lúcifer-Mara, o tentador, com toda essa legião de Eus-Diabos que cada mortal carrega internamente, é a origem das três dores: velhice, enfermidade e morte.

Ah... se o aspecto negativo da Deusa Juno não tivesse interferido no Lácio, invocando a Alecto, a mais aborrecível das Fúrias, o matrimônio de Enéas, o ínclito varão troiano, com a filha do bom rei Latino, não teria sido precedido de tão espantosa guerra.

Levanta-te donzela, filha da noite, – dizia a Deusa Juno – assiste-me e não permitas que minha honra se veja postergada pela vontade de um mortal. Latino quer dar sua filha ao troiano. Tu que podes lançar irmão contra irmão, filho contra o pai, desencadear golpes de ira e acender as fúnebres tochas, surge do abismo! Mostra-te dócil ante a minha vontade! Inflama a juventude do Lácio para que peçam as armas aos gritos e se lancem à morte.

Ai, meu Deus...! Que dor! E a espantosa Fúria apresenta-se nas régias habitações da rainha Amata. Ela suscita na mente da rainha idéias de protesto e rebelião contra a vontade do rei Latino.

Sob a pérfida influência de Alecto, a rainha, desesperada, sai do palácio, corre pelas montanhas, dança e salta como uma bacante e até parece uma mênade furiosa, movida como louca pelo ímpeto de Baco.

A indignada soberana protesta diante do monarca. Não quer fazer a vontade do senhor. Defende Turno, jovem pretendente grego, filho daquele povo que antes assaltara os invictos muros de Tróia.

A rainha teme que Enéas fuja com sua filha para longe do Lácio. Sente a dor de perdê-la e chora.

O trabalho de Alecto ainda não terminou. Ela agora se transporta para a morada do valente Turno. Toma a forma de uma velha de língua viperina e conta-lhe tudo o que está acontecendo no palácio do rei. Com a sua fala insinuante e maléfica, desperta os ciúmes do jovem.

Depois vem a guerra. Peleja o jovem por sua dama, a bela Lavínia, a preciosa filha do bom rei Latino.

O monarca não queria a guerra. Nem sequer foi ele quem abriu as portas do templo de Jano (I A O), o Deus de duas caras. O povo irritado foi quem as abriu por ele.

Nesse templo de Jano, era conservada a doutrina secreta de Saturno, a revelação primitiva dos Jinas e só se abria em tempo de guerra.

Quando a repugnante Fúria Alecto terminou seu trabalho, estava acesa a guerra contra os Rútulos. Então ela penetrou nas entranhas do espantoso abismo pela boca de um vulcão apagado que, de quando em quando, cuspiu os fétidos vapores da morte. Assim, em pouco tempo chegou à sinistra margem que circunda as águas do Cocito.

Morreu Turno, o novo Aquiles, nas mãos de Enéas que se casou com Lavínia, a filha do rei Latino. Porém, oh Deus! Alecto, como sempre, continua acendendo por toda parte fogueiras de discórdia e milhões de seres humanos continuam se lançando à guerra.

Ah...! Se as pessoas compreendessem que levam Alecto dentro de si próprias. Infelizmente, as criaturas humanas dormem profundamente e nada compreendem.

31 – RUNA RITA

Chegam-me à memória nestes instantes cenas de uma passada reencarnação minha na Idade Média.

Vivia na Áustria, de acordo com os costumes da época. Não posso negar que era membro de uma ilustre e rançosa família da aristocracia.

Naquela época, meus familiares, minha estirpe, julgavam-se demasiado sangue azul, devido aos notáveis avoengos e nobres descendentes.

Causa-me pena confessá-lo, e isso é o grave, eu também estava metido nessa garrafa de preconceitos de sociedade. Coisas da época!

Um certo dia, não importa qual, uma irmã minha enamorou-se de um homem pobre. Claro que isso tornou-se o escândalo do século. As damas da nobreza e seus néscios cavalheiros, janotas, empertigados, engomados, esfolaram vivo o próximo, escarneceram da infeliz.

Diziam que ela havia manchado a honra da família, que poderia ter se casado bem melhor, etc.

Não demorou muito tempo e a pobre mulher ficou viúva. Como resultado de seu amor restou-lhe um menino.

E se tivesse querido voltar ao seio da família? Porém, isso não era possível. Ela conhecia demasiado a língua viperina das elegantes damas, sua enfadonha disciplina, seu desdém... e preferiu a vida independente.

Que eu ajudei a viúva? Seria absurdo negá-lo. Que me apiedei do sobrinho? De fato, foi verdade. Porém, infelizmente, há vezes que alguém, por não lhe faltar a piedade, pode se tornar impiedoso.

Este foi o meu caso. Compadecido do menino, o internei em um colégio (dizia para que recebesse uma educação firme e rigorosa), sem me importar, nem um pouco sequer, com os sentimentos de sua mãe. Até cometi o erro de proibir a sofrida mulher de visitar seu filho. Pensava que assim meu sobrinho não se prejudicaria e mais tarde poderia ser alguém, chegar a ser um grande senhor, etc.

O caminho que conduz ao abismo está empedrado de boas intenções. Verdade? Pois, assim é.

Quantas vezes, querendo fazer o bem, fiz o mal. Minhas intenções eram boas, mas procedia equivocadamente e, no entanto, acreditava firmemente que estava agindo corretamente.

Minha irmã sofria demasiado com a ausência do seu filho. Não podia vê-lo nem no colégio porque fora-lhe proibido.

A todas as luzes salta aos olhos que houve de minha parte amor para com meu sobrinho e crueldade para com minha irmã. Mas, eu acreditava que, ajudando o filho, estava a ajudar também a mãe.

Felizmente, dentro de cada um de nós, nessas regiões íntimas onde falta amor, surge como por encanto a polícia do Carma, o Kaon.

Não é possível fugir dos agentes do Carma. Em cada um de nós está a polícia do Carma, a qual nos conduz inevitavelmente para os tribunais. Passaram-se muitos séculos desde aquela época. Todos personagens daquele drama envelheceram e morreram. Mas, a lei da Recorrência é terrível. Tudo se repete da mesma maneira com o acréscimo das conseqüências.

Século XX. Reencontro de todos atores daquela cena. Tudo se repetiu, de certa forma, porém com suas conseqüências. Desta vez fui eu o repudiado pela família, eis a lei. Minha irmã encontrou-se outra vez com seu marido e eu voltei a me unir com Litelantes, minha antiga esposa sacerdotisa.

Aquele tão amado e discutido sobrinho renasceu entre nós, mas desta vez em corpo feminino. É uma menina muito formosa, seu rosto parece uma deliciosa noite e em seus olhos resplandecem as estrelas.

Há algum tempo, vivíamos perto do mar. A menina estava gravemente enferma (o antigo sobrinho) e não podia brincar. Tinha uma infecção intestinal. O caso era bastante delicado, porquanto vários meninos de sua idade tinham morrido naquela época devido a mesma causa. Por que seria minha filha uma exceção?

Os numerosos remédios que se lhe aplicaram foram francamente inúteis. Em seu rosto infantil já começava a se desenhar com horror o perfil inconfundível da morte.

O fracasso era evidente. O caso estava perdido e não me restava outra solução senão a de visitar o Dragão da Lei, esse gênio terrível do Carma, cujo nome é Anúbis.

Felizmente...! Graças a Deus! Litelantes e eu sabemos viajar consciente e positivamente em corpo astral e juntos nos apresentamos no palácio do Grande Arconte, o qual se acha no Universo Paralelo da quinta dimensão.

Impressionante, majestoso, grandioso, aquele templo do Carma. Lá estava o imponente Jerarca, sentado em seu trono terrivelmente divino. Quem não se espantaria ao vê-lo officiar com a sagrada máscara de chacal, tal como aparece em muitos baixo-relevos do antigo Egito faraônico.

Por fim, foi me dada a oportunidade de lhe falar e não a deixei passar, dizendo-lhe: Tu tens uma dívida para comigo. Qual? Replicou assombrado. Satisfeito, nomeei a um homem que em outros tempos fora um perverso demônio. Refiro-me a Astaroth, o grande duque.

Ele era um filho perdido para o Pai – continuei explicando – e, no entanto, o salvei. Mostrei-lhe a senda da luz e o tirei da Loja Negra. Agora é um discípulo da Fraternidade Branca e tu ainda não me pagaste esta dívida.

O caso era que aquela menina devia morrer, de acordo com a lei. Sua alma devia penetrar no ventre da minha irmã para nascer em novo corpo físico. Eu entendia tudo aquilo e foi por isso que acrescentei: Peço que vá Astaroth para o ventre da minha irmã ao invés da alma da minha filha.

A solene resposta do Jerarca foi definitiva: Concedido. Que vá Astaroth para o ventre da tua irmã e que tua filha fique curada.

Resta ainda dizer que aquela menina, o antigo sobrinho, curou-se milagrosamente e minha irmã concebeu a um formoso varão.

Eu tinha com que pagar essa dívida, possuía o capital cósmico necessário. A lei do Carma não é uma cega mecânica como supõem muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas.

Da maneira como estavam as coisas, torna-se bem evidente compreender que, com a morte de minha filha, eu deveria sentir a dor do desprendimento, aquela amargura que, em épocas anteriores, sentira minha irmã com a perda de seu filho. Assim, perante a Grande Lei ficaria o dano compensado. Repetiram-se as cenas semelhantes às passadas, porém desta vez a vítima seria eu mesmo.

Felizmente, o Carma é negociável. Nada tem que ver com essa mecânica cega dos astrólogos e quiromantes de circo. Tinha capital cósmico e com ele paguei a velha dívida. Graça a Deus, consegui evitar a amargura que me aguardava.

Quando será que as pessoas compreenderão todos os mistérios da Runa Rita? A Runa da lei.

Rita recorda-nos a palavra razão, religião, roda, *recht* (justo, eqüitativo em alemão). O Direito Romano tem como símbolos da Justiça a balança e a espada.

Portanto, não estranhem que no palácio de Anúbis hajam balanças e espadas por toda parte. O Grande Juiz é assessorado em seu trabalho por 42 juízes da lei.

Jamais falta diante dos tribunais do Carma os ilustres advogados da Grande Lei, que nos defendem quando temos capital cósmico suficiente para cancelar as velhas dívidas.

Também é possível conseguir crédito junto aos Senhores da Lei ou Arquivistas do Destino, porém tudo se paga com boas obras, trabalhando pela humanidade, ou à base de suprema dor.

Não somente se paga Carma pelo mal que se faz, como pelo bem que se deixa de fazer, podendo-se fazê-lo.

PRÁTICA

Os mantras fundamentais da Runa Rita são:

RA... RE... RI... RO... RU...

Na Runa Fa tivemos de levantar os braços. Na Runa Ur, abrimos bem as pernas. Na Runa Dorn pusemos um braço na cintura. Na Runa Os mantivemos as pernas abertas e os braços na cintura. Agora, na Runa Rita, devemos abrir uma perna e um braço. Assim, nestas posições, os irmãos gnósticos ver-se-ão como se fossem os próprios símbolos rúnicos, da maneira como são escritas as letras.

Esta prática rúnica tem o poder de libertar o Juízo Interno.

Precisamos despertar o Budata, a Alma, e nos converter em juízes conscientes.

A presente Runa possui o poder de despertar a consciência dos juízes.

Recordemos que essa voz chamada de remorso, de fato é a voz acusadora da consciência.

Aqueles que nunca sentem remorso, estão muito longe de seu Juiz Interno, comumente são casos perdidos.

Gente assim deve trabalhar intensamente com a Runa Rita para libertar seu juízo interno.

Precisamos urgentemente aprender a nos guiar pela voz do silêncio, isto é, pelo Juiz Íntimo.

32 – A DIVINA MÃE KUNDALINI

Oh, musa!... Inspira-me para que meu estilo não desdiga da natureza do assunto.

Ó Divina Mãe Kundalini!... Tu és Vênus, minha Senhora, tu és Heva, Ísis, Sophia Achamoth, Paravati, Uma, Tonantzin, Réa, Cibele, Maria, ou melhor diríamos, tu és RAM...IO.

Ó, Devi Kundalini! Tu és Adshanti, Rajeswari, Tripurusndari, Mara Lakshmi, Maha-Saraswati, Insoberta, Adonia...

Sem ti, ó Mãe Adorável! Seria impossível a manifestação do prana, da força magnética, da gravitação cósmica, da eletricidade e da coesão molecular.

Tu és Matripadma, a Devamatri! Aditi ou Espaço Cósmico, a Mãe dos Deuses.

Ó eterna Mãe-Espaço! Tu tens três luminosos aspectos durante a manifestação cósmica e duas antíteses.

Que me escutem os homens! Está dito que cada vivente tem sua própria Devi-Kundalini, sua Divina Mãe Particular.

Na verdade, seria absolutamente impossível a eliminação do Ahamkrita Bhava, a condição egóica de nossa Consciência, se cometêssemos o crime de nos esquecer de nossa Divina Kundalini.

O animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não é mais que um composto de agregados que cedo ou tarde deve virar poeira cósmica.

A única coisa eterna que há em nós é o Buda Íntimo. No entanto, ele se encontra além do corpo, da mente e dos afetos.

Eliminar os vãos e perecedores agregados, é algo cardeal e definitivo para o despertar da Consciência.

Esses agregados ou Eus tenebrosos são entidades que habitam nos cinco centros da máquina humana.

Em nossas passadas Mensagens de Natal, já foi dito e explicado que os cinco cilindros da máquina são: Intelecto, Emoção, Movimento, Instinto e Sexo.

Resumindo. Os Eus-Diabos constituem o Ego (o Eu Pluralizado) e dentro de cada um deles dorme a nossa consciência. Eliminar esses Eus, essas entidades, esses agregados, que personificam nossos defeitos, é vital para o despertar da consciência e para a obtenção do Atman-Vidya, a completa Iluminação.

Compreensão profunda e perfeita consciência do defeito que queremos extirpar são fatores fundamentais, porém não significa tudo. Precisamos eliminá-lo e isto só é possível com a ajuda da Mãe Kundalini.

A mente não pode alterar nada fundamentalmente. A única coisa que faz é rotular, esconder e passar os defeitos para outros níveis. Eliminar defeitos é outra coisa bem diferente, a qual seria

absolutamente impossível sem Devi–Kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

Uma noite qualquer, não vem ao caso nem o dia nem a hora, viajando em corpo astral pelo UNIVERSO PARALELO da quinta dimensão, embriagado de certa voluptuosidade espiritual, cheguei extático diante do misterioso umbral dos Duas–Veze–Nascidos.

O Guardião dos Grandes Mistérios, hierático e terrível como sempre, estava na porta e quando quis entrar aconteceu algo fora do comum.

Olhando–me fixamente, disse–me ele com um tom de voz severo: De um grupo de irmãos que trabalharam na Nona Esfera e que, após terem trabalhado nessa região, se apresentaram neste templo, tu és o mais adiantado, mas agora estancaste o progresso.

As palavras do guardião, proferidas com tanta severidade no umbral do mistério, deixaram–me perplexo, confundido, indeciso, não me ocorrendo mais do que perguntar: Por que? E o Jerarca respondendo, exclamou: Por que te falta amor.

Como? – repliquei – amo a humanidade, estou a trabalhar por todos os seres humanos. Não entendo o que me dizes. Em que consiste essa falta de amor?

Te esqueceste de tua Mãe. És um filho ingrato, explicou o guardião e a forma como entoou tais palavras, confesso que, além de dor, causaram–me pavor.

Acontece que não sei onde ela está, faz tanto tempo que não a vejo, expliquei pensando que ele fazia referência a minha genitora, de quem tive de me afastar quando era ainda muito jovem.

Como é possível que um filho não saiba onde está a sua Mãe, refutou o guardião, que continuou admoestando: Digo para o teu bem que estás te prejudicando.

Confesso que somente depois de vários dias de inúteis pesquisas para localizar a minha mãe terrena no mundo, pude por fim entender as enigmáticas palavras do guardião de templo. Ah!... o caso é que a literatura de tipo pseudo–esoterista e até pseudo–ocultista, que tanto abunda no mercado, nada diz a respeito.

Se tivesse sabido antes! Enfim, pensei tantas coisas e rezei.

Orar é conversar com Deus e eu rezei, em segredo ao eterno feminino, a Deus–Mãe. Então, soube que cada um tem sua própria Mãe Divina Particular, foi quando até o seu nome secreto conheci.

Claro que naquela época sofria o indizível na luta pela dissolução do Eu, trabalhando para reduzi–lo a poeira cósmica.

O mais terrível de tudo era que tinha chegado ao Segundo Nascimento e compreendia muito bem que se não conseguisse morrer em mim mesmo, fracassaria, estaria me convertendo em um aborto da Mãe Cósmica, em um Hanasmussen (**o H pronuncia–se como se fosse J** – em espanhol), um duplo centro de gravidade.

Meus esforços pareciam inúteis. Fracassava nas provas e se tivesse continuado assim, naturalmente que o fracasso teria sido inevitável.

Felizmente! Graças a Deus! O guardião do templo soube me advertir e aconselhar.

O trabalho foi terrível. Os fracassos indicaram com exatidão onde estavam as falhas. Cada prova, bastava para me indicar, para me assinalar, o defeito básico, o erro.

A meditação sobre cada erro é suficiente para a sua compreensão, ainda que existam graus e graduações, conforme pude evidenciar.

Nisto de compreensão, há muito de elástico e dúctil. Muitas vezes cremos ter compreendido de maneira integral um defeito de tipo psicológico e, somente mais tarde, descobrimos que realmente não o compreendêramos.

Eliminar é outra coisa. Alguém pode compreender um defeito qualquer sem que com isso consiga extirpá-lo. Se excluimos a Divina Mãe Kundalini, o trabalho termina ficando incompleto e a eliminação dos defeitos torna-se impossível.

Eu, francamente, me converti em inimigo de mim mesmo. Resolvi equilibrar a compreensão e a eliminação. Todo defeito compreendido foi eliminado com o poder da Divina Mãe Kundalini.

Por fim, um dia revisei meu trabalho no Tártaro, no Averno, no reino mineral submerso, nessas dimensões infradimensionais ou UNIVERSOS PARALELOS submergidos. E navegando na barca de Caronte pelas águas do Aqueronte, cheguei na outra margem para revisar o trabalho. Então, vi a milhares de Eus-Diabos, meus agregados, partes de mim mesmo vivendo nessas regiões.

Quís reviver algo, uma figura que simbolizava o meu próprio Adão do pecado e que jazia como um cadáver nas lamacentas águas do rio. Contudo, minha Mãe Divina, vestida de luto como uma dolorosa, disse-me com uma voz cheia de infinito amor: Isso está bem morto, já nada tenho para tirar.

Certamente, Ela tinha extraído de mim toda a legião de Eus-Diabos, todo o conjunto de entidades das trevas que personificam nossos defeitos e que constituem o Ego. Eis como consegui a dissolução do Eu Pluralizado. Eis como consegui reduzir a pó todos esses agregados que formam o Mim Mesmo.

33 – A FORJA DOS CICLOPES (O SEXO)

Vênus, a Divina Mãe Kundalini, rogando por seu filho Enéas a Vulcano, ensina a chave da Auto-Realização Íntima.

Diz a Deusa: Escuta-me, tu que forjas o ferro indomável com os fogos do centro da terra! Durante os 9 anos em que Tróia se viu assaltada pelos Aqueus, nunca te importanei pedindo armas para meus protegidos, mas hoje é meu filho quem se encontra em perigo de morte. Muitas nações belicosas espreitam-no a fim de exterminar a sua raça. Quando a mãe de Aquiles e outras deidades suplicaram a ti, forjaste armas para seus heróis. Agora, sou eu, a tua esposa quem te pede. Dá armas ao meu Enéas para que se proteja do tremendo choque e da quantidade de ferro e dardos que lhe vêm em coma. Não é um destruidor, já que trata apenas de se defender daqueles que combatem seus propósitos de fecunda paz.

Ó vós! Escutai-me todos vós que valentemente desceis ao Averno para trabalhar na Forja Incandescente de Vulcano, o Sexo.

Nove meses permanece o feto no claustro materno. Nove idades permaneceu a humanidade inteira no ventre de Réia, Ceres, Cibebes, Ísis... a Mãe Cósmica.

Vulcano trabalha no nono círculo do inferno, forjando o ferro indomável com o fogo vivo do organismo planetário.

Gente de Thelema, trabalhem!

Homens e mulheres de vontade de aço, trabalhem sem descanso na Nona Esfera, o sexo!

Vênus, a Divina Mãe Kundalini é, foi e sempre será a esposa sacerdotisa de Vulcano, o Terceiro Logos, o Espírito Santo.

Desce o **ignipotente** até a terrível forja dos ciclopes desde as alturas do céu maravilhoso. Clama com grande voz chamando a seus três irmãos: Brontes, Estéropes e Piracmon, símbolos vivos das criaturas elementais dos ares, das águas e da perfumada terra.

O trabalho na forja dos ciclopes é terrível. No esforço, colaboram os raios das tempestades, as forças secretas da tormenta e os sopros dos furiosos ventos.

Aí, transmuta-se o chumbo em ouro e tempera-se o aço da espada flamejante. Aí, forja-se o gigantesco escudo protetor da alma, o qual por si só bastaria para aparar os golpes dos exércitos tenebrosos mais terríveis.

Armadura argentada, esplêndido escudo formado com átomos transformativos de altíssima voltagem, cuja morada fica no sistema seminal. Divino escudo áurico, setenário na constituição íntima do verdadeiro homem.

O antro sexual trepida sob o empuxo erótico dos foles de ar durante a maithuna e os robustos e suarentos braços, no esforço rítmico, golpeiam as bigornas.

Enéas parece um Deus, desafiando no combate aos soberbos laurentinos e ao impetuoso Turno. Enéas, feliz com o presente de sua Divina Mãe, veste-se com as armas fabricadas por Vulcano.

Vejam aí os corpos solares, a terrível cimeira e o elmo adornado com chamas ameaçadoras; a flamejante espada e a couraça de bronze; as polidas proteções e o escudo cheio de inumeráveis

figuras.

Naquele escudo áurico e luminoso, Vulcano, o Terceiro Logos, o Espírito Santo, gravou assombrosas e terríveis profecias.

Ali, resplandecia a gloriosa raça dos remotos descendentes de Ascânio, a loba que amamentou a Rômulo e Remo e o primeiro destes dois irmãos, ó Deus! Raptando as mulheres dos sabinos e acendendo cruenta guerra.

Ah! Se as pessoas entendessem o mistério desses dois gêmeos... uma só alma em duas pessoas distintas... o Budata dividido em dois e, é claro, encarnado em duas personalidades diferentes. Rômulo e Remo amamentados por uma loba, a loba da Lei. Alma com dois homens, dois corpos, duas pessoas...

Bem sabem os Deuses que se pode viver em tempos e lugares diferentes e simultaneamente.

Quanta sabedoria gravou Vulcano no brilhante escudo de Enéas! Quantas profecias!

Vejam nele, homens e Deuses, o rei Persenna, extraordinário, maravilhoso, conjurando os romanos para que admitissem a Tarquínio dentro dos muros invictos da cidade.

Olhem! Lá está o ganso de ouro na cúspide do pontiagudo escudo, ele agita as suas asas pedindo auxílio contra os gauleses que tratam de invadir o Capitólio.

Observem, vejam os confrades de Sálíos com suas danças marcianas e seus coros de guerreiros; as castas matronas em suas carroças; o traídor Catilina no Averno sendo atormentado; as pálidas Fúrias; Catão, o legislador, sábio; os navios de guerra; Cesar Augusto; Agripa ajudado pelos Deuses e pelos ventos; Marco Antônio e Cleópatra; Anúbis, o Senhor da Lei; Netuno, Vênus e Minerva, a Deusa da Sabedoria.

Depois, ó Deus! Cesar regressando vitorioso para Roma. As nações vencidas, fileiras de escravos, a rica presa de guerra, tronos de ouro, reis vencidos

34 – RUNA KAUM

Há muito tempo, na noite profunda dos séculos, lá no continente Mu ou Lemúria, conheci a Javé, aquele anjo caído de quem nos fala Saturnino de Antióquia.

Javé era um Venerável Mestre da Fraternidade Branca, um glorioso anjo de precedentes Mahavântaras. O conheci e o vi muitas vezes, porquanto fui sacerdote e guerreiro entre os povos da Lemúria. Todos o veneravam, amavam-no e adoravam-no.

Os hierofantes da raça purpúrea lhe concederam a alta honra de usar couraça, cimeira, elmo, escudo e espada de ouro puro.

Aquele sacerdote e guerreiro resplandecia como chamas de ouro sob a selva espessa do sol. Em seu escudo simbólico, Vulcano gravara muitas profecias e terríveis advertências.

Ai! Ai! Ai! Esse homem cometeu o erro de trair os Mistérios de Vulcano.

Os lucíferes flutuavam na atmosfera do velho continente MU. Eles ensinaram-lhe o tantrismo negro, a maithuna com ejaculação do Ens Seminis.

O pior foi que esse homem tão amado e venerado por todo mundo deixou-se convencer e praticou este tipo pernicioso de magia sexual com distintas mulheres. Então, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes desceu-lhe pelo canal medular e projetou-se para baixo, desde o cóccix, formando e desenvolvendo o abominável órgão Kundartiguador no seu corpo astral.

Assim caiu aquele anjo e se converteu através das idades em um demônio terrivelmente perverso.

Muitas vezes encontramos a esposa sacerdotisa de Javé nos mundos superiores. Trata-se de um infável anjo.

Os esforços desse homem para convencer a sua esposa foram inúteis. Ela jamais aceitou o tantrismo negro dos tenebrosos e preferiu antes o divórcio a se meter pelo caminho negro.

Javé é aquele demônio que tentou Jesus Cristo. Tentando-o no deserto durante o jejum, dizia-lhe: Se és filho de Deus, faz com que esta pedra se converta em pão. Nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra de Deus, respondeu-lhe Jesus.

Contam as sagradas escrituras que Javé levou Jesus, o Grande Kabir, para um alto monte e que tentando-o dizia: “**Itababo**, todos estes reinos do mundo eu te darei se te ajoelhas e me adoras”. O Grande Kabir respondeu: “Satã, Satã, está escrito: Só ao Senhor teu Deus adorarás e servirás”.

Por fim, dizem que Javé levou Jesus a Jerusalém e colocou-o sobre o pináculo do templo para lhe dizer: “Se és filho de Deus, lança-te daqui para baixo, porque está escrito: A seus anjos mandará que se aproximem e que o protejam, e que nas mãos o sustentem para que não tropece com seu pé em pedra alguma”. Respondendo Jesus lhe disse: “Está dito que não tentarás ao Senhor teu Deus”. E quando Javé terminou a tentação, afastou-se dele por um tempo.

Se queremos compreender a fundo todo o mistério da Runa Kaum, devemos agora falar sobre o tantrismo branco.

Nestes momentos, chegam-me à memória aqueles tempos do antigo Egito.

Durante a dinastia do faraó Quéfren, no país ensolarado de Kem, fui um Iniciado egípcio.

Uma tarde qualquer, cheia de sol, caminhando pelas areias do deserto, atravessei uma rua de esfinges milenares e cheguei às portas de uma pirâmide. O guardião do templo, um homem de rosto hierático e terrível, estava no umbral. Em sua destra empunhava a ameaçadora espada flamejante.

Que desejas? – Sou Sus, (o suplicante) que vem cego em busca de luz.

Que queres? – Respondi novamente: Luz.

Que precisas? – Luz, respondi mais uma vez.

Jamais esqueci o instante em que ele girou a pesada porta de pedra sobre seus gonzos, produzindo aquele som característico do Egito faraônico, aquele Dó profundo.

Bruscamente, o guardião pegou-me pela mão para introduzir-me ao templo. Despojou-me da túnica e de todo objeto metálico. Então, fui submetido a provas terríveis e espantosas.

Na prova do fogo, tive de manter pleno controle de mim mesmo. Foi terrível caminhar entre vigas de aço, esquentadas ao vermelho vivo. Na prova da água, estive a ponto de ser devorado pelos crocodilos do profundo poço. Na prova do ar, pendendo de uma argola sobre o abismo sem fundo, resisti aos furiosos ventos com heroísmo. Na prova da terra, pensei que ia morrer entre duas enormes pedras que ameaçavam me triturar.

Já passara por todas essas provas iniciáticas em tempos antigos, porém tinha de recapitular a fim de retomar o caminho reto do qual tinha me afastado.

Fui vestido com a túnica de linho branco e me colocaram a cruz TAU no peito dependurada no pescoço. E apesar de ser um bodhisatva, ingressei como qualquer neófito. Tive de passar por rigorosos estudos e disciplinas esotéricas. Quando cheguei à nona porta, ensinaram-me os grandes mistérios do sexo.

Ainda recordo aqueles momentos em que meu Guru, depois de profundas explicações, olhando-me fixamente disse-me com voz solene: Descobre o **chechere** (phalo). Ali, de lábio para ouvido, comunicou-me o segredo indizível do Grande Arcano: conexão sexual do lingam-yoni sem ejaculação do Ens Seminis.

Em seguida, trouxe uma vestal vestida com uma túnica amarela e de uma beleza extraordinária. De acordo com as instruções do Mestre, realizei com ela o trabalho, pratiquei a Maithuna, tantrismo branco.

Esta prática é maravilhosa, disse. Assim descí à Nona Esfera e assim realizei a Grande Obra. Objetivo: fabricar os corpos solares e despertar e desenvolver o fogo serpentina da anatomia oculta.

Naquela época, existiam *prostitutas sagradas* dentro dos templos. Eram vestais especiais e com elas trabalhavam os Iniciados solteiros. Hoje em dia, essas mulheres não convenceriam se fossem mantidas nos Lumisiais gnósticos... escandalizariam. Por isso é que agora só se pode e se deve praticar a maithuna, a yoga sexual, entre esposo e esposa em lares legitimamente constituídos.

No antigo Egito dos faraós, quem violasse seus juramentos e divulgasse o Grande Arcano, era condenado à pena de morte. Cortava-se-lhe a cabeça, arrancava-se-lhe o coração, incinerava-se seu corpo e por fim suas cinzas eram lançadas aos quatro ventos.

A misteriosa Runa Kaum representa com inteira exatidão a mulher sacerdotisa e também a espada flamejante. A Runa Kaum com seu cabalístico 6 vibra com intensidade dentro da esfera de Vênus, o planeta do amor.

Homens e mulheres do mundo, saibam que somente com a Maithuna é possível pôr em atividade essa serpente de fogo no corpo do asceta. Precisamos aprender a manejar sábia e imediatamente o eterno princípio feminino das forças solares.

Recordem a águia com cabeça de mulher, a dama solar, o fundamento diamantino da Grande Obra do Pai.

Primeiro temos de transmutar o chumbo em ouro para mais tarde fabricar diamantes da melhor qualidade.

A Runa Rita influi decisivamente nas glândulas endócrinas masculinas e a Runa Kaum exerce sua influência sobre as glândulas femininas.

Existem por aí, no labirinto de todas teorias, muitos malabaristas da Hatha Yoga. Esses equilibristas supõem que podem excluir a Maithuna para se Auto-Realizar a fundo. Crêem esses místicos de maromba que à base de piruetas e de ginásticas absurdas se pode fabricar os corpos solares e se chegar ao Segundo Nascimento.

Faz já algum tempo, tive a alta honra de ser convidado para um concílio secreto da Grande Loja Branca. Devo informar claramente ao mundo que nele a Hatha Yoga foi desclassificada, reprovada e condenada como autêntica e legítima magia negra da pior espécie.

Os reitores esotéricos da humanidade não aceitam e não aceitarão jamais os malabarismos absurdos da Hatha Yoga.

Quem quiser se Auto-Realizar a fundo, de fato, deve transmutar o Hidrogênio SI-12 através da Yoga sexual para fabricar com ele os corpos solares, o traje de bodas da alma.

Torna-se absolutamente impossível encarnar o nosso Real Ser em nós mesmos, se antes não fabricamos os corpos de ouro na forja dos ciclopes.

Urge caminhar com firmeza pela Senda do Fio da Navalha.

Chegou a hora de seguir o caminho do Matrimônio Perfeito. Recordem que nosso lema-divisa é Thelema.

Os mistérios da Runa Kaum brilham gloriosamente no fundo da Arca, aguardando o momento de serem realizados.

35 – A REGIÃO DO PURGATÓRIO

Aquela águia de plumagem de ouro puro, a qual arrebatou Ganímedes levando-o para o Olimpo a fim de que servisse de copeiro aos Deuses, tem o costume de caçar na região do Purgatório.

Essa majestosa ave do Espírito, dando voltas maravilhosas, desce terrível como o raio e arrebatava a alma a fim de levá-la para a esfera do fogo e com ela arder, convertidas as duas em chama viva.

Recordemos o poderoso Aquiles, revolvendo-se espantado e sem saber onde se encontrava, quando sua Mãe, roubando-o de Quíron, transportou-o adormecido para a ilha de Ciros, de onde os gregos o tiraram depois.

Lembro-me agora daqueles tempos em que abandonei o Averno para ingressar na região do Purgatório. Minha Mãe já me instruirá fundamentalmente.

Convertida em uma verdadeira dolorosa, navegara comigo na barca de Caronte, mostrara-me a dissolução do Eu Pluralizado e, por fim, ensinara-me que a mente mesmo desprovida do Ego continua com as más tendências.

Ó Deus meu!... O Eu Pluralizado ao se dissolver deixa na mente as sementes da perdição. Os iogues dizem que essas sementes têm de ser frigidadas, incineradas e reduzidas a poeira cósmica.

Precisamos compreender urgentemente que o Ego renasce como a erva ruim dentre suas próprias sementes.

Precisava incinerar essas más sementes da erva venenosa. Necessitava ingressar na região purgatorial do mundo molecular inferior para queimar o seminário do Mim Mesmo.

Aproximei-me até chegar ao sítio que antes se me parecera uma ruptura semelhante à brecha que divide um muro. Vi uma porta para a qual se subia por três degraus de diferentes cores. No terrível pórtico estava gravada em caracteres indelévels a palavra PURGATÓRIO.

Vi um porteiro que ainda não proferira palavra alguma. Aquele Gênio estava de pé sobre o degrau superior. Tratava-se de um anjo de extraordinária beleza, severo, imponente, terrivelmente divino... Em sua mão direita, tinha uma espada nua que refletia raios de fulgor.

Todo aquele que tenta penetrar nessa região do purgatório prostra-se devotamente aos pés desse anjo e suplica-lhe por misericórdia que abra a porta, batendo antes no peito por três vezes.

Jamais alguém esquece aqueles momentos em que o anjo escreve com a ponta da espada na testa do Iniciado a letra P, repetida sete vezes. E seus lábios proferem a seguinte frase: Procura lavar estas manchas quando estiveres lá dentro.

Recordam-se do caso da mulher de Lot? Por olhar para atrás ficou convertida em uma estátua de sal. Assim também o anjo do Purgatório adverte, pois quem olha para trás depois de ter entrado no mundo molecular inferior, perde seu trabalho e torna a sair por onde entrou.

Isso significa: arrependimento absoluto, não voltar a cometer os mesmos erros do passado, não delinquir. Quem olha para trás, falha. Repete os mesmos erros, não se purifica e retorna ao passado pecador.

Quem olha para trás, converte-se em um fracasso purgatorial. No Purgatório, deve-se caminhar com firmeza para frente.

Na região molecular inferior, se compreende quão absurdos são o orgulho e a soberba.

Nós somos apenas simples crisálidas, miseráveis, gusanos do lodo da terra, dentro das quais se pode formar, à base de tremendos superesforços íntimos, a borboleta celestial, porém isso não é uma lei. O normal é que tais crisálidas se percam.

Quão néscios são esses indivíduos que ao verem outra pessoa feliz, sofrem o indizível. Por que colocam o seu coração naquele estado que requer possessão exclusiva?

Beati pacifici, que carecem de pecaminosa ira.

Infelizmente, a cólera, o agastamento, pode se disfarçar com a toga do juiz ou com o sorriso do perdão. Todo o defeito é multifacético.

Sofremos espantosamente o fogo da luxúria na região purgatorial. Revivemos todos os prazeres da paixão sexual nas esferas subconscientes submersas, o que nos causa profunda dor.

Adhaesit pavimento anima mea. Pobres almas que se apegam às coisas terrenas, como sofrem na região do Purgatório.

Gentes do Purgatório! Lembrem-se de Pigmalião, cuja paixão pelo ouro tornou-o traidor, ladrão e para o cúmulo dos males em parricida também.

E que diremos da miséria do avaro Midas que com suas petições absurdas converteu-se em um personagem ridículo por incontáveis séculos?

E que diremos da preguiça? Sereia que distrai os marinheiros do imenso mar da existência. Ela afastou Ulisses do caminho. A pestilência sai do seu horrível ventre.

Glutões do Purgatório! Olhem a Bonifácio, que tanta gente apascentou. Vejam Meser Marchese que, tendo tido tempo para beber em Forlì, sua sede foi tanta que nunca se sentiu saciado.

Lembrem-se dos hebreus que, ao beber mostraram sua efeminação, pelo que Gideão não os quis por companheiros, quando descia das colinas perto de Midian.

Vi e ouvi coisas espantosas no Purgatório. Aí, revivendo todas as bestialidades dos tempos antigos, me senti verdadeiramente como um porco. Num daqueles tantos dias, conversando com uma alma companheira do Purgatório, disse-lhe: Minha irmã, aqui nos tornamos uns porcos. E ela respondeu: Assim é, aqui nos convertemos em porcos.

O tempo passava e eu, incinerando as sementes malignas e eliminando porcarias, sofria o indizível.

Muitas almas, companheiras minhas na região purgatorial, pareciam cadáveres em decomposição, deitadas em leitos de dor. Eliminavam sementes ruins, horríveis e imundas larvas, más tendências...

Essas pobres almas suspiravam e se queixavam. Jamais esqueci de minha Mãe Divina e sempre lhe suplicava para que me ajudasse nesse trabalho em pleno Purgatório. Pedia-lhe para que eliminasse de mim tal ou qual defeito psicológico. A luta contra mim mesmo foi terrível.

Por fim, uma noite, a bendita Mãe Kundalini, disfarçada de homem, entrou no Purgatório. Eu a reconheci intuitivamente. Por que te disfarçaste de homem? Foi para entrar nessas regiões, foi sua resposta.

Quando me tirarás daqui? Então ela, a adorável, fixou o dia e a hora.

Depois virá a instrução televidente, continuou dizendo. Claro que a tudo entendi.

Vários detalhes confirmavam a palavra de minha Mãe. Os sete P estavam se apagando pouco a pouco, de um em um. As purificações estavam bem evidentes, patéticas, claras, positivas...

36 – O TEMPLO DE HÉRCULES

Resplandecente companheiro daquele maravilhoso templo de Jagrenat, do qual tanta coisa nos fala A. Snider em sua extraordinária obra intitulada *La Creation et ses mystères*, era o glorioso Santuário de Hércules, o Cristo, na submersa Atlântida.

Inolvidáveis momentos de bela poesia são aqueles em que o rei Evandro explica, com eloquência, a Enéas, todo o encanto do sacro banquete oferecido em honra de Hércules.

Se o Deus Vulcano, o Terceiro Logos, merece de verdade tanto elogio, que diremos do Senhor, o Cristo, o Segundo Logos, Hércules?

O coro dos adolescentes cantou deliciosamente no sagrado banquete, entoando elogios ao Senhor, enquanto enumerava com singular beleza os seus altos feitos e os seus trabalhos.

Hércules estrangulando as serpentes venenosas que vinham para lhe tirar a vida, quando ainda era muito criança. (Lembremo-nos de Herodes e a decapitação dos inocentes).

Hércules decapitando a Hidra de Lerna, aquela serpente tentadora do Éden, a horrível víbora do templo sinistro da Deusa Kali.

Hércules limpando os estábulos de Áugias com o fogo sagrado, as 49 regiões subconscientes da mente humana onde moram todas as bestas do desejo.

Hércules matando valentemente o furioso leão de Neméia, o que significa, eliminar ou extinguir o fogo luciférico.

Hércules levando Cérbero, o cão infernal, das trevas para a luz. Cérbero representa o instinto sexual.

Tudo isso é certamente admirável e digno de todo louvor e glória. E pensar que Hércules... Ó Deus! Repete suas façanhas cada vez que vem ao mundo. Isso é terrível... grandioso...

Primeiro trabalhamos na Forja Incandescente de Vulcano, o sexo, para depois encarnar a Hércules em nós mesmos.

Infeliz do Sansão da Cabala que se deixa dormir por Dalila; aquele que troca seu cetro de poder pelo osso de Ônfale, bem cedo sentirá a vingança de Dejanira e não lhe restará outro remédio que a fogueira do monte Etna para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Nesso.

Do alto da rocha Tarpéia, são precipitados ao abismo todos aqueles que atraíam a Hércules. Nos tempos da submersa Atlântida, o templo de Hércules levantava-se sobre uma montanha rochosa.

A extraordinária escalinata de mármore que dava acesso ao templo, com sua ciclópica e imponente massa, fazia dele um precioso irmão gêmeo do egípcio Philae e de muitos outros venerandos santuários mayas, aztecas e nahoas.

Pensem por alguns momentos na cidade dos Deuses (Teotihuacan) no México, nos secretos caminhos e criptas desse sagrado lugar, ignorados pelos turistas, e não se esqueçam jamais das colossais construções feitas sob o templo de Hércules.

De fato, sob a fachada posterior do Templo, se abria um régio pórtico com doze estátuas representando os Deuses Zodiacais e que simbolizavam, claramente, as doze faculdades do homem e do Doze Salvadores, dos quais falou tão sabiamente o grande Kabir Jesus.

Dizem as velhas tradições que tal pórtico era semelhante à célebre Casa do Anão, também chamada Casa do Mago ou Casa de Deus, do grande Teocali, no México.

Os Iniciados entravam reverentes e temerosos sob aquele terrível pórtico e passavam sob as colunas de Hércules. Essas colunas eram de ouro puro e nelas estavam gravadas com caracteres sagrados as palavras Adam Kadmon. Os M.M. conhecem muito bem o J e o B, plus ultra.

Sete áureos degraus conduziam o Iniciado até um grande recinto retangular.

Aquele misterioso lugar estava todo revestido de ouro puro e se correspondia, exatamente, com a nave superior, sempre aberta para as preces do mundo profano.

Essa era a Câmara do Sol. Existiam mais outras quatro Câmaras e em todas elas resplandeciam os mistérios.

A segunda cripta era inefável e a ela se chegava descendo por cinco lances de estanho prateado, o sagrado metal de Brihaspati, Júpiter ou Io.

Na terceira Câmara, resplandeciam os planetas Marte e Vênus. A coloração vermelha de um e a brancura de espuma do outro davam ao local aquele tom rosáceo e formoso.

Dos sete palácios solares, o de Vênus–Lúcifer é o terceiro, tanto na cabala cristã como na judaica, que fazem dele a mansão de Samael.

Os titãs da alegoria ocidental estão intimamente relacionados com Vênus–Lúcifer.

Shucra, o regente do planeta Vênus, encarnou na terra como Ushanas, Uriel em hebraico.

E ele deu leis perfeitas aos habitantes deste mundo que, infelizmente, em séculos posteriores foram violadas.

Eu conheci Ushanas ou Uriel no continente polar quando ainda a primeira raça povoava a superfície deste planeta. Ele escreveu um valioso livro com caracteres rúnicos.

Lúcifer é o aspecto negativo, fatal, de Vênus. Na aurora, Vênus resplandece e as forças luciféricas se agitam.

Vênus é realmente o Irmão Maior, o Mensageiro da Luz da Terra, tanto no sentido físico como no sentido místico.

Saturno e a Lua brilhavam, frente a frente, sobre o altar, na quarta câmara iniciática do templo de Hércules.

Lembrem–se que desde a época atlante se desenharam claramente os dois sendeiros: o da direita e o da esquerda, cuja luta de mais de 800 mil anos é cantada simbolicamente no poema oriental do Mahabbarata, o poema da Grande Batalha.

Descendo um pouco mais, os Iniciados atlantes penetravam na quinta cripta que era a de Hermes, Mercúrio, o qual luzia esplendoroso sobre a ara.

Mercúrio, como planeta astrológico, é o Núncio do Sol, solaris luminis particeps.

Mercúrio é o chefe e o evocador das almas, o arquimago e o hierofante.

Mercúrio toma em suas mãos o caduceu ou martelo de duas serpentes para chamar de novo à vida as infelizes almas precipitadas no Orco ou Limbo, tum virgam capit, hac animas ille evocat orco, com o

propósito de fazê-las ingressar na milícia celeste.

Lembrem-se que no Limbo vivem muitos santos, sábios varões e doces donzelas que acreditaram poder se Auto-Realizar sem a magia sexual. Pobres almas!... Não fabricaram seus corpos solares, o traje de bodas da alma, porque não trabalharam na Forja Incandescente de Vulcano.

Bem-aventurados daqueles que compreenderam de forma íntegra a sabedoria das cinco criptas do templo de Hércules.

37 – RUNA HAGAL

Falemos agora dos elementais, Deuses e Devas, de chispas e de chamas. Que nos inspirem as musas!... Que ressoe a lira de Orfeu!

Recordemos o velho Tibre, em pessoa, surgindo como uma neblina dentre as águas do rio que leva seu nome para falar a Enéas: Ó filho dos Deuses! Tu nos trazes os ídolos de Tróia e salvaste o renome da tua pátria. Não te deixes assustar pelas ameaças da guerra. A verdadeira perseguição dos Deuses cessou, agora se te oferece luta, porém lutarás vitoriosamente. E agora, para que não te julgues juguete de um sonho vão, te darei um sinal que não tardarás em reconhecer.

E continuou falando: Entre os matagais próximos deste lugar encontrarás uma porca branca que amamenta a trinta leitões recém-nascidos. Este encontro coincide com outras profecias que já te foram feitas e servirá para confirmar diante de ti que esta é a terra que os Deuses te destinam. Os trinta leitões simbolizam que dentro de trinta anos teu filho Ascânio fundará aqui a cidade de Alba Longa; o que predigo se cumprirá. E agora, se queres saber como sairás vencedor dos inimigos que te ameaçam, escuta-me:

E o velho revelou a Enéas que: Entre os povos itálicos, nem todos estão dispostos a secundar a Turno. Há perto das minhas nascentes uma cidade governada pelo rei Evandro que sempre esteve em guerra com a nação latina. Esse monarca será teu aliado. Para chegar até ele seguirás meu curso, rio acima, em uma embarcação na qual levarás armas e companheiros escolhidos. Como sinal de concordância, apaziguarei as ondas quando embarcardes, para que não tenhas de remar contra a corrente. E quando com esta ajuda e muitas outras hajas te tornado vencedor de teus inimigos, já terás tempo para me render todas as homenagens que me deves.

Dito isto, o velho Tibre submergiu nas profundas águas, voltando ao seu fundo leito.

Conta Virgílio, o poeta de Mântua, que ao se desvanecer a visão do Tibre, Enéas despertou e pôs-se de pé. Depois de esfregar os olhos, correu pelos arredores para ver se descobria os sinais que o sublime ancião lhe mencionara. Com efeito, não demorou em divisar a porca branca com seus 30 leitões.

Resta dizer que as predições do Deus Tibre, Deva elemental do sagrado rio itálico, cumpriram-se totalmente.

Esses eram os tempos em que nossa raça ariana ainda não tinha entrado no ciclo involutivo e descendente. A mente humana ainda não fora envenenada pelo ceticismo materialista do século 18. As pessoas tinham fé nas suas visões e rendiam culto aos Deuses da natureza.

Que existem terras de Jinas, paraísos em que convivem o lobo e o cordeiro, os homens e os Deuses, isso é óbvio!

Recordemos o monge Barinto, quem após navegar algum tempo, de regresso a sua pátria, disse a Brandão que, além do Monte de Pedra, estava a Ilha das Delícias, para onde havia se retirado seu discípulo Mernoc com muitos religiosos da sua ordem. Mais longe ainda, para os lados do ocidente, sob uma cobertura de neblina, brilhava com luz eterna outra ilha, a terra prometida dos santos.

Claro que Brandão não esperou que lhe contasse a história duas vezes e cheio de fé intensa e compenetrado de santo zelo, embarcou em um barco de vime, revestido com peles curtidas e betumadas, junto com 17 religiosos, entre os quais estava o jovem São Malo, em de seus mais ilustres discípulos.

Navegando pacientemente até o trópico, fizeram escala em uma ilha escarpada e hospitaleira.

Atracaram em uma outra ilha, rica em animais de terra e peixes de água doce, resplandecente de beleza e luz.

E chegaram a outra ilha sem praia e sem areia, onde resolveram celebrar a Páscoa, porém aconteceu que essa ilha era uma grande baleia, quem sabe um gigantesco cachalote.

Seguindo para adiante, permaneceram até o dia de Pentecostes no paraíso dos pássaros, onde a abundância de folhas e de flores alegrava à vista e os passarinhos coloridos ao ouvido.

Erraram muitos meses pelo oceano e em uma outra ilha, habitada por cenobitas, que tinham por patrono a São Patrício e a Santo Ailbeu, ficaram desde o Natal até a festa da Epifania.

Empregaram um ano nessas peregrinações e nos seis anos seguintes encontraram-se sempre pelo Natal na ilha de São Patrício e Santo Ailbeu, na Semana Santa na ilha dos Carneiros, na época da ressurreição no lombo da baleia e em Pentecostes na ilha dos Pássaros.

Ainda não tinham chegado à Ilha das Delícias de onde Mernoc tinha levado Barinto à terra prometida.

As estranhas e misteriosas aventuras prosseguem com os mais curiosos acontecimentos.

No sétimo ano, nossos heróis, sucessivamente, lutaram com uma baleia, com um grifo e com os ciclopes.

Vieram outras ilhas e uma muito plana que produzia grandes frutas vermelhas. Habitava-a uma população que se intitulava de Homens Fortes. Em uma outra, havia um forte aroma que se exalava de uns cachos que dobravam as árvores que os produziam.

Voltaram a celebrar a Páscoa no lugar habitual. Depois, navegando para o norte, evitaram a terrível ilha rochosa, paragem onde os ciclopes tinham suas forjas. No outro dia, viram uma elevada nontanha que lançava chamas, era a ilha do inferno.

Sem dúvida, não era semelhante lugar que São Brandão e companheiros buscavam. Voltando-se agora para o sul, desembarcaram em uma ilha desprovida de vegetação, pequena e redonda, em cuja parte alta morava um ermitão, o qual cumulou a todos de bênçãos.

Tornaram a celebrar a Semana Santa, a Páscoa da Ressurreição e Pentecostes onde já se tornara costume inveterado fazê-lo. Saindo daquele círculo vicioso, foram atravessar a zona de obscuridade que circunda a Ilha dos Santos, a qual lhes apareceu coberta de pedras preciosas, de frutas como no outono e iluminada por um dia perpétuo.

Finalmente, andaram pela ilha durante quarenta dias sem encontrar seu fim. Em um rio que a atravessava, disse-lhes um anjo que não podiam ir avante e que voltassem por onde tinham vindo. Por conseguinte, passaram de novo pelas trevas, descansaram três dias na Ilha das Delícias, onde estava prevista a bênção do abade daquele mosteiro. Depois, voltaram diretamente para a Irlanda sem poderem se dar conta cabal do que lhes havia acontecido.

Estes relatos provêm de Sigeberto de Gemblours e de Surio, o Cartuxo.

Vós, os Dignos! Aqueles que chegaram ao Segundo Nascimento, que dissolveram o Ego e que se sacrificaram pela humanidade, escutem-me por favor!

Sobre a Rocha Viva, lá na praia, tracem com uma vara a Runa Hagal. Agora, chamem a barquinha do sagrado cisne e poderão embarcar rumo às Ilhas Misteriosas da Quarta Dimensão.

Depois de traçado o santo signo, a maravilhosas Runa Hagal, cantem os seguintes mantras:

ACHAXUCANAC. ACHXURAXAN. ACHGNOYA. XIRAXI. IGUAYA. HIRAJI

Olhem fixamente para a santa Runa Hagal e com o coração cheio de fé supliquem, peçam, para que a Ápia Romana, a Úrwala Nórdica, a Erda Escandinava, a primitiva Sibila da terra, a Divina Mãe Kundalini, lhes envie a singular barquinha movida pelos silfos.

Ah... que felicidade sentirão, quando subirem na misteriosa embarcação do sagrado cisne e partirem em direção às misteriosas Ilhas do Éden.

Quanto a vós, aprendizes, aconselho que rendam culto aos Deuses Santos. Trabalhem com as criaturas do fogo, do ar, da terra e da água.

Não se esqueçam da Divina Mãe Kundalini, sem Ela nenhum progresso realizarão nessa sagrada ciência.

Recordem que Deus não tem nome e é somente uma aspiração, um suspiro, um incessante Hálito Eterno para si mesmo, profundamente desconhecido.

Ele é, pois, o princípio do Logos de todas as Runas e de todas as palavras.

PRÁTICA

Amados discípulos, meditem profundamente na Unidade da Vida, no Grande Alaya do Universo, no Mundo Invisível, bem como nos Universos Paralelos das dimensões superiores do espaço.

Concentrem o pensamento nas Walkirias... nos Deuses do fogo, do ar, das águas, da terra...

Agni é o Deus do Fogo, Paralda, é o Deus do ar, Varuna é o Deus da água e Gob é o Deus do elemento terra. Através da meditação, poderão entrar em contato com os Deuses Elementais.

Tracem a Runa Hagal sobre um papel em branco e concentrem a mente em qualquer um dos quatro principais Deuses dos elementos. Peçam socorro a eles, quando seja necessário. Chamem-nos. Invoquem-nos quando precisarem.

COMENTÁRIO FINAL

Como esquecer Xochipilli, o Deus da alegria, da música, da dança e das flores, entre os astecas?

Glorioso, resplandece ainda entre os Nahoas, Tlaloc, o Deus da Chuva. Esse Deus elemental vive no Universo Paralelo da vontade consciente.

Eu não tive culpa dos sacrifícios humanos – me respondeu, quando lhe recriminei por isso. Em seguida, acrescentou: Voltarei na Era de Aquário.

E que diremos de Ehecatl, o Deus do Vento? Foi precisamente esse Deua elemental dos astecas quem ajudou Jesus na sua ressurreição, induzindo atividade e movimento no corpo do Mestre.

Nós gnósticos ainda rendemos culto aos Deuses do milho brando e do milho maduro.

Conhecemos muito bem o Deus asteca Murciélagu. Trata-se de um anjo que vive no Universo Paralelo da vontade cósmica e que trabalha na quarta dimensão com os anjos da morte.

Amamos os Deuses elementais do velho Egito dos faraós e jamais esqueceremos a esfinge milenária. A Runa Hagal e a meditação permitirão pôr-nos em contato com essas chispas, com essas chamas inefáveis.

38 – O RIO LETES

A Divina Mãe Kundalini sempre cumpre com sua palavra. Eu aguardei com suma paciência a data, o dia e a hora, porque a região do Purgatório é bastante dolorosa e queria sair dali, anelava a emancipação.

Catão, o anjo do Purgatório, luta nessas regiões moleculares pela liberdade das almas.

Esse anjo sofreu bastante quando viveu no mundo. Qualquer Iniciado sabe que esse Ser foi homem e que ele preferiu a morte em Útica, na África, a viver sob as cadeias da escravidão.

Eu também queria a liberdade, a pedi e me foi concedida. Cada vez que uma alma abandona o Purgatório, causa intensa alegria no coração de Catão.

Chegou o momento anelado... Havia conhecido o fogo eterno e o temporal, saíra dos caminhos escarpados e das aperturas e tive de me encontrar com o Sol dentro de minha própria alma.

Senti que algo misterioso forçava, violentava, desde o desconhecido, desde as íntimas portas atômicas do meu Universo Interior.

Inúteis foram os meus temores e vã a resistência. AQUILO compelia, constrangia, oprimia e, por fim, ó meu Deus, me senti transformado: o Cristo Cósmico entrara em mim!

E minha individualidade? Onde ficara? Que havia sido feito da minha vã personalidade humana? Onde estava?

A minha memória vinham somente recordações da Terra Santa: o humilde nascimento no estábulo do mundo, o batismo no Jordão, o jejum no deserto, a transfiguração, Jerusalém, a querida cidade dos profetas, as multidões humanas daqueles tempos, os doutores da lei, os fariseus, etc.

Flutuava no ambiente que circundava o templo. Avancei valentemente para aquela mesa na qual estavam sentados os modernos Caifases, os mais altos dignitários da Igreja Fracassada. Eles, revestidos com seus hábitos sacerdotais e com a cruz dependurada no pescoço, ideavam e projetavam. Secretamente traçavam planos insidiosos e pérfidos contra mim.

Pensava que não voltaria, pois aqui estou eu outra vez, isso foi a única coisa que me ocorreu dizer.

Momentos depois, o Senhor tinha saído de mim e voltei a me sentir um indivíduo. Então, descansei por breves momentos ao pé da minha cruz junto com Litelantes. Não posso negar que os espinhos do pesado madeiro tinham me ferido lamentavelmente e fiz um breve comentário disso a Litelantes

Depois, ela e eu avançamos para a plataforma do templo. Um Mestre fez uso da palavra para dizer que o Cristo não tem individualidade, que Ele se encarna e se manifesta em qualquer HOMEM que esteja devidamente preparado.

Claro que a palavra HOMEM é demasiado exigente. Diógenes não encontrou um único HOMEM em Atenas. O animal intelectual não é HOMEM, para sê-lo tem de se vestir com o traje de bodas da alma, o famoso TO SOMA HELIAKON, o corpo, ou melhor diríamos, os corpos do Homem Solar.

Felizmente, eu fabriquei esses corpos de ouro na forja dos ciclopes, na forja incandescente de Vulcano.

Hércules repetiu em mim todas suas façanhas, todos seus trabalhos. Teve de estrangular as serpentes venenosas que queriam lhe roubar a vida quando ainda era muito pequeno; teve de decapitar a Hidra de Lerna, de limpar os estábulos de Áugias, de matar o leão de Neméia, de tirar Cérbero, o cão infernal, do espantoso tártaro, etc.

O Cristo, Hércules, pratica o que predica e, cada vez que se encarna em um HOMEM repete todo o seu drama cósmico. Por isso, o Senhor é o Mestre dos Mestres.

Está escrito que o Filho do Homem deve descer aos infernos atômicos da natureza.

Está escrito que o Filho do Homem subirá aos céus passando pelo Purgatório.

Filho do Homem submergirá cuidadosamente na águas do Letes para recuperar a inocência.

Necessitamos esquecer o passado pecaminoso com suma urgência, origem de tantas amarguras.

O Letes e o Eunoé são, sem a menor dúvida, um só rio de águas claras e profundas.

Por um lado, desce cantando deliciosamente em seu leito de rochas, com essa virtude maravilhosa que apaga a memória do pecado, as recordações do Mim Mesmo, e se chama Letes. Pela outra margem, tão sublime e tão santa, tem o delicioso encanto de fortificar as virtudes e se chama Eunoé.

Obviamente, as tenebrosas recordações de tantos ontens devem ser apagadas porque, para desgraça nossa, têm a tendência de se atualizarem, de se projetarem no futuro, através do presente.

Em nome da verdade, devo dizer que o trabalho nas águas do Lete sabe ser espantosamente difícil e mais amargo que o fel.

Isso de passar para além do corpo, dos afetos e da mente não é nada fácil. No tempo, vivem tantas sombras queridas... As memórias do desejo persistem, recusam-se a morrer, não querem desaparecer...

E o sexo? A maithuna? A yoga sexual?

Ó meu Deus! Os Duas-Vezes-Nascidos sabem muito bem que já não devem regressar à Forja Incandescente de Vulcano. Claro que a maithuna é vital, cardeal, definitiva, para a fabricação do traje de bodas da alma, o TO SOMA HELIAKON, porém qualquer Iniciado sabe que isso é apenas o trabalho inferior da Iniciação.

O sexo está proibido para o Filho do Homem e os Deuses sabem disso, pois assim está escrito.

Primeiro, trabalhamos com o Terceiro Logos na Nona Esfera até chegarmos ao Segundo Nascimento, do qual falou o Mestre Jesus ao rabino Nicodemo. Depois, temos de trabalhar com o Segundo Logos, então o sexo fica proibido.

O erro de muitos pseudo-esoteristas e de muitos pseudo-ocultistas, monges e anacoretas, consiste em renunciar ao sexo sem antes haverem fabricado seus corpos solares na forja dos ciclos.

Esses equivocados sinceros querem trabalhar com o Segundo Logos sem haverem previamente trabalhado com o Terceiro Logos; eis aqui o seu erro.

A abstenção sexual definitiva é obrigatória só para os Duas-Vezes-Nascidos, para o Filho do Homem.

Quem ingressa no templo dos Duas-Vezes-Nascidos deve dissolver o Ego, incinerar suas sementes e banhar-se nas águas do Letes. Os Deuses, as chispas, as chamas, os resplandecentes Dragões de

Sabedoria, sabem disso.

De fato, ninguém poderia passar muito além do sexo, dos afetos e da mente, sem antes ter se banhado nas águas do rio Letes.

Depois do Segundo Nascimento, precisamos fazer em pedaços o véu sexual adâmico, o véu de Ísis, para que entremos nos Grandes Mistérios.

Filhos da terra... escutem os seus instrutores, os Filhos do Fogo.

Adeptos da Luz! Invoquem a Divina Mãe Kundalini e submerjam nas profundas águas do rio Letes.

39 – OS PINHEIROS – AS NINFAS

Íris, divina donzela, Deusa Mensageira de pés alados, tu proteges as mulheres Iniciadas que trabalham na Forja Incandescente de Vulcano.

Não fostes tu, por acaso, sublime beldade, quem entregou a Turno, o belicoso chefe rútilo, aquela mensagem celestial de Juno, a Deusa das matronas Iniciadas.

Findas as solenes libações, o aguerrido Turno, qual um novo Aquiles, avança ameaçador com seu exército sobre o acampamento troiano. Assim está escrito e disso sabem os divinos e os humanos.

Porém, os troianos, nem lentos, nem débeis, se reuniram na praça de armas e logo formaram as linhas de batalha.

Aterrador, dantesco, apavorante, Turno volteia incessantemente ao redor das muralhas troianas. Estranho destino, repetir-se no Lácio aqueles épicos combates da destruída Tróia.

Desta vez, os troianos não ousam enfrentar os inimigos em campo aberto, apesar de já serem veteranos de tantas guerras, devido a ausência de Enéas.

O que vem depois? A lenda dos séculos sabe... Crepita o fogo ameaçador, cintilam as chamas das ardentes tochas. A gente rútila queria queimar os navios de Enéas. Suplica Cibele, a Divina Mãe Kundalini, ao Cristo Cósmico, a Júpiter, o filho de Cronos, e Ele ajuda os troianos.

Felizmente, aqueles navios tinham sido feitos com a sagrada madeira do pinho cortado no Ida, o Santo Monte onde Júpiter tinha o seu bosque favorito. É então, assombro... maravilha... as misteriosas naves em vez de arder em holocausto fatal, transformaram-se em ninfas do imenso mar.

Quando esta sabedoria será entendida? E quem compreenderá estes prodígios?

Ah... se a mente humana não tivesse degenerado tanto...! Muitas vezes, vi ternas donzelas vestidas de noiva, prontas para celebrarem as bodas. Sim, ó Deus, eu as vi ao pé de cada pinheiro. Em verdade, elementais vegetais, almas inocentes.

Sim, esses são, na verdade, os elementais dos pinheiros. Cada uma dessas árvores de Natal tem sua alma própria.

Quando será que os cultores do Cristo voltarão a estabelecer os seus santuários nos bosques repletos de pinho? Que essas árvores têm poderes, quem ousaria duvidar disso? Porventura, puderam os guerreiros de Turno, o novo Aquiles, converter os navios troianos em holocausto?

Se as pessoas despertassem a consciência, elas poderiam conversar, face a face, com as ninfas do oceano tempestuoso. Se as pessoas despertassem a consciência, poderiam conversar com os elementais dos pinheiros. Mas, que dor... meu Deus... a pobre gente dorme profundamente.

Ah...! Se esses que investigam no terreno do ocultismo, chegassem a compreender, de verdade, o autor da metamorfose das plantas; se entendessem Humboldt com seu cosmos; se intuissem o Timeu e o Crítias do divino Platão, se aproximariam do anfiteatro da ciência cósmica e penetrariam no mistério da magia vegetal.

Se esses que estudam anatomia oculta entendessem os mistérios de Devi Kundalini; se de verdade amassem a Cibele e ao Divino Júpiter; se trabalhassem na Nona Esfera; seriam admitidos nos paraísos elementais da natureza.

Recordemos agora o curso de ninfas de Calipso, na famosa obra de ocultismo de Telêmaco de Fenelon.

As adas estenderam sobre o musgo de uma rocha milenar um fino mantel desenhado, cuja formosa aparência poderia ser comparada a esses tecidos sutis que representam as nuvens do céu. E ali mesmo, em baixela de confecção atlante, que de longe, por suas cores, lembrava a louça **talaverana**, tão em moda há alguns anos, serviram uma comida de aparência frugal, porém tão nutritiva que os parecia encher de felicidade e juventude.

Trigo, centeio, vinho com mel, milho, bolos, nozes, pães especiais, iguais aos que os adeptos hindus dão aos seus discípulos como sinal de aliança, sucos de uva e de diversas frutas, mel e doces indescritíveis, constituíam os pratos.

Deliciosos pratos que Brillat–Savarin jamais provou e que Montinho e Altamira jamais compreenderam.

Um aromático licor, servido em taça de ágata que lembrava o cálice do Santo Graal, terminou pondo o grupo de irmãos em um estranho e misterioso estado.

Sentiram–se contentes, felizes, cheios de vigor e de esperteza, capazes de enfrentar sem temor algum a mais terrível aventura.

Resta dizer que esse grupo explorou a Atlântida e conheceu todos os mistérios do submerso continente.

Eu também conheci as maravilhosas ninfas quando navegava em um veleiro pelo mar do Caribe. Elas vieram ao nosso encontro por entre as bravias ondas e eram de uma beleza incomparável.

Uma delas, delicada donzela, tinha a cor das violetas e flutuava entre as águas. Às vezes, caminhava com um passo rítmico e inocente. Avanços doces, ágeis e simples, nada tendo de animal e muito de divino. Seus olhos brilhavam.

A outra tinha a cor maravilhosa dos corais. No formato cordial de sua boca, o morango deixara o seu tom púrpura e, no sutil desenho de seu delicado rosto, seus olhos brilhavam.

Raiava a aurora no oceano. Eu as vi e elas me falaram no verbo da luz. Em seguida, devagarzinho, foram se aproximando da praia e subiram nas escarpadas rochas.

Tornei–me amigo dessas duas maravilhosas ninfas e quando penso em seus poderes e na transformação sofrida pelo navio de Enéas, submerjo em meditação e entro em oração.

40 – RUNA NOT

Agora, torna-se indispensável que estudemos a famosa Runa Not.

Continuemos estudando a questão do Carma.

Escute-me querido leitor. Um dia qualquer, não importa qual, Rafael Ruiz Ochoa e minha insignificante pessoa voltávamos da pitoresca cidade de Taxco, Guerrero, República do México. Vínhamos para o Distrito Federal em um decomposto veículo que devido ao peso insuportável dos anos rugia de maneira espantosa e estentórea, com muito bochicho e estrépito.

Resultava curioso ver aquele antigo e carcomido veículo em plena marcha. Esquentava horrivelmente, como algo dantesco, e só o meu amigo Rafael tinha a paciência de lidar com ele. De quando em quando, parávamos à sombra de alguma árvore do caminho para colocar água e esfriá-lo um pouco.

Era hora de faina para o meu amigo Rafael. Eu preferia aproveitar esses instantes para submergir numa profunda meditação.

Lembro-me de algo bastante interessante. Estava sentado à beira do caminho, quando vi algumas formigas insignificantes que trabalhadoras e diligentes circulavam por ali.

De imediato, resolvi por em ordem minha mente e concentrar a atenção exclusivamente em uma delas. Depois passei à meditação e por último sobreveio o êxtase, isso que no budismo Zen se denomina Satori.

O que experimentei foi maravilhoso, formidável, extraordinário, pude verificar a íntima relação existente entre a formiga e isso que Leibnitz chamaria a Mônada.

Resulta óbvio compreender de forma íntegra que tal Mônada não está certamente encarnada, metida no corpo da formiga. Evidentemente, vive fora de seu corpo físico, porém está ligada ao seu veículo denso por meio do cordão de prata.

Esse cordão é o fio da vida, o Antakarana dos indostãos, sétuplo em constituição, algo magnético e sutil que tem o poder de estender-se e alongar-se infinitamente.

A Mônada da insignificante formiga detidamente observada por mim, na verdade parecia uma formosa menina de doze anos. Vestia uma bela túnica branca e levava nos ombros um pequena capa de cor azul escura.

Muito se falou de Margarida Gautier, mas essa menina era muito mais inefável e bela. Olhos de evocadora beleza e gestos de profetiza. Nela havia a frequência sagrada dos altares, seu riso inocente era como o da Mona Lisa, com uns lábios que ninguém nos céus, nem na terra, se atreveria beijar.

E que disse a menina? Coisas terríveis! Falou de seu Carma, de fato horrível. Conversamos detidamente dentro do automóvel. Ela própria nele entrou e sentando-se convidou-me para o diálogo. Humildemente, sentei-me ao seu lado.

Nós, formigas, fomos castigadas pelos Senhores do Carma e sofremos muito, disse ela.

Convém que recordemos oportunamente as lendas sobre as gigantescas formigas do Tibete. a elas referem-se Heródoto e Plínio (Heródoto: Historiam Libro XI. Plínio: Historia Natural Libro III).

Desde logo, ó meu Deus... seria muito difícil imaginar a Lúcifer como uma abelha ou os colossais titãs como formigas, mas essas criaturas também tiveram a sua queda, a qual foi da mesma natureza que o erro cometido por Adão.

Muitos séculos antes que aparecesse sobre a superfície da terra a primeira raça humana, viviam neste mundo estas criaturas NÃO-HUMANAS que hoje chamamos de formigas e abelhas.

Essas criaturas conheciam a fundo o bom do mau e o mau do bom. Em nome da verdade, tenho de dizer que eram almas velhas; tinham evoluído muitíssimo, mas nunca tinham percorrido o caminho da Revolução da Consciência.

Obviamente, a evolução jamais poderá conduzir alguém à Auto-Realização Íntima. O normal é que a toda evolução siga-lhe inevitavelmente a involução. Depois da subida, vem sempre a descida e depois da ascensão, segue o descenso.

Aquelas infelizes criaturas renunciaram à idéia do conhecimento superior e do círculo esotérico da vida para assentar a sua fé em uma xerga marxista-leninista, semelhante à da União Soviética.

Seu modo de entender foi indubitavelmente mais equivocado e mais grave que o de Adão e o resultado está à vista de todos. Essas são as formigas e as abelhas, criaturas retardatárias, regressivas, involuídas...

Esses seres alteraram o seu próprio organismo, modificaram-no horrivelmente, fizeram-no retroceder no tempo até chegarem ao estado atual em que se encontram.

Maeterlinck falando a respeito da Civilização dos Cupins, diz textualmente o seguinte: Sua civilização, que é a mais antiga de todas, é a mais curiosa, a mais inteligente, a mais complexa e, em certo sentido, a mais lógica e a mais adaptada às dificuldades da existência, de todas as que apareceram antes da nossa sobre o globo. De muitos pontos de vista, essa civilização, ainda que cruel, sinistra e repulsiva, é superior à da abelha, à da formiga e à do próprio homem.

Prosseguindo escreve: No termiteiro (ou ninho das formigas brancas) os Deuses do Comunismo convertem-se em insaciáveis Moloques. Quanto mais se lhes dá, mais pedem e persistem em suas demandas até que o indivíduo seja aniquilado e sua miséria seja completa. Essa espantosa tirania não tem paralelo na humanidade, já que entre nós ao menos uns quantos se beneficiam, porém no termiteiro ninguém se beneficia. E disciplina é mais feroz que a das carmelitas ou trapenses. A submissão voluntária às leis ou regulamentos que procedem ninguém sabe de onde é tal que não tem similar em nenhuma sociedade humana. Uma nova forma de fatalidade, quem sabe a mais cruel de todas, a fatalidade social à qual nós mesmos nos encaminhamos, foi adicionada às que conhecíamos e que nos tem preocupado suficientemente. Não há descanso, exceto no último dos sonhos. A enfermidade não se tolera e a debilidade traz consigo sua própria sentença de morte. O comunismo é levado aos limites do canibalismo e da coprofagia. Exigindo o sacrifício e a miséria de muitos para o benefício e a felicidade de ninguém, tudo isso com o objetivo de que uma espécie de desespero universal possa ser continuado, renovado e multiplicado, pretende-se que seu mundo viva. Essas cidades de insetos que aparecem bem antes de nós, poderiam servir quase como uma caricatura de nós mesmos, como uma paródia do paraíso terrestre, a qual possuem a maioria dos povos civilizados.

Maeterlinck demonstra de forma evidente qual é o preço desse regime de tipo marxista-leninista: Tinham asas e agora não as tem mais. Não têm olhos, renunciaram a eles. Tinham um sexo e o sacrificaram.

Nos resta ainda acrescentar a isso que, antes de sacrificarem as asas, a visão e o sexo, as formigas brancas (e todas em geral) tiveram de sacrificar a sua inteligência.

Se no princípio necessitaram de uma ditadura de ferro para estabelecerem o seu abominável comunismo, depois tudo se tornou automático e a inteligência foi se atrofiando pouco a pouco,

deslocada pela mecanicidade.

Hoje nos assombramos ao contemplar uma colméia de abelhas ou um formigueiro. Lamentamos que aí já não haja mais inteligência e que tudo tenha se tornado mecânico.

Agora, falemos sobre o perdão dos pecados. Por acaso, o Carma pode ser perdoado?

Nós declaramos que o Carma é perdoável. Quando uma lei superior transcende uma lei inferior, ela lava a lei inferior. A lei superior tem em si mesma, fora de qualquer dúvida, o poder extraordinário de lavar a lei inferior. Porém, há casos perdidos. Exemplo disso são as formigas e as abelhas. Essas criaturas, depois de serem personalidades normais, involuíram, se deformaram e se empequeneceram até atingirem o estágio atual.

Eu devia Carma de vidas anteriores, porém fui perdoado. Já tinham me anunciado um encontro especial com a minha Divina Mãe Kundalini e eu sabia muito bem que ao chegar a determinado grau esotérico seria levado a sua presença.

O ansiado dia chegou e fui levado diante dela. Um adepto conduziu-me ao santuário e aí, ó meu Deus...clamei... orei... invoquei a Adorável... O evento cósmico foi extraordinário.

Ela, minha Mãe Adorável, veio a mim. Impossível explicar o que senti. Nela estavam representadas todas as mãezinhas que tivera em diversas reencarnações. Mas, ela ía mais longe... Minha Mãe Celeste era perfeita, infável, e terrivelmente divina.

O Pai tinha depositado nela toda a graça da sua sabedoria, o Cristo a saturara com seu amor e o Espírito Santo lhe conferira terríveis poderes ígneos. Compreendi que em minha Mãe se expressavam vivamente a sabedoria, o amor e o poder.

Sentamo-nos frente a frente, ela em uma poltrona e eu em outra, e conversamos deliciosamente como Filho e Mãe.

Que sorte a minha!... Quão feliz me senti!... Conversando com minha Mãe Divina... algo tinha de dizer e falei com uma voz que assombrou a mim mesmo.

Peço que me perdoes de todos os delitos que cometi em vidas anteriores, porque tu sabes que hoje em dia seria incapaz de cair nesses mesmos erros. Eu sei, meu Filho, respondeu a minha Mãe com uma voz de paraíso, cheia de infinito amor.

Nem por um milhão de dólares voltaria a cometer esses erros, continuei dizendo a minha Mãe Kundalini. Que é isso de dólares, meu Filho? Por que falas assim? Por que dizes isto?

Então, ó Deus!... Senti pena de mim mesmo, me senti confundido, envergonhado e cheio de dor respondi: Minha Mãe, desculpa-me, o que acontece é que nesse mundo físico, vão e ilusório onde vivo, se fala assim.

Eu compreendo, meu Filho, respondeu ela e essas palavras da Adorável devolveram-me a tranquilidade e a paz. E falei em pleno êxtase: Agora sim, minha Mãe, peço que me bendigas e que me perdoes.

Foi terrível aquele momento em que minha Mãe, de joelhos, com infinita humildade, cheia de sabedoria, amor e poder, me bendisse dizendo: Meu Filho, tu estás perdoado.

Minha Mãe, permita-me que beije teus pés, exclamei. Ó Deus, quando depositei o ósculo místico nos seus pés sagrados, ela me instruiu com certo símbolo, recordando-me o lavatório dos pés na ceia do Senhor.

A tudo entendi e compreendi profundamente. Já tinha dissolvido o Eu Pluralizado nas regiões minerais, nos mundos infernais da natureza, mas precisava queimar as sementes satânicas no mundo molecular inferior, na região do Purgatório, para depois banhar-me no Letes e no Eunoe a fim de apagar a memória do mal e fortificar as virtudes, antes de poder ser confirmado na luz.

Mais tarde, quando revivi uma cena dolorosa de minha vida passada, quando cometera um lamentável erro, estive a ponto de ser atropelado por um carro, em plena cidade capital do México, então constatei que já estava livre do Carma.

Estudei meu próprio livro do Carma nos mundos superiores e achei suas páginas em branco. Em uma de suas páginas, encontrei escrito apenas o nome de uma montanha. Compreendi que mais tarde teria de ali viver.

Isto é algum Carma, perguntei aos Senhores da Lei. Responderam-me: Não é Carma. Irás viver lá para o bem da Grande Causa. Mas, claro, não serei obrigado, se me concede a livre escolha.

Já não devo Carma, mas tenho de pagar imposto aos Senhores da Lei. Tudo tem um preço e o direito para viver neste mundo tem de ser pago. Eu pago com boas obras.

Portanto, apresentei à consideração de meus amados leitores dois casos: o Carma irremediável, como o das formigas e das abelhas, e o Carma perdoável. Falemos agora de negócios, o que vamos aliar à Runa Not.

Na maçonaria, somente se ensina este símbolo aos Mestres e jamais aos aprendizes. Recordemos o signo de socorro do terceiro grau, o grau de Mestre. Põe-se as mãos entrelaçadas sobre a cabeça, à altura da testa, com as palmas para fora, enquanto que se pronuncia a frase: **A mim, filhos da viúva!** Em hebraico: **ELAI B'NE AL'MANAH!**

A este grito, todos os maçons devem acudir para socorrer o irmão em desgraça e dar-lhe proteção em todos os casos e circunstâncias da vida.

Pratica-se a Runa Not na maçonaria com a cabeça e sempre foi, é e será um S.O.S., um signo de socorro.

A Runa Not, em si mesma, significa na verdade PERIGO, porém é óbvio que dentro dela está o poder de se evitá-lo inteligentemente.

Todos os que transitam pela Senda do Fio da Navalha são combatidos incessantemente pelos tenebrosos, sofrem o indizível, porém podem se defender com a Runa Not.

Com a Runa Not, podemos implorar auxílio pedir a Anúbis e seus 42 Juízes do Carma para que eles aceitem negociações.

Não devemos nos queixar do Carma porque ele é negociável. Quem tem o capital das boas obras pode pagar suas dívidas sem necessidade de sofrer dolorosamente.

PRÁTICA

A prática com a Runa Not leva ao pranayama a sábia e inteligente combinação de átomos solares e lunares.

Inale-se profundamente o ar vital, o prana, a vida, pela fossa nasal direita e exale-se pela esquerda, contando mentalmente até doze. Em seguida, inale-se pela narina esquerda e exale-se pela direita. Continue esse exercício por dez minutos. Nesta prática, as narinas são controladas com os dedos índice e polegar.

Depois, o estudante gnóstico sentado ou deitado em decúbito dorsal (de costas, boca para cima), relaxará o corpo e se concentrará a fim de recordar as suas vidas passadas.

PRÁTICA ESPECIAL

Em caso de se necessitar assistência de Anúbis, faz-se urgente negociar com ele.

Abra os braços de forma de forma a Runa Not. Um deles formará um ângulo de 135 graus com o corpo e o outro um ângulo de apenas 45 graus com o corpo. Depois, o braço que forma o ângulo de 45 graus passará a formar um de 135 graus, enquanto que o que formava o ângulo de 135 graus formará 45. Assim, sucessivamente alternam-se os braços.

Durante o exercício, cantarão os mantras NA, NE, NI, NO e NU, mantendo a mente concentrada em Anúbis, o Chefe do Carma e suplicando o negócio desejado, pedindo a ajuda urgente.

Observem bem a figura da Runa Not. Imitem com os braços seu signo. Alternem os braços direito e esquerdo durante a movimentação.

41 – PARSIFAL

Falemos agora sobre os cavaleiros templários. Conversemos um pouco a respeito desses fiéis guardiões do Santo Graal. Que nos escutem os Deuses e que as musas nos inspirem.

Que diremos do castelo de Montsalvat? Cantemos todos o Hino do Graal:

HINO DO GRAAL

Dia a dia, colocado como se fosse para a última ceia do amor divino, o festim será renovado, como se hoje pela última vez houvesse de consolar, que se aja nas boas obras deleitado...
Aproximemo-nos do ágape para os augustos dons receber.

Assim como entre dores infinitas correu um dia o sangue que redimiu o mundo, seja meu sangue derramado gozoso pela causa do Herói Salvador. Em nós vive pela sua morte, o corpo que ofereceu para nossa redenção.

Viva para sempre nossa fé, pois que sobre nós desce a Pomba, propícia Mensageira do Redentor. Comam do pão da vida e bebam do vinho que para nós manou.

Vejam lá... homens e Deuses! Os Cavaleiros do Graal e seus escudeiros. Todos eles vestem-se com túnicas e mantos brancos, semelhantes aos dos Templários, porém ao invés da vermelha cruz Tau daqueles, ostentam com todo o direito uma pomba em pleno vôo cinzelada nas armas e bordada nos mantos.

Extraordinário símbolo do Terceiro Logos, vivo signo do Espírito Santo, Vulcano, essa maravilhosa força sexual com a qual podemos fazer tantos prodígios e proezas.

Bom... convém penetrar no profundo significado do drama de Wagner.

Que digam algo: Amfortas, tipo específico do remorso; Titurel, a voz do passado; Klingsor, o mago negro; Parsifal, a redenção; Kundry, a sedução; Gurnemanz, a tradição.

Soa nas maravilhosas trombetas o toque solena da Alvorada. Gurnemanz e seus dois escudeiros se ajoelham e rezam silenciosos a oração matutina.

Do Graal, chegam dois fortes cavaleiros com o evidente propósito de explorar o caminho que vai seguir Amfortas, o rei do Cálice Sagrado.

O velho sucessor do rei Tituriel vem mais cedo que de costume banhar-se nas sagradas águas do lago.

Seu desejo é de acalmar as fortes dores que o afligem desde que recebeu, para sua desgraça, o espantoso lançamento com que o perverso mago negro Klingsor o feriu.

Triste história a de Klingsor! Horror! Sincero equivocado como muitos que andam por aí. Vivia ele em um local ermo, pois queria ser santo. Declarou-se inimigo de tudo que tivesse sabor sexual, lutou espantosamente contra as paixões animais, levou sobre seu corpo flagelado cruentos cilfícios e chorou muito. Porém, tudo foi inútil, a luxúria, a lascívia e a secreta impudícia, tragavam-no vivo apesar de todos seus esforços e sacrifícios. Então, ó Deus! Impotente, o infeliz para eliminar as paixões sexuais resolveu mutilar-se, castrar-se, com as próprias mãos.

Depois, suplicante, estendeu suas mãos para o Graal, mas foi repellido com indignação pelo guardião.

O infeliz pensou que odiando o Espírito Santo, repelindo o Terceiro Logos, destruindo os órgãos sexuais, seria admitido no castelo Montsalvat.

O desgraçado pensou que seria admitido na Ordem do Santo Graal sem a maithuna, sem ter conseguido antes o Segundo Nascimento, vestido com farrapos lunares.

O pobre e sofrido cavaleiro supôs que poderia trabalhar com o Segundo Logos, o Cristo, sem antes haver trabalhado com o Terceiro Logos, o Espírito Santo.

Finalmente, despeitado, o tenebroso Klingsor resolveu vingar-se injustamente dos nobres Cavaleiros do Santo Graal.

Transformou o ermo de penitente em um jardim feiticeiro e fatal de voluptuosos deleites e encheu com mulheres perigosamente belas, delicadas e diabólicas.

Nessa mansão deliciosa, acompanhado das suas beldades, ele espera em segredo pelos Cavaleiros do Graal a fim de arrastá-los à concupiscências que inevitavelmente conduz as pessoas aos mundos infernais.

Aquele que se deixa seduzir pelas provocadoras diabetes é sua vítima. Assim, conseguiu levar à perdição muitos cavaleiros.

Amfortas, rei do Graal, combateu o desventurado Klingsor, pretendeu terminar com a praga do encantamento fatal, porém caiu rendido de paixão nos braços impúdicos da luxuriosa Kundry.

Momento formidável para Klingsor. Idiota teria sido se perdesse a oportunidade. Audazmente, arrebatou a sagrada lança das mãos de Amfortas e triunfante se afasta rindo.

Assim foi como Amfortas, rei do Graal, perdeu aquela lança bendita com que Longibus ferira no Gólgota o costado do Senhor. Amfortas, ferido também no costado pela espantosa chaga do remorso, sofre o indizível.

Kundry, deliciosa mulher de extraordinária e fascinante beleza, também sofre com o remorso e serve, humildemente, aos irmãos do Santo Graal. No fundo, tu, mulher fatal, és tão somente um instrumento de perfídia a serviço do mago das trevas. Queres caminhar pela senda da luz, porém caís hipnotizada.

Amfortas, absorto em profunda meditação íntima, escuta em estado de êxtase as misteriosas palavras que saem do Graal: O sábio, o iluminado pela compaixão, o casto inocente, espera-o. Ele é meu eleito.

Nisto, algo inusitado acontece, promove-se um grande alvoroço entre a gente do Graal. Precisamente do lado do lago tinham surpreendido a um ignorante rapaz que, errante por aquelas margens, acabara de ferir mortalmente um cisne, ave sagrada, de imaculada brancura.

Porém, para que tanto escândalo? Para Parsifal isso corresponde a um passado já lavado nas deliciosas águas do Letes.

Quem não feriu mortalmente o cisne sagrado? O Terceiro Logos? Quem não assassinou o milagroso Hamsa? O Espírito Santo? Quem, fornicando, não assassinou a Ave Fênix do paraíso? Quem não pecou contra o imortal Íbis? Quem não fez sangrar a santa pomba, símbolo vivo da força sexual?

Parsifal tinha chegado a total inocência depois de haver sofrido muito. O filho de Herzeleide, uma pobre mulher do bosque, realmente ignorava as coisas mundanas e estava protegido pela sua inocência.

As tentativas feitas pelas mulheres, flores de Klingsor, resultaram inúteis. As infelizes não conseguiram seduzir o inocente e fugiram vencidas. Inúteis foram os esforços sedutores de Herodias, Gundrigia, Kundry... As suas artes fracassaram e, vendo-se vencida, clama, pede auxílio a Klingsor, quem desesperado arroja enfurecido a lança sagrada contra o rapaz.

Parsifal estava protegido pela inocência e a lança em vez de atravessar o seu corpo, flutua por alguns instantes sobre sua cabeça. O rapaz a pega com sua mão direita, em seguida bendiz com a afiada arma, faz o sinal da cruz e o castelo de Klingsor afunda no abismo, convertido em poeira cósmica.

Depois vem o melhor, Parsifal acompanhado por seu Guru Gurnemanz entra no templo de Monserrat, Catalunha, Espanha.

Abrem-se as portas do templo e os Cavaleiros do Graal penetram no santo lugar em solene procissão. Eles vão se colocando de maneira ordenada e com infinita veneração nas longas mesas manteladas, paralelas, entre as quais há um espaço vazio no meio.

Deliciosos momentos aqueles em que se celebra a ceia mística, o banquete cósmico do Cordeiro Pascal.

Extraordinários instantes aqueles em que se come o pão e se bebe o vinho da transubstanciação.

O bendito cálice onde José de Arimatéia recolheu o sangue que corria das feridas do Senhor no Gólgota de todas as amarguras, resplandece gloriosamente durante o ritual.

Momentos inefáveis do PLEROMA são aqueles em que Parsifal cura milagrosamente a ferida de Amfortas ao aplicar no flanco a mesma bendita lança que o feriu.

Símbolo fálico formidável essa lança, cem por cento sexual.

Amfortas caiu pelo sexo. Sofreu espantosamente com a dor do remorso, porém graças aos mistérios sexuais regenerou-se, curou-se totalmente.

O Grande Kabir Jesus disse: Aquele que quiser me seguir, negue a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

Os Cavaleiros do Santo Graal negaram a si mesmos dissolvendo o Eu Pluralizado, incinerando suas sementes satânicas e banhando-se nas águas do Letes e do Eunoe.

Os Cavaleiros do Santo Graal trabalharam na Forja Incandescente de Vulcano. Eles nunca ignoraram que a cruz resulta da inserção do pau vertical no cteis formal.

Os Cavaleiros do Santo Graal sacrificaram-se pela humanidade. Eles têm trabalhado com infinito amor na Grande Obra do Pai.

42 – O FOGO SEXUAL

A energia sexual polariza-se de duas maneiras que são: estática ou potencial (Kundalini) e dinâmica. Como sabe toda pessoa culta, espiritual, são forças que atuam dentro do organismo.

Na espinha dorsal, há sete centros magnéticos muito especiais, dentro dos quais encontram-se latentes infinitos poderes ígneos. com a subida do fogo sagrado ao longo do canal medular, toda essa multiplicidade de poderes divinos entra em atividade.

A chave fundamental para despertar o sagrado fogo do Kundalini está na yoga sexual, na maithuna, qual seja: conexão sexual do lingam-yoni, falo-útero, mas sem se ejacular a entidade do sêmen (Ens Seminis), porque nessa substância semi-sólida, semilíquida, encontra-se todo o Ens Virtutis do fogo.

O desejo refreado fará subir a energia sexual para dentro e para cima até o cérebro.

Quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no cóccix, perto do tribeni, base da espinha dorsal, desperta o fogo sagrado para subir até o cérebro ao longo do canal medular.

Torna-se urgente compreender e saber que, se a entidade do sêmen é derramada, o fogo ascendente baixa uma ou mais vértebras, segundo a magnitude da falta. O Kundalini, o fogo sagrado, sobe lentamente, de acordo com os méritos do coração.

Aqueles que andam pela Senda do Fio da Navalha sabem muito bem, por experiência direta, que a Divina Mãe Kundalini, o fogo divino, conduz a Shiva, o Espírito Santo, até o centro cerebral e por último ao Templo-Coração.

Nenhum esoterista autêntico se atreveria a negar jamais que por trás de qualquer atividade existe sempre um estado estático.

Podemos encontrar o centro estático fundamental do organismo humano, sem dúvida alguma, no osso do cóccix, base da espinha dorsal.

O chacra do cóccix é, em si mesmo, a igreja de Éfeso do esoterismo cristão, suporte raiz do corpo e de todos os movimentos das forças vitais no interior de nosso organismo.

Sabemos por experiência direta que nesse centro específico do corpo encontra-se enroscada, três vezes e meia, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes. Esse fogo serpentino anular que se desenvolve maravilhosamente no corpo do asceta.

Uma cuidadosa análise desse centro magnético permite compreender que ele possui, fora de toda dúvida, qualidades muitos especiais.

O Kundalini, o poder contido no citado centro do cóccix, resulta eficiente e definitivo para o despertar da consciência. Obviamente, o fogo sagrado pode abrir as asas ígneas do Caduceu de Mercúrio na espinha dorsal do Iniciado que poderá entrar conscientemente em qualquer departamento do reino.

Os adeptos hindus fazem distinção entre a suprema consciência cósmica e o seu poder energético ativo capaz de penetrar nas zonas mais profundas do subconsciente para nos despertar realmente.

Os sábios orientais explicam que a consciência cósmica quando se manifesta como energia possui duas faces gêmeas: a potencial e a cinética.

O Kundalini, o fogo sexual, fora de qualquer dúvida, é uma verdade vedantina e jehovística.

Ele representa, com exatidão, todo o processo universal como uma sábia polarização na mesma consciência.

Utilizar o fogo sagrado, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes, para despertar a consciência é uma necessidade íntima, vital e indispensável. O ser humano ou o pobre animal intelectual equivocadamente chamado de homem tem a consciência totalmente adormecida, por isso é incapaz de vivenciar aquilo que não é do tempo, aquilo que é o Real.

O fogo sagrado possui virtudes muito especiais e efetivas para tirar o pobre bípede humano do estado de inconsciência em que se encontra.

Quem desenvolver o fogo sagrado em todos seus sete graus de poder, adquire determinadas faculdades com as quais pode mandar nas criaturas da terra, do fogo, do ar e das águas. Porém, precisa compreender que a espada forjada por Vulcano deve ser temperada incandescente nas águas espermáticas da laguna estígia.

Infeliz daquele que derrama o Vaso de Hermes, mais lhe valheria não ter nascido ou amarrar uma pedra de moínho ao pescoço e atirar-se ao fundo do mar.

Enéas, o exímio varão troiano, com a espada flamejante levantada, olhando fixamente o sol, pronuncia em oração palavras que somente podem ser compreendidas por aqueles que trabalham no magistério do fogo. Põe por testemunha o Cristo Cósmico e a bendita terra que invoca: o Pai que está em secreto e a Juno Saturnia Kundalini, a eterna esposa do Terceiro Logos.

Clama por Marte, Senhor da Guerra, e por todas as criaturas elementais das fontes e dos rios, pelos filhos do fogo e pelas divindades do mar. Até promete fielmente que se a sorte lhe for adversa na batalha pessoal contra Turno, seu inimigo, se retirará para a cidade de Evandro, porém se Marte lhe consente a vitória, não converterá os italianos em escravos e só pensará em coexistir com eles como amigos. Isso é tudo.

O juramento do bom rei latino com o olhar fixo no sol é muito significativo para aqueles que trabalham no magistério do fogo. Ele põe por testemunha os fogos que estão acesos dentro de si e as divindades dizendo: Quaisquer que sejam as circunstâncias, jamais amanhecerá o dia em que haja de ver os povos itálicos quebrando esta paz e esta aliança.

O rei latino põe por testemunha de todos seus juramentos as próprias divindades da terra, do mar, dos astros, bem como a dupla descendência de Latona, a Imanifestada Prakriti (Diana e Apolo) e Jano com o seu I.A.O., as três vogais que se canta no transe sexual da maithuna.

Em sua oração, aquele grande rei latino não se esquece da morada terrível de Plutão e dos Deuses Infernais, esses seres divinos, esses indivíduos sagrados, que renunciaram à felicidade do Nirvana para viver nos mundos infernais, lutando pelos decididamente perdidos.

Todas essas orações, preces e juramentos do mundo clássico antigo se tornariam incompreensíveis sem a ciência sagrada do fogo.

O advento do fogo dentro de nós mesmos é o mais formidável evento cósmico, porque o fogo nos transforma radicalmente.

Lembre-mos agora daquelas quatro letras postas na cruz do redentor do mundo: INRI. Ignis Natura Renovatur Integram. O fogo renova incessantemente toda a natureza.

Lá, na noite profunda dos séculos, no antigo Egito, o Grande Kabir Jesus, praticando a maithuna com a vestal de uma pirâmide, cantava os mantras INRI, ENRE, ONRO, UNRU, e ANRA, fazendo ressoar cada letra de maneira alongada e profunda.

É óbvio que cada um destes mantras se divide em duas sílabas esotéricas para a sua pronúncia.

Precisamos ser tragados pela serpente. Urge que nos convertamos em chamas vivas. Torna-se indispensável que consigamos o Segundo Nascimento para entrar no reino.

43 – RUNA LAF

Eu era muito jovem ainda e ela chamava-se Urânia e uma dessas tantas noites, não importa qual, abandonei por um tempo este corpo denso.

Que feliz me senti fora do corpo denso! Não há maior prazer do que aquele de se sentir a alma livre, quando o passado e o presente se convertem em um eterno agora.

Entrar nos Universos Paralelos torna-se fácil quando se tem a consciência desperta.

No Universo Paralelo da quinta dimensão, senti a necessidade íntima de invocar a um Mestre e clamei com grande voz, chamando, suplicando, pedindo...

Por um instante, me pareceu que todo o universo se transformava; tal é a força do verbo.

O cordão de prata possui o poder de alongar-se infinitamente e assim, as almas podem viajar livremente pelo espaço estrelado. E eu viajei muito até chegar no templo. Quando avançava, cheio de êxtase, pela misteriosa senda que conduz os Iniciados até as portas do santíssimo lugar, me vi atacado de forma inesperada por uma grande fera, por um touro mitraico, verdadeiramente espantoso.

Sem me persumir de valente, conto ao querido leitor que não senti medo. Enfrentei o animal resoluta e arrojadamente, pegando-o pelos cornos para lançá-lo por terra. Porém, nesses precisos instantes, aconteceu algo insólito. Diante da minha assombrada consciência, caiu uma corrente de ferro e o terrível animal desapareceu como por encanto.

Compreendi tudo intuitivamente. Precisava me libertar, romper cadeias escravizantes, eliminar o Ego animal.

Continuei meu caminho e entrei pela porta do templo. Não trocaria aqueles momentos nem por todo o ouro do mundo. Sentia-me embriagado de uma delicada voluptuosidade espiritual.

Bem sabem os Deuses o que aconteceu depois. E agora vou relatar aos homens.

Vi o carro dos séculos levado por três Mestres da Loja Branca. Um venerável ancião era conduzido naquele veículo misterioso. Como esquecer aquele rosto? Aquele porte? Aqueles traços? Tão sublime perfeição?

A testa do ancião era alta e majestosa; o nariz reto e perfeito; os lábios finos e delicados; as orelhas pequenas e bem feitas; a barba era branca e aureolada de luz; o cabelo de imaculada brancura caía suavemente sobre os ombros...

Obviamente, não podia deixar de perguntar quem era. O caso era terrivelmente divino, formidável. Ele se chama Pedro, respondeu um dos hierofantes que conduzia o carro dos séculos.

Ó meu Deus!... prosternei-me em terra diante do ancião dos séculos e ele, cheio de infinito amor e de compaixão, abençoou-me na língua sagrada.

Desde então, refleti muito e jamais me pesará ter ensinado à humanidade o Evangelho de Pedro, a maithuna, a yoga sexual.

E disse Patar, Pedro: Eis que ponho em Sião a principal pedra de ângulo, escolhida e preciosa. Para vós, pois, os que crêem, ela é preciosa, porém para os que não crêem, a Pedra que os edificadores

rejeitarem, veio a ser cabeça de ângulo, pedra de tropeço e rocha de escândalo.

E o Santo Graal? Não é por acaso a mesma Pedra Iniciática?

O Graal é uma pedra preciosa trazida à terra pelos anjos, cuja custódia foi confiada a uma Fraternidade Iniciática que se chamou Guardiões do Graal.

Eis-nos aqui, de novo, com a Pedra de Jacó, a Pedra Sagrada do Liafail escocês, a Pedra Cúbica de Jesod, situada pelos cabalistas hebraicos no sexo. O legítimo texto de Wolfam de Eschenbech relativo à Santa Pedra e à Branca Irmandade que a custodia sabiamente é o seguinte:

Esses heróis estão animados por uma pedra.

Não conheceis sua augusta e pura essência?

Se chama lapis–electrix (magnes).

Com ela,

se pode realizar toda maravilha (magia).

Ela, qual Fênix que se precipita nas chamas,

renasce de suas próprias cinzas,

pois nas próprias chamas remoça sua plumagem

e brilha rejuvenescida mais bela que antes.

Seu poder é tal que qualquer homem,

por mais infeliz que seja seu estado,

ao invés de morrer como os demais,

já não se conhece sua idade,

nem por sua cor, nem por seu rosto.

Seja homem ou mulher,

gozará da sorte infável

de contemplar a Pedra

por mais de duzentos anos.

A Pedra Iniciática converte–se esotericamente no Vaso de Hermes, no cálice sagrado.

Peter, Patar, Pedro, a revelação iniciática está no sexo e tudo que não seja por este caminho significa perda de tempo.

Resulta tremendamente significativo que tanto no Norte como na própria América encontremos a Runa Laf gravada nas pedras, o laftar, que quer dizer Salvador.

Obviamente, devemos levantar a igreja para o Cristo Íntimo sobre a Pedra viva. Ai daqueles que edificam o templo interno sobre as areias movediças das teorias. Descerão as chuvas e virão os rios e sua casa rodará no abismo, onde só se ouve o pranto e o ranger de dentes.

Se unirmos dois Laf pelo seu braço, teremos a letra M do matrimônio.

De fato, apenas pisando na Senda do Matrimônio Perfeito, se consegue o traje de bodas da alma, síntese perfeita dos corpos solares.

Infeliz daqueles que se fizerem presentes no banquete do Senhor sem o vestido de bodas.

A ordem do rei está escrita: Atai-lhes os pés e as mãos e lançai-vos nas trevas exteriores; ali será o choro e o ranger de dentes.

Porque muitos são os chamados, mas poucos são os escolhidos.

PRÁTICA

A prática correspondente a esta Runa consiste em se parar defronte ao sol, de manhã, no momento em que ele sobe pelo oriente, naquela atitude mística manifestada pela Runa Laf, mãos levantadas, e implorar-lhe auxílio esotérico.

Esta prática deve ser feita na aurora do dia 27 de cada mês.

44 – A LIBERAÇÃO FINAL

Temos de afirmar a necessidade da renúncia em nome da verdade. Precisamos passar pela Grande Morte, o que só é possível libertando–nos totalmente da mente.

Quando a natureza foi dominada radicalmente, vem, como é lógico, a onipotência e a onisciência. Quando o gnóstico Auto–Realizado renuncia as próprias idéias de onipotência e onisciência, sobrevém a destruição completa da semente do mal. Semente essa a qual devemos o nosso retorno ao Mahavântara, dia cósmico, depois de cada noite cósmica ou Pralaya.

Todo aquele que conseguiu a sua Auto–Realização Íntima tem direito a viver no Nirvana, porém se renuncia a essa felicidade, continuará pelo caminho direto que o conduzirá ao Absoluto.

Naturalmente, existem muitas vias transversais e Deuses tentadores bastante mais perigosos que os seres humanos. Eles tentam, não por maldade, nem por ciúmes, nem por temor de perder seu lugar, como equivocadamente supõem alguns autores orientais, mas por compaixão.

Nos instantes em que escrevo este capítulo, me vem à memória algo interessante.

Certo dia, depois de ter feito nova renúncia nirvânica, encontrava–me feliz em meu sétimo princípio, Atman, sobre agradável terraço de uma mansão inefável.

Estava no Nirvana, a região dos Dharmasayas, o mundo dos Deuses. De repente, flutuando no espaço, alguns bem–aventurados nirvanis aproximaram–se de mim.

Era certamente digno de se admirar e de se ver esses seres inefáveis vestidos com suas lindas túnicas de Dharmasayas.

Ao vê–los, verifiquei por experiência direta que eles eram chamas vivas de três pavios e que em si mesmos eram imortais.

Um daqueles seres inefáveis tomou a palavra para me dizer: Meu irmão, por que andas por esse caminho tão estreito, tão amargo e tão duro? Fica conosco aqui no Nirvana. Somos todos muito felizes.

Não puderam desviar–me os homens com suas tentações, muito menos vocês, os Deuses. Eu vou para o Absoluto. Essa foi minha resposta e logo saí daquele agradável lugar com passo firme e decidido.

Os gnósticos que não conseguem a perfeição absoluta, morrem e se convertem em Deuses. Cometem o erro de abandonar o caminho direto a fim de seguir pelas vias laterais. Adquirem muitos poderes, mas um dia, precisam voltar a se reencarnar para trilhar outra vez pelo caminho reto que os haverá de levar ao Absoluto.

É indispensável impedir que o conteúdo mental adquira diversas formas a fim de se conseguir a quietude da mente. O conhecimento direto dá–nos belas qualidades e quem segue o caminho reto deve ter o cuidado de não se apegar a essas virtudes.

A obtenção de poderes psíquicos jamais conduz alguém à liberação alguma. Nada mais é do que uma busca de gozos vãos. A posse de poderes ocultos nada mais faz do que intensificar a mundanidade em nós, tornando a vida mais amarga.

Numerosas almas, ainda que quase tenham atingido a liberação total, fracassam porque não podem renunciar de forma absoluta os poderes ocultos adquiridos. Esses seres submergem um tempo na natureza para depois surgirem novamente como donos, amos e senhores.

Há milhares de Deuses desse tipo. São divinos, inefáveis, mas não têm direito a entrar no Absoluto. Há muitos Auto-Realizados submersos na natureza. São irmãos que se detiveram nessa lado da perfeição e que impedidos por algum tempo de chegar ao fim, seguem governando tal ou qual parte do Universo.

Aos Deuses Santos correspondem certas funções superiores da natureza, que são assumidas por diferentes almas, mas eles ainda não conseguiram a liberação final.

Somente renunciando à idéia de nos converter em Deuses, de reger Kalpas (ciclos), podemos conseguir a liberação radical, absoluta.

O êxito pertence aos extremadamente enérgicos. Precisamos ser impiedosos para com nós mesmos. Urge que renunciemos e morramos de instante a instante. Somente à base de inúmeras renúncias e mortes entramos no Absoluto.

Falo aos seres humanos baseado na experiência direta. Sou um Avatara de Ishvara.

Realmente, Ishvara (o Mestre Supremo) é um Purusha muito especial, isento de sofrimento, de ações, de resultados e de desejos

Imaginem o Espírito Universal da Vida como um oceano sem praias, sem margens. Pensem por um momento em uma onda que surge para perder-se novamente no elemento líquido. Ishvara seria essa onda diamantina.

Brahma, o oceano do Espírito, manifesta-se como Ishvara, o Mestre dos Mestres, o Governador do Universo. Nele faz-se infinita a onisciência que nos outros existe em germe.

Ele é Mestre, inclusive para os antigos Mestres, não sendo limitado pelo tempo. A palavra que o manifesta é AUM.

Ishvara veio a mim e disse: **Escreve livros, mensagens, folhetos e tijitlis.**

Senhor – exclamei – que significa essa palavra **tijitlis**? Construir o Exército de Salvação Mundial, o Movimento Gnóstico, o Partido Socialista Cristão Latino-Americano... assim falou o Senhor e eu compreendi.

Ishvara é o verdadeiro protótipo da perfeição. Certamente está muito além do corpo, da mente e dos afetos.

Amadíssimos gnósticos, em verdade digo a todos que primeiro deverão chegar ao Segundo Nascimento, morrer em si mesmos e dar até a última gota de sangue por essa humanidade doente. Só assim conseguirão pisar na senda de João, o Caminho direto que leva ao Absoluto, para além dos homens e dos Deuses.

Não cometam o terrível erro de aguardar que a lei de evolução os conduza para a liberação final. Esse caminho direto apenas é possível através de incessantes revoluções íntimas.

Agora, todos são **imitatus**. Procurem se converter em **Adeptus**, antes de começar a escalar os três triângulos.

Os Anjos, Arcanjos e Principados constituem o primeiro triângulo. Potestades, Virtudes e Dominações vêm a ser o segundo triângulo. Tronos, Querubins e Serafins personificam o terceiro

triângulo.

Muitíssimo além dos três triângulos inefáveis está ISSO que não tem nome, ISSO que não é do tempo, o ABSOLUTO.

45 – O SONHO DA CONSCIÊNCIA

Com muito esforço e grande amor, chegamos ao penúltimo capítulo desta Mensagem de Natal 1968–1969 e convém eliminar, para o bem da Grande Causa, determinados espinheiros que obstruem o caminho.

Em tudo isso, existe algo demasiado grave. Quero fazer referência ao sonho da consciência.

Os quatro evangelhos insistem na necessidade de despertar, porém infelizmente as pessoas supõem que estão despertas. Para o cúmulo dos males, existe por toda parte um tipo de gente, muito psíquica certamente, que não somente dorme, como ainda sonha que está desperta.

Essas pessoas se auto–denominam videntes e se tornam demasiado perigosas porque projetam sobre os demais seus sonhos, alucinações e loucuras. São precisamente eles que impingem a outros, delitos que não cometeram e assim desbaratam lares alheios.

Resulta óbvio compreender que não falamos dos legítimos clarividentes. Referimo–nos, por agora, a esses alucinados, a esses equivocados que sonham estarem com a consciência desperta.

Com profunda pena, evidenciamos que o fracasso esotérico se deve à consciência adormecida. Muitos devotos gnósticos, sinceros amantes da verdade, fracassam devido a esse lamentável estado de consciência adormecida.

Nos tempos antigos, apenas se ensina o Grande Arcano, a maithuna, a yoga sexual, àqueles neófitos que despertavam a consciência. Os hierofantes sabiam muito bem que os discípulos adormecidos, cedo ou tarde, terminam abandonando o trabalho na Nona Esfera. O pior é que esses fracassados se auto–enganam, pensando de si próprios o melhor, e quase sempre caem como rameiras nos braços de alguma escolinha nova que lhes brinde um pouco de consolo. Depois, pronunciam frases como as seguintes: Eu não sigo os ensinamentos gnósticos porque eles exigem um casal e isto é coisa de um só. A liberação, o trabalho, é coisa que se tem de buscar sozinho.

Naturalmente, essas palavras de auto–consolo e de auto–consideração têm por objetivo unicamente a própria auto–justificação.

Se essa pobre gente tivesse a sua consciência desperta, perceberia o seu erro e compreenderia que eles não se fizeram sozinhos. Eles tiveram um pai, uma mãe e houve um coito que lhes deu vida.

Se essa pobre gente tivesse a sua consciência desperta, verificaria que assim como é em cima é em baixo e vice–versa, experimentaria diretamente a crua realidade dos fatos, dar–se–ia conta cabal do lamentável estado em que se encontra e compreenderia a necessidade da maithuna para a fabricação dos corpos solares, o traje de bodas da alma, e assim conseguir o Segundo Nascimento, do qual falou o Grande Kabir Jesus ao rabino Nicodemo.

Porém, tais modelos de sabedoria, dormem e não são capazes de verificar por si mesmos que estão vestidos com corpos protoplasmáticos, que se vestem com farrapos lunares e que são uns pobres coitados e miseráveis.

Os sonhadores, os adormecidos que supõem estarem despertos, não somente prejudicam a si mesmos, como ainda causam graves danos a seus semelhantes.

Eu creio que o equivocado sincero, o adormecido que sonha estar desperto, o alucinado que se qualifica de iluminado, o mitômano que se crê supertranscendido, em verdade, causam a si e aos demais muito mais dano do que experimenta alguém que jamais em sua vida ingressou nos nossos

estudos.

Estamos falando numa linguagem dura, mas podem estar seguros que muitos adormecidos e alucinados ao lerem estas linhas, ao invés de se deterem por um momento para refletir, corrigir ou retificar, buscarão apenas uma forma de se apropriarem de minhas palavras a fim de documentar suas loucuras.

Para desgraça deste pobre formigueiro humano, as pessoas levam dentro um péssimo secretário que sempre interpreta mal os ensinamentos gnósticos. Referimo-nos ao Eu Pluralizado, ao Mim Mesmo.

O mais cômico de Mefistófeles é a maneira como se disfarça de santo. Claro que o Ego lhe agrada que o ponham no altar e o adorem.

Compreendam de uma vez por todas que enquanto a consciência continuar engarrafada no Eu Pluralizado, não somente dormirá, como terá, o que é pior, o mau gosto de sonhar que está desperta.

O pior gênero de loucura resulta da combinação de mitomania com alucinações.

O mitômano é aquele que se presume de Deus, que se sente supertranscendido e que deseja que todo mundo o adore.

Esse tipo de gente, ao estudar este capítulo, imputará a outros minhas palavras e continuará pensando que já dissolveu o Eu, ainda que o tenha mais robusto que um gorila.

Quando um mitômano adormecido trabalha na Forja dos Ciclopes, estejam seguros que muito breve abandonará o trabalho dizendo: Eu já consegui o Segundo Nascimento. Eu estou liberado. Eu sou um Deus. Renunciei ao Nirvana por amor à humanidade.

Em nosso querido Movimento Gnóstico, já vimos coisa muito feia. Resulta espantoso ver os mitômanos, os adormecidos alucinados, profetizando loucuras, caluniando o próximo, qualificando os outros de magos negros, etc. Isso é espantoso.

Diabos julgando diabos! Não que se dar conta todos esses exemplos de perfeição que neste mundo doloroso em que vivemos é quase impossível encontrar um santo.

Todo mago é mais ou menos negro. De forma alguma se pode ser mago branco enquanto o Eu Pluralizado esteja metido no corpo. O Eu Pluralizado é o próprio demônio.

Isso de andar dizendo por aí que fulano está caído é certamente uma brincadeira de mau gosto, porque neste mundo todas as pessoas estão caídas.

Isso de caluniar o próximo e de destruir lares com falsas profecias é próprio de alucinados, de gente que sonha estar desperta.

Se alguém de fato quer auto-despertar, que se resolva a morrer de instante a instante, que pratique a meditação profunda, que se liberte da mente, que trabalhe com as Runas da maneira como ensinamos neste livro...

À Sede Patriarcal do Movimento Gnóstico chegam muitas cartas de adormecidos que dizem: Minha mulher... o fulano... o beltrano... está muito evoluído, é uma alma muito velha... etc.

Esses pobres adormecidos que assim falam, pensam que o tempo e a evolução podem auto-realizá-los, podem despertá-los e levá-los à liberação final. Essas pessoas não querem compreender que a evolução e sua irmã gêmea, a involução, são apenas leis mecânicas da natureza, as quais trabalham de maneira harmoniosa e coordenada em toda a criatura.

Quando alguém desperta a consciência, percebe a necessidade de se emancipar dessas leis e de se meter pela senda da revolução.

Queremos gente desperta, firme, revolucionária; de maneira alguma aceitamos frases incoerentes, vagas, imprecisas, insípidas, inodoras, etc.

Vivamos alertas e vigilantes como a sentinela em época de guerra. Queremos gente que trabalhe com os três fatores de Revolução da Consciência.

Lamentamos tantos casos de equivocados sinceros que só trabalham com um fator e muitas vezes infelizmente muito mal trabalhado.

Precisamos compreender que somos pobres feras adormecidas, máquinas controladas pelo Ego.

46 – RUNA GIBUR

Aqueles discos ou moedas de terra cozida, que abundam nas ruínas maravilhosas da antiga Tróia, estão cheios de cruzeiros jainas ou swástikas.

Tudo isso, convida-nos a pensar nos povos de Shekelmesha que, embora aparentados com os atlantes, em suas veias levavam também o fermento ariano, assim como os célebres povos de Yucatán.

Recordemos que os arianos começaram a se formar há mais de um milhão de anos.

A primeira das três catástrofes atlantes data de 800 mil anos aproximadamente, sendo que a última, como já dissemos em nossa Mensagem de Natal passada, ocorreu faz uns 11 mil.

A swástika das fusaiolas é um símbolo esotérico profundamente significativo. Com efeito, ele brilha sobre a cabeça da grande serpente de Vishnu, o Shesta–Ananta das mil cabeças que habita no Patala ou região inferior. Se estudamos a fundo esta questão, veremos que todos os povos antigos punham sempre a swástika à cabeça de seus emblemas religiosos, como o martelo de Thor, a arma mágica forjada pelos pigmeus contra os gigantes ou forças titânicas pré–cósmicas opostas à lei da harmonia universal. Logo, a swastika sagrada é o martelo produtor das tempestades que os Ases ou Senhores Celestes usam.

No macrocosmos, seus braços apoiados em ângulos retos expressam claramente e sem a menor dúvida as incessantes evoluções e involuções dos sete cosmos.

A swástika no microcosmos representa o homem assinalando o céu com o braço direito e a terra com o braço esquerdo.

A swástika é um símbolo alquímico, cosmogônico e antropogônico sob sete distintas chaves interpretadoras. Enfim, é o símbolo da eletricidade transcendente, o alfa e o ômega da força sexual universal, desde o espírito até a matéria. Por isso, quem consegue abarcar todo o seu significado místico fica livre de maya, a ilusão.

Fora de toda dúvida, a swástika é o molinete elétrico dos físicos. Dentro dela, encerram–se todos os mistérios do lingam–yoni.

A swástika em si mesma é a cruz em movimento, a yoga sexual, a maithuna, a magia sexual.

Os gnósticos sabem muito bem que o Ens Seminis contido nas glândulas endócrinas sexuais constitui a Água de Vida, a Fonte da Imortalidade, o Elixir da Longa Vida, o Nectar da Espiritualidade...

A Auto–Realização Íntima fundamenta–se no sêmen e na medula, exclusivamente. Tudo que não seja por aí, é lamentável perda de tempo.

Todos gostariam de submergir na corrente do som para conseguir a liberação final, porém, em verdade, em verdade, digo a todos que se não nascerem de novo nunca entrarão no Reino dos Céus.

Isso de nascer no Sanctum Regnum pertence, na realidade, aos mistérios da cruz e da swástika.

No mistério asteca, o Deus da Vida leva a cruz swástika na testa e os sacerdotes tinham–na como adorno em suas sagradas vestimentas.

Obviamente que, sem a alquimia sexual, sem o molinete elétrico, sem os sacros mistérios da swástika, a Auto-Realização Íntima, o Segundo Nascimento, do qual falou o kabir Jesus ao rabino Nicodemo, resulta algo mais que impossível.

No budismo zen do Japão, a cebola com as suas diferentes capas superpostas simboliza o ser humano com seus corpos sutis. No mundo ocidental, diferentes escolas de tipo pseudo-esotérico e pseudo-ocultista estudam tais veículos supra-sensíveis.

Os monges do budismo Zen enfatizam a necessidade de se desintegrar e reduzir a poeira tais corpos sutis para se conseguir a liberação final.

A filosofia Zen conceitua que esses organismos sutis são simples formas mentais que se têm de dissolver.

Os corpos internos estudados por Annie Besant, Leadbeater e muitos outros autores, são veículos lunares, corpos protoplasmáticos, que evoluem até um certo ponto perfeitamente definido pela natureza e após se precipitam pelo caminho involutivo a fim de regressarem ao ponto de partida original.

Os corpos lunares têm um princípio e um fim. Os monges do budismo Zen não se equivocam, quando tratam de dissolvê-los.

Mas, adiantemo-nos um pouco mais. Falemos agora sobre o TO SOMA HELIAKON, o traje de bodas da alma, o corpo do homem solar.

Lembrem-se da parábola evangélica da festa de bodas. Quando o rei entrou para ver os convidados e viu ali um homem que não estava vestido com o traje de bodas, disse: Amigo, como entraste aqui sem as vestes nupciais? Claro que ele emudeceu, de maneira alguma estava preparado para responder.

Terrível momento aquele em que o rei ordenou atar-lhe os pés e as mãos e que o jogassem nas trevas de fora, onde somente se ouve o pranto e ranger de dentes.

Que os distintos corpos solares, interpenetrando-se entre si, constituam o traje de bodas da alma, é algo que não deve nos surpreender.

Portanto, o fundamental, o cardeal, é fabricar os corpos solares, o que só é possível com a transmutação do hidrogênio sexual SI-12.

À base de incessantes transmutações sexuais, podemos condensar o hidrogênio do sexo na esplêndida e maravilhosa configuração do corpo astral solar.

Trabalhando com o martelo dos físicos na Forja dos Ciclopes, o sexo, podemos cristalizar o hidrogênio sexual no paradisíaco corpo da mente solar.

Trabalhando positivamente até o máximo na Nona Esfera, podemos e devemos dar forma ao corpo solar da vontade consciente. Só assim, mediante cristalizações alquímicas encarnamos o Espírito Divino em nós.

Somente assim, trabalhando com os mistérios da sagrada swástika chegamos ao Segundo Nascimento.

O desconhecimento dos princípios enunciados têm conduzido milhares de estudantes de misticismo aos mais graves erros.

Ignorar estes postulados fundamentais da Gnosis é gravíssimo, porque disso resulta o engarrafamento da inteligência em distintos dogmas e teorias, algumas vezes encantadores e fascinantes, porém absurdos e estúpidos, quando realmente examinados à luz do **tertium organum**, o terceiro cânon do pensamento.

Max Heindel pensa que o traje de bodas da alma, o SOMA PUCHICON, está constituído exclusivamente pelos dois éteres superiores do corpo vital ou o lingam sarira dos hindus.

Esse autor crê que aumentando o volume dos dois éteres superiores se consegue o SOMA PUCHICON.

O conceito é muito bonito, porém falso. Esses éteres não são tudo. Torna-se urgente, fabricar os corpos existenciais superiores do Ser, os veículos solares, se de verdade queremos chegar ao Segundo Nascimento.

De maneira nenhuma poderia alguém fabricar os corpos solares, o traje de bodas da alma, sem os mistérios sexuais da Runa Gibur.

Esta Runa é a letra G da maçonaria. É pena que os M.M. não hajam compreendido a profunda significação desta misteriosa letra.

O G é a cruz swástika , o Amen, o maravilhoso final de todas as orações.

G, também é o Gott ou God que significa Deus. Saibam que GIBRALTAR se chamou antes GIBURALTAR: o altar da vida divina, a ara de Gibur.

As pessoas esqueceram-se das práticas rúnicas, porém a Runa Cruz ainda não foi esquecida, felizmente.

Traçando o símbolo sagrado da swástika com os dedos polegar, índice e médio, podemos nos defender das potências tenebrosas. As colunas de demônios fogem diante da swástika.

Foi escrito em capítulos anteriores, porém não nos cansaremos de repetir: QUEM QUISER ME SEGUIR, NEGUE-SE A SI MESMO, TOME SUA CRUZ E SIGA-ME.

Pedro, crucificado com a cabeça para baixo, para a dura pedra, e com os pés levantados verticalmente, é um convite para o trabalho na forja dos ciclopes, na Nona Esfera. Precisamos trabalhar com o fogo e a água, origem de mundos, animais, homens e Deuses. É por aqui que começa toda a autêntica Iniciação Branca.

Os infrassexuais, os degenerados, os inimigos declarados do Terceiro Logos, protestam contra a Alquimia sexual da swástika.

Se alguém lhes disser que é possível conseguir a Auto-Realização sem a Santa Cruz, sem o cruzamento sexual de duas pessoas, digam-lhe que mente.

Se alguém amaldiçoar o sexo e lhes assegurar que é bestial e satânico, digam-lhe que mente.

Se alguém lhes afirmar ser necessário derramar o Vaso de Hermes, que isso não tem a menor importância, digam-lhe que mente.

Se alguém lhes ensinar alguma formosa doutrina que exclua o sexo, digam-lhe que mente.

Ai dos sodomitas, dos homossexuais, dos inimigos do sexo oposto... para eles haverá somente o choro e ranger de dentes.

Ai daqueles que se dizem cristãos, que levam a cruz no peito, dependurada no pescoço, porém aborrecem a maithuna, a yoga sexual. Para esses fariseus hipócritas haverá somente pranto e desespero.

SAUDAÇÕES FINAIS

Amadíssimos irmãos gnósticos:

Desejo a todos que a estrela de Belém brilhe em seu caminho.

Pratiquem estas Runas sempre em ordem. Comecem seus exercícios rúnicos no dia 21 de março e dediquem a cada Runa o tempo que desejarem.

Escrevam-me, mas suplico para não me remeterem adulações, elogios ou lisonjas pelo correio. Recordem que os nossos antigos traidores, foram antes, na realidade, tremendos adutores.

Quero que se resolvam a morrer radicalmente em todos os níveis da mente.

Assim como estão, como esse tremendo Eu dentro, realmente são um fracasso.

Muitos se queixam de que não conseguem sair à vontade em corpo astral, pois que despertem a consciência.

Quando alguém desperta, a saída em astral deixa de ser um problema. Os adormecidos não servem para nada.

Nesta Mensagem de Natal 1968–1969 lhes entreguei a ciência que precisam para o despertar da consciência.

Não cometam o erro de ler este livro como quem lê um jornal. Estudem-no profundamente durante muitos e muitos anos. Vivam-no, levem-no à prática.

Aqueles que se queixam por não terem conseguido a Iluminação, aconselho paciência e serenidade.

A Iluminação chega à nós quando dissolvemos o Eu Pluralizado, quando de verdade o matamos nas quarenta e nove regiões do subconsciente.

Esses que andam cobiçando poderes, esses que se utilizam da maithuna como pretexto para seduzir mulheres, acompanharão a involução submersa para ingressarem nos mundos infernais.

Trabalhem com os três fatores de Revolução da Consciência de maneira ordenada e perfeita.

Não cometam o erro de fornicar e adular.

Abandonem o hábito de borboletear. Quem vive borboleteando de flor em flor, de escola em escola, é candidato segundo ao abismo e à Segunda Morte.

Abandonem toda auto-justificação e toda auto-consideração. Convertam-se em inimigos de si próprios, se de verdade querem morrer radicalmente. Somente assim conseguirão a Iluminação.

Amadíssimos, partam do zero. Deixem de lado o orgulho místico, a mitomania e a tendência de se auto-considerarem supertranscendidos. Todos são apenas pobres animais intelectuais condenados à pena de viver. Façam um inventário de si mesmos para saberem quem são realmente.

Lembrem-se de que apenas possuem corpos lunares e Ego animal. Isso é tudo. Por que então cair na mitomania? A alma, a Essência, está engarrafada, adormecida, no Eu. Então em que baseiam o seu orgulho místico?

Sejam humildes para alcançar a sabedoria, mas depois de alcançá-la, sejam mais humildes ainda.

Quem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

PAZ INVERENCIAL

Samael Aun Weor

Revisão: Equipe Instituto Michael

Por favor, se você observou algum erro de tradução, ortográfico, de acentuação, gramatical etc., por favor entre em contato conosco indicando o(s) erro(s). Muito agradecidos!!!